Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 1972 — N.º 17804 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

PERSPECTIVAS

A CRISE ITALIANA

A formação do Governo de coligação centro-direita, presidido por Giulio Andreotti, foi bastante difícil, dado o mosaico de partidos políticos, cada um deles com grandes desejos de participar na governação do país. Mas, finalmente, era a solução lógica. A eleição presidencial, em Dezembro de 1971, em que um democrata-cristão substituiu um social-democrata, e principalmente o resultado das eleições gerais realizadas a 7 e 8 de Maio, com o fortalecimento do centro e da direita e uma descida das esquerdas, marcaram politicamente as características do novo Governo.

Por ROBERTO CAVALCANTI Exclusivo

Desde 1945, os traços distintivos da política italiana têm sido a incapacidade do partido socialista para se situar no marco da democracia.

Noutros países europeus — Alemanha, Inglaterra, Áustria, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega — os partidos socialistas, na sua modalidade social-democrática ou trabalhista, compreenderam que a sua missão tinha que ser democrática, recusando, portanto, qualquer contacto com os comunistas, que são totalitários.

Na Itália, os socialistas entenderam-no de outra forma e formaram bloco com o partido comunista.

Por alturas da queda do fascismo, os socialistas eram mais numerosos e tinham muito mais prestígio que os comunistas; mas a sua aliança com eles foi-lhes fatal: foram perdendo força, posições, fraccionaram-se e, por fim, o partido comunista passou a ser o segundo partido político da Itália.

O mais razoável — tal como na Alemanha e na Inglaterra — era criar uma esquerda democrática frente à direita conservadora, para alternar, passando da oposição ao poder e do poder à oposição, sempre na base das instituições democráticas.

A incapacidade socialista veio fortalecer, tornando-a insubstituível, a democracia cristã, por um lado, e o partido comunista, por outro.

Por fins dos anos cinquenta, parecia que, finalmente, os socialistas se haviam dado conta do seu equívoco e dispuseram-se a colaborar com a democracia cristã no Governo. Iniciou-se então a conhecida fase da «abertura à esquerda».

Durante cerca de dez anos, de 1963 até começos de 1972, a Itália teve vários Governos de coligação centro-esquerda: democracia cristã e socialista. E, com algumas dificuldades, com altos e baixos, o país foi singrando e progredindo.

Mas, os socialistas haviam «rompido» com os comunistas sem qualquer entusiasmo e, consciente ou inconscientemente, constituiram-se numa espécie de plataforma prepara-

Continua na pág. 2

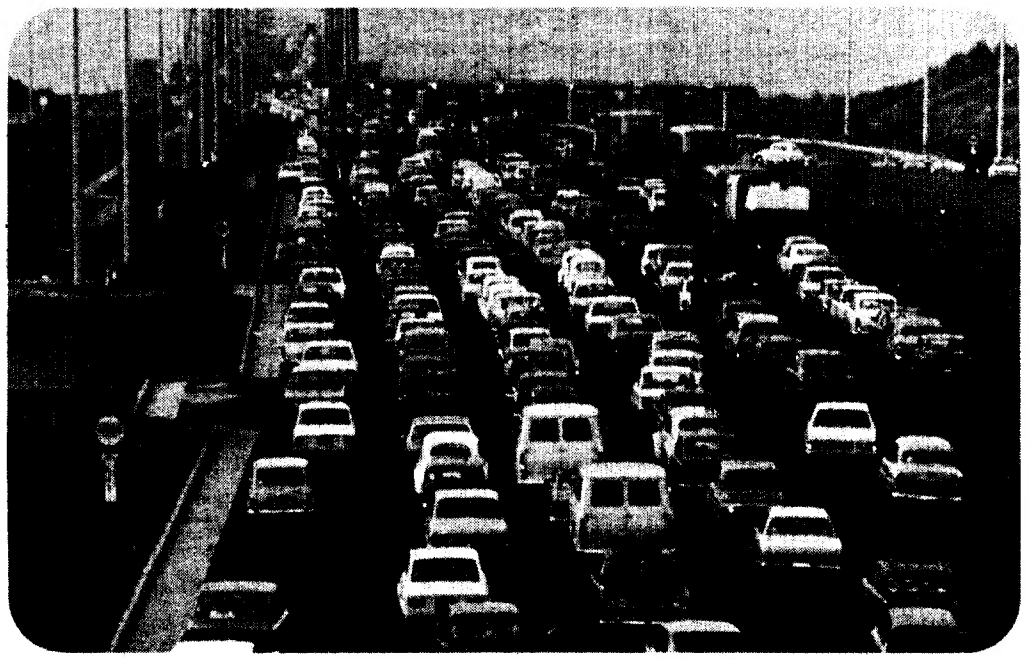
A convite do Governo de Hanoi, a acrtiz Jane Fonda está em visita ao Vietname do Norte. Ei-la num centro de defesa antiaérea (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

SAIGÃO PEDE MAIS ARMAS

«A vietnamização está a resultar, mas precisamos de melhores armas» — declararam oficiais sul-vietnamitas em Saigão, onde não restam dúvidas de que os Estados Unidos as fornecerão caso as conversações de Paris voltem a transformar-se num beco sem saída. A ofensiva vietcong, que teve início no dia 30 de Março, destruiu o plano de vietnamização **por ter obrigado a antecipar a sua realização.**

O original plano para a vietnamização foi — de acordo com oficiais norte-americanos — «totalmente destruído pelo rasto dos pesados tanques russos e chineses» utilizados pelos norte-vietnamitas. Os oficiais do estado-maior sul-vietnamita e elementos do ministério dos Negócios Estrangeiros concordam que, da forma como as coisas estão a decorrer presentemente no Vietname do Sul, o país tem de aceitar o apoio aéreo e naval dos Estados Unidos «por um longo tempo». A duração deste período poderá ser de meses ou anos e «depende sobretudo dos acontecimentos», declaram os sul-vietnamitas. Esta declaração reflecte um facto reconhecido por todos os oficiais norte-americanos em serviço no Vietname: as forças armadas sul-vietnamitas estão sub-equipadas, em comparação com as norte-vietnamitas, sustentadas pelas novas armas soviéticas. Os Estados Unidos têm resistido a organizar a força aérea sul-vietnamita porque, segundo declarações de um membro da força aérea norte-americana, «se os sul-vietnamitas tivessem esses aparelhos, efectuariam missões até Hanói. O marechal Nguyen Cao Ky declarou o mesmo em 1960 e os Estados Unidos têm tido a preocupação de manter a escalada sob o seu controle. Entretanto, a lista oficial de baixas norte-americanas mostra que, entre o começo da presente ofensiva e o dia 15 de Julho os EUA perderam 103 aviões e 61 helicópteros. (ANI e DL)

REGRESSAR FOI O PIOR



«Mais uma vez foi problema para os lisboetas regressar a Lisboa ontem ao fim da tarde, depois de mais um domingo passado nas praias do Sul. A zona da península de Setúbal, Troia e *o Algarve receberam a maior parte dos ocupantes de 39 976 veículos que sairam de Lisboa* pela ponte Salazar. Muitos regressaram no mesmo dia e, assim, 37 990 carros passaram pela ponte de volta à capital. Na portagem de Sacavém o número de saídas — 18 701 carros *foi pràticamente igual ao das entradas — 17 468. As praias do litoral torrense receberam* extraordinária afluência, de Santa Cruz a Porto Novo, enquanto na estrada de Sintra se registaram *engarrafamentos de manhã e à* noite

Peste dos aviários já está erradicada

. Foi afastada, no começo, a ameaça de epidemia da «peste de Newcastle» nos galináceos que Lisboa come. A partir do mês de Maio, o Matadouro de Aves não descobriu nenhum caso — declarou ao DL o dr. Rui Ribeiro, médico veterinário que fiscaliza o abate e selecção de frangos no Matadouro Municipal de Lisboa. Verificaram-se alguns casos na península de Setúbal e os rumores postos a circular provocaram um retraimento pronunciado no consumo da carne de frango. O fenómeno revestiu-se de particular gravidade, uma vez que a carne de frango, com o aumento de preço da carne de vaca e de porco, se apresenta como uma solução alimentar para muitos portugueses. (P. 24).

RESUMO

Crise

Dois membros do governo holandês, o ministro dos transportes Willem Drees e o ministro das Ciências Maurits de Brauw, demitiram-se hoje, lançando o país numa crise governamental. A saída dos dois ministros parece indicar um profundo desacordo em relação às propostas orçamentais, que prevêem um saldo equilibrado (R/DL).

MENDES CAI NO "TOUR"

Fernando Mendes não alinhou esta tarde à partida para o segundo troço da 14.ª etapa da «Volta à França», por ter sofrido uma queda na descida do Galibier. Concluíu a primeira parte da tirada em 58.º lugar, gastando quatro minutos e 52 segundos mais do que o vencedor (Eddy Merkx) mas, por ter sofrido fractura de uma clavícula, recolheu ao hospital. Dada a proximidade da nossa «Volta», Mendes não poderá alinhar na mais importante prova do ciclismo português, sendo assim a segunda baixa de importância: recorda-se que também Joaquim Andrade (igualmente vítima de doença no «Tour»), tem presença duvidosa na «Volta a Portugal».

HOJE: 32 PÁGINAS

O PROF. MARCELLO CAETANO VISITOU COIMBRA

O Presidente do Conselho visitou ontem a cidade de Coimbra, por ocasião do encerramento das festas da Raínha Santa.

O prof. Marcello Caetano foi recebido no Mosteiro de Santa Clara, onde assistiu à missa, pelas autoridades civis, militares e académicas, clero diocesano e deputados do círculo, e pelo presidente da Confreria da Raínha Santa e presidente distrital da A.N.P., prof. Afonso Queirós. O chefe do Governo vinha acompanhado pelo ministro das Comunicações e Obras Públicas, eng. Rui Sanches. Na homilia que proferiu durante a missa, o prelado de Coimbra dirigiu saudações aos visitantes e referiu as relações entre a Igreja e o Estado.

Da parte da manhã, o prof. Marcello Caetano percorreu a marginal do Mondego, deteve-se nos terrenos onde vai ser construída uma nova unidade hoteleira e os locais da Av. Bissaia Barreto destinados ao Hospital Escolar, seguindo depois para as instalações do Estádio Municipal, Cnetro de Informática e Escola Eugénio de Castro, e visitou o Instituto Industrial e Comercial, que em breve vai ser inaugurado.

O chefe do Governo almoçou no Instituto de Obras Sociais da Previdência, no Penedo da Saudade, acompanhado pelo governador civil e outras individualidades. Depois da refeição, dirigiu-se a casa de familiares seus e do eng. Rui Sanches.

De tarte, o prof. Marcello Caetano assistiu à procissão da Raínha Santa, visitando de passagem o Centro Universitário da Mocidade Portuguesa Feminina e a Feira Industrial do Centro.

No percurso, o Presidente do Conselho recebeu saudações dos presentes e foi homenageado com flores destinadas ao andor da santa padroeira da cidade.

PARA REPRESENTAR PORTUGAL

NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR

DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

.....

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º __ LISBOA

Veja as páginas de espectáculos

A CRISE ITALIANA

Continuação da primeira página

tória da entrada dos comunistas no Governo.

Essa cumplicidade provocou a cisão do partido socialista unificado, e o sector esquerdista, mais numeroso, começou a advogar abertamente a participação dos comunistas no Governo.

A Itália reagiu contràriamente nas eleições de Maio. O partido socialista saiu arruinado da pugna e o partido comunista não fez quaisquer progressos: estagnou. Em contrapartida, o centro robusteceu-se e a extrema direita neo-fascista registou avanços impressionantes.

O xadrez político italiano mudou por completo. Dada a composição da Câmara e do Senado, eram possíveis duas soluções: a coligação centro-esquerda, que havia durado dez anos; ou então a do centro com uma ligeira inclinação à direita.

Giulio Andreotti, de acordo com o Presidente Giovanni Leone, preferiu a segunda solução, atendendo a que a primeira se mostrava um tanto ou quanto gasta. E assim, o Governo de Andreotti ficou constituído por 17 ministros democratas-cristãos, 5 sociais-democratas (socialistas da direita) e 4 liberais (direita).

O partido republicano, pequeno mas prestigioso, negou-se a fazer parte do Governo, mas comprometeu-se a apoiá-lo na Câmara e no Senado.

Na câmara (630 deputados), o Governo de Andreotti terá uma maioria de 17, e no Senado (322 senadores), de 4. É uma base parlamentar muito reduzida, sem dúvida, mas uma maioria.

O novo Governo atravessará uma fase difícil no próximo Outono, quando quatro milhões de trabalhadores italianos se mobilizarão para estabelecerem novos contratos de trabalho.

Mas, Giulio Andreotti, que soube resistir admiràvelmente ao temporal, durante o período eleitoral de Maio, conseguirá navegar agora evitando os escolhos. É jovem ainda — tem 52 anos — e capaz. Muito sereno, dispondo de muita calma, não se deixa dominar nunca pela excitação. Sabe caminhar mais depressa que o adversário. Retrata-o perfeitamente esta frase sua: **«O poder só desgasta os que o não exercem».**

SPÍNOLA:

"CONSEGUIMOS NEUTRALIZAR AS MINORIAS ACTIVAS"

«Estamos no caminho certo — ninguém poderá duvidar» — afirmou o general Spínola, ao conferir posse ao novo secretário-geral da Guiné, dr. Libânio Pires. O governador disse depois ter-se inegàvelmente operado **«uma viragem na conjuntura da província»**, viragem que se deveu a **«uma atitude realista e honesta de reconhecimento dos erros próprios e do propósito firme de os solucionar; que se deveu ao clima de abertura ao diálogo e à participação das populações com recurso aos Congressos do Povo, única via de o conseguir no quadro dos condicionalismos actuais; o que se deveu, finalmente, à definição inequívoca e objectiva de um programa de realizações sócio-económicas, do qual nos não temos afastado.»**

O general Spínola iniciou o seu discurso com um louvor ao empossado, que fez carreira na administração ultramarina, e ao coronel Pedro Cardoso, cuja substituição suscitara «sérias apreensões», ao fim de quatro anos **«em luta permanente contra carências de toda a ordem, a inoperância de uma anquilosada máquina administrativa, hábitos inveterados de rotina e vícios graves a entravar a renovação das estruturas e dos espíritos dos homens que as servem, renovação que teve de realizar-se em clima pouco colaborante e por vezes claramente hostil».**

MINORIAS E ELITES

«Conseguimos neutralizar as minorias activas, tantas vezes extremando campos sob a arrogância de uma representatividade sem expressão real; e, o que é mais, conseguimos em sua substituição tornar actuante a maioria, até aqui silenciosa e sofredora, da boa gente desta Província», disse também o governador, que mais adiante declarou: **«nada teremos feito de verdadeiramente válido enquanto a Guiné não dispuser de elites africanas necessárias ao pleno funcionamento das sua estruturas num quadro convenientemente regionalizado, nem o desenvolvimento económico e social atingir padrões que situem a Província em plano de paridade com os demais espaços demo-geográficos do conjunto português.»**

«Importa pois, à luz dos já consagrados cinco pontos do nosso ideário, que os esforços do Governo continuem a concentrar-se na promoção de debates na regionalização das estruturas, na dilatação da capacidade de emprego a todos os níveis e no crescimento tempestivo dos suportes material e subestrutural de todo o esquema, que em última análise visa a expansão da Guiné e a valorização cultural do seu bom povo.»

«A FÓRMULA MAIS INTELIGENTE»

Em resposta, disse a certa altura o dr. Libânio Pires, que foi Chefe do Gabinete do general Spínola e, segundo este, «se encontra totalmente integrado no pensamento do Governo»: **«Quando se tem um Governador como Vossa Excelência, que sabe o que quer, que é intransigente na defesa dos princípios de justiça sejam quais forem as pessoas e os interesses em causa e que põe acima de tudo a defesa do bem comum, é uma honra servir. E essa honra é muito maior porque Vossa Excelência tem mantido na província uma luta corajosa e desassombrada contra o nosso pior inimigo neste momento, que são os conceitos ultrapassados.»**

«Sem aceitar rotinas, Vossa Excelência definiu, ao longo de quatro anos, todo um conjunto de princípios que se puserem em prática na Província, apesar de todas as incompreensões e resistências e que sem dúvida constituem a fórmula mais inteligente e eficaz para garantir ao País a sua integridade e um futuro digno do passado,» disse ainda o empossado.

CARNE DO ALENTEJO

Em Beja, foi lançada a primeira pedra para o novo Matadouro, que vai centralizar a política de abate numa vasta região do Sul do País. Trata-se de um conjunto industrial de grande vulto, com 15000 metros quadrados de área coberta e que disporá de um complexo frigorífico com capacidade para 1000 toneladas de armazenamento congelado, 100 toneladas de armazenamento refrigerado, 30 toneladas de congelação diária e 45 toneladas de pré-refrigeração diária.

O projecto é da Profabril, sendo a sua concretização e exploração entregue a uma empresa constituída (Matadouro Industrial de Cooperação Agrícola) a partir da Federação dos Grémios da Lavoura, Cooperativas Agrícola) a partir da Federação dos Grémios da Lavoura, Cooperativas Agrícolas e Associações de Regentes.

Trata-se da quarta grande unidade nascida do decreto-lei de 1969 que ditou a orientação quanto à chamada rede nacional do frio, destinada a dotar as várias zonas do País com capacidade pecuária, de matadouros capazes de receber nas respectivas regiões a respectiva produção e normalizarem a sua distribuição e comercialização. A Comissão nomeada para a execução do plano já conseguiu dar andamento ao Matadouro do Cachão, ao Centro de Abate da Uniagri (Vale de Cambra), que se encontra pràticamente concluido, e ao Matadouro Regional do Porto.

Nas palavras que proferiu em Beja, o eng. Vasco Leónidas, que ali se deslocou para assistir à cerimónia do lançamento da primeira pedra da nova unidade, salientou: **«Dos estudos elaborados confirmou-se ser a cidade de Beja o local indicado para a construção de uma novidade convenientemente dimensionada para servir uma importante região onde se encontram potencialidades indiscutíveis de fomento de produção, ao mesmo tempo que reune possibilidades de franca expansão de consumo, tais como a zona turística do Algarve e a área industrial de Sines».**

Segundo aquele membro do Governo, a **«unidade de que hoje se inicia a construção irá dispôr de instalações que logo na primeira fase a colocam na categoria daqueles que internacionalmente se consideram com possibilidades de melhor nível de rendabilidade. Dispõe também de capacidade de armazenagem quer de refrigeração quer de congelação, que irá permitir uma valorização das carcaças abatidas em todas as épocas do ano e destinadas a qualquer centro de consumo. Prevê-se conveniente transformação dos sub-produtos, um aproveitamento total que se reflectirá necessàriamente em melhores condições de benefícios à criação de gado».**

Uma das hipóteses mais válidas da expansão do regadio alentejano será, exactamente, a criação pecuária. Porém, a lavoura tem deparado com enormes dificuldades no que diz respeito à comercialização dos produtos, uma vez que a circunstância de o abate ser feito em Lisboa, dá lugar e grande desvalorização dos animais em peso e qualidade, além das inevitáveis despesas de transporte. A rede nacional de matadouros não será a solução definitiva, mas não há dúvida que constitui um sector muito importante para a recuperação pecuária, fundamental para a economia do país no que concerne a produtos da Lavoura.

Férias com o DIÁRIO DE LISBOA

FAÇA HOJE MESMO A SUA ASSINATURA

PELO PERIODO DE

10 DIAS	15$00
15 DIAS	22$00
20 DIAS	30$00
30 DIAS	45$00

PAGAMENTO ANTECIPADO POR SELOS, CHEQUES OU VALE DE CORREIO

ESTEJA ONDE ESTIVER, O «DIÁRIO DE LISBOA» ESTARÁ CONSIGO

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

HOSPITAL DE SANTA MARIA

O prof. João Rafael Casqueiro de Morais, director do serviço de medicina operatória do Hospital de Santa Maria foi nomeado director do serviço de patologia cirúrgica do mesmo estabelecimento, enquanto tiver a seu cargo a regência da cadeira de Patologia Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Na fábrica ou em casa saiba onde está o seu extintor

Opinião

UM BEM QUE NÃO SE FABRICA

Com sessão solene e descerramento de lápide, foi inaugurada em Coimbra uma estação de tratamento de águas que abastece uma zona urbana e rural de mais de duas mil habitações. Por essa ocasião, fez o secretário de Estado das Obras Públicas um discurso em que afirmou: *É momentoso, na realidade, o problema da água (...). Nos dias que decorrem, a água — bem precioso que não se* fabrica — é do interesse vital das mais variadas *actividades, e, assim, se apresenta como factor decisivo, seja do desenvolvimento urbanístico ou industrial, seja da modernização da agricultura ou da promoção turística.*

Palavras ponderadas a que nada temos que acrescentar, salvo, talvez, que a água também serve para matar a sede. De sede, por exemplo, está gravemente padecendo a Praia das Maçãs, onde, durante uma semana inteira, faltou este *bem que não se fabrica*, e onde depois voltou a faltar, mantendo-se a ameaça de reincidência. As razões da secura (há sempre razões para tudo, como se sabe) nada podem contra a frustração de abrir uma torneira e não ver cair gota, e isto durante sete dias...

Reconhecmos que o Governo e as autarquias locais se preocupam com esta carência endémica que desde há muito atormenta o País. Há inquéritos (decerto minuciosos), estudos (decerto atentos), e aqui e além surgem obras que acalmam, ao mesmo tempo, a sede e as impaciências. Mas, por cada caso resolvido, nascem ou agravam-se outros, e assim continuará a ser até que, como promete o secretário de Estado das Obras Públicas, seja estabelecida *uma política nacional de saneamento básico*. Uma tal política, porém, não se define nem se põe em prática dentro de curto prazo, e por isso seria desejável que o futuro grande plano global não levasse a adiar a resolução de problemas imediatos e urgentes, como é este da Praia das Maçãs entre tantos outros.

Uma das críticas a que o brio patriótico doméstico é mais sensível, consiste na opinião que os estrangeiros tenham a nosso respeito. Fazemos tudo para que pensem bem de nós, e não costuma haver mais curto caminho para a resolução de certos problemas do que lembrar que *o turista não vai gostar*. Realmente, se durante sete dias o turista não pode tomar banho, que coisas irá ele dizer de nós quando regressar ao seu país? se, para cozinhar. supondo que faz campismo total, tem de se abastecer de águas minerais, como não serão azedas as suas críticas? Arbitro por excelência, o turista seria o grande provedor de quanto nos falta, aquele que garantiria, enfim, a infalibilidade das estruturas básicas da nossa terra.

Preferiríamos, contudo (o que é uma diferente forma de patriootismo), que para se resolverem e atenderem as necessidades dos povos não se invocasse tanto o turista, o estrangeiro, o tal juiz severo, vindo de civilizações mais apuradas, e que, pelo contrário, esse turista encontrasse para seu uso próprio o que já antes o era para toda a gente... Assim usufruiríamos de um estatuto comum, onde não houvesse regiões mais ou menos desenvolvidas, segundo a maior ou menor afluência turística.

Um velho ditado da sabedoria popular distinguia entre filhos e enteados. Aplicando-o hoje ao caso, é claro que não desejaríamos fazer dos turistas enteados, mas certamente não quereremos negar aos que cá nasceram a sua condição natural de filhos, de facto e de direito. Com todos os direitos.

PIERRE DE BOISDEFFRE

VIVER EM AUSCHWITZ

Na Silésia dos altos fornos, dos caminhos de ferro e das cidades operárias, nada há que assinale à primeira vista o campo de Auschwitz como um lugar de pavor. Mal se distinguem as suas construções em tijolo e as suas áleas bordadas de choupos das casas vizinhas de Oswiecim, que foi, no século quinze, um risonho ducado e não passa hoje de uma cidade banal e sem graça.

À entrada do campo ergue-se, actualmente, vasto e moderno edifício — hotel e restaurante — porque é preciso alojar e alimentar bem os visitantes. Parece que é necessário recordar, no Verão, a campistas inconscientes, que Auschwitz é um lugar de peregrinação. Todas as sociedades cedem à tentação de utilizar os seus mortos, e a literatura mediocre que se vende aqui não é mais digna do que as outras de tão grande tragédia. Auschwitz não tem necessidade de literatura.

Após termos atravessado o *hall de cimento do sombrio hotel, deparamos, percorridos cerca de vinte metros, com a cerca rodeada de arame farpado. Os postos de observação em madeira recortam a sua silhueta baixa no cinzento do céu. À esquerda, a casa dos guardas, flanqueada por uma torre quadrada. O portão de ferro aberto interrompe a dupla cerca electrificada que, não há muito, impossibilitava qualquer evasão. Passemos sob o arco onde se vêem ainda, em grandes letras brancas, as três palavras que Auschwitz celebrizou, como o próprio símbolo da mentira: «ARBEIT MACHT FREI» («O trabalho liberta»)*. De ambos os lados do caminho alinham-se as construções em tijolo, de um andar, onde se amontoavam os detidos. Entremos num destes blocos.

O que nos espera aqui não é uma visão pavorosa; sentimo-nos mesmo surpreendidos a imaginar com a banalidade do local. Poder-se-ia imaginar salas de aula ou até leitos de hospital, nestas grandes salas iluminadas por verdadeiras janelas; existem mesmo fogões a carvão em cerâmica; uma fábrica de torneiras no rés-do-chão; as escadas de cimento têm um aspecto limpo: os nossos prisioneiros de guerra tiveram frequentemente de se contentar, durante cinco anos, com instalações mais rudimentares. Foi o uso que se fez deste local cinzento que o tornou monstruoso.

Em primeiro lugar, a amontoação: estes sobrados, construídos para abrigarem em cada andar cerca de duzentos e cinquenta detidos, viram amontoar-se mais do dobro e, por vezes, mil. Em seguida, é preciso imaginar os ritos de detenção: o despertar de madrugada, a interminável chamada uma a duas horas de pé debaixo de chuva, o vento, o frio; os gritos dos *kapos*, as pancadas, as *schlagues*... A leitura das «ordens» fazia-se junto dos corpos estendidos daqueles que acabavam de morrer de noite e fora preciso alinhar barraca por barraca, homem por homem... A mesma chamada voltava a fazer-se à noite, depois do trabalho, na atmosfera gelada durante seis meses do ano. Os mais

válidos amparavam os que já não podiam andar, tentando erguê-los, a fim de lhes evitar os golpes de matraca ou o tiro na nuca.

Um dos blocos — o 21 — foi transformado num museu. O museu da morte lenta. Como num diorama sinistro, podemos acompanhar aqui, pela imagem e pelo objecto, a descida aos infernos dos párias da nova Europa. Eis aqui, no cais das estações de caminho de ferro, o povo dos *ghettos*; as famílias estão unidas; as pessoas têm ainda o ar de «burguesas», os homens têm gravata e as mulheres chapéu. Porém, os famosos vagões chumbados onde vão amontoar-se para viajarem através de toda a Europa farão deles, desta vez, habitantes dos campos de concentração.

Olhai bem para este mapa: desde o avanço das tropas alemãs na União Soviética, Auschwitz tornou-se o lugar geométrico de todos os *ghettos* da Europa. Fica mais ou menos à mesma distância de Oslo e de Drancy, de Bolonha e de Salónica, de Kiev e de Riga... A aranha nazista teceu a sua teia onde convergem, de todas as cidades ainda ontem felizes, pessoas que nem imaginam o que lhes vai acontecer. Auschwitz é um campo de trabalho, um campo de reeducação, dizem-lhes; a princípio, trata-se mesmo de um *campo modelo*, que os representantes da Cruz Vermelha são convidados a visitar.

A ilusão, porém, dura pouco, e o comandante dissipa-a logo à chegada. *«Auschwitz*, ruge ele, *não é uma vilegiatura. Aqui, quem não trabalha não come.»* Belo princípio, posto imediatamente em prática: para os fracos e os doentes a morte; a morte lenta espera os outros. E todos devem deixar as suas bagagens.

Eis aqui, reunidos tal como foram encontrados, estes humildes testemunhos da vida quotidiana. Os objectos caseiros: canjirões, bacias das mãos, termos; milhares de sapatos de todos os tamanhos, sujos de lama, gastos, despedaçados com um golpe de navalha pelos S.S. em busca de jóias e de dinheiro. As malas: as mais luxuosas, as provenientes do bom marroquineiro de Viena ou de Amesterdão, foram «recuperadas»; estas encontram-se em péssimo estado. Todas elas têm, escrito em maiúsculas brancas, o nome do seu possuidor, o local de origem e a data da detenção. Leio ao acaso: Sima Brinkmann, Lintzmannstaadt, 1941; Jana Neumann, Amesterdão, 1942; Heléne Lewandowski, Paris, 1943... Por vezes, a bagagem — ou a cartonagem — é mais pequena; vê-se então, ao lado do nome, a menção «Kleinkind»: criança... Na montra a seguir, foram arrumadas as roupas dos garotos de ambos os sexos: peúgas e luvas, *écharpes* e lenços, aventais aos quadrados, centenas de sapatos e mesmo biberões e brinquedos humildes, salvos da tragédia...

Aqui, como não sonhar? Estas crianças, que brincavam ainda ao *Vel' d'hiv'*, em Drancy, não terão conhecido a idade adulta; mas a desgraça fez delas, prematuramente, homens. Eis aqui centenas de fotografias; todos têm mais de treze anos: os pequenos — incapazes para o trabalho nas minas — foram mortos; estes exibem, tal como os adultos, o famoso triângulo: deportados políticos ou raciais. Alguns têm mesmo direito à menção: *criminosos*. Porém, ainda hoje, nestas modestas fotografias de antropometria, o seu olhar luminoso interpela-nos: *«Homens, que fizestes de nós?»* No rosto cerrado desta jovem, nos seus olhos límpidos, absolutamente puros, leio a dignidade, a recusa, a inocência e, quem sabe, o orgulho de ser *esta vítima destes carrascos*. Outros têm um olhar de animais encurralados, que não compreendem por que razão ali se encontram.

Os serviços do célebre doutor Mengélé classificaram, com o mesmo cuidado meticuloso, as fotografias das crianças que lhes serviram de cobaias. Teriam eles ainda uma mãe no campo, estes pequenos ciganos cadastrados em nome do eugenismo nacional-socialista? Estes gémeos submetidos a experiências contraditórias? (Alguns sobreviveram).

A morte não interrompia o zelo dos carrascos. Tudo podia, tudo devia *servir*. O que é, por detrás das vidraças deste compartimento, esta massa cinzenta, de um cinzento sujo quase uniforme? Há aqui *3 toneladas* de cabelos femininos; por vezes, ficamos surpreendidos ao notar, no meio destas mechas extenuadas, descoloridas à força de serem cinzentas, uma trança loura ou castanha: parte ínfima do espólio de que se faziam colchões e almofadas para a *Wehrmacht*.

Neste gabinete do rés-do-chão do Bloco 18, chamado, como no Evangelho, o «Pretório», havia, pelo menos durante uns instantes, um homem defronte do seu «juíz»: o oficial da semana. Entremos nesta sala; ao lado dos dormitórios dos *kapos*, é um gabinete sóbrio à imagem de uma justiça austera. Vê-se um armário e um posto de rádio, maciço; uma mesa repleta de papelada; na parede, um armeiro com diversas espingardas; a única decoração é a fotografia de Hittler; de perfil, a risca impecável, o bigode inconfundível, o seu olhar de lince triste fixa-se na inscrição em caracteres góticos: *«Ein volk! ein Reich! ein Fuehrer!»* Não há dúvida de que esta afirmação assume aqui todo o seu significado; comparecer sob este retrato era já escutar a sentença e, quase imediatamente, sofrê-la (num compartimento obscuro, a dois passos). Saint - Juste garante que *«ninguém pode reinar inocentemente»*. Em Auschwitz, ninguém vivia inocentemente.

Raramente o trágico e o quotidiano terão coexistido tão perto como no rés-do-chão deste bloco. Dum lado, a banalidade de uma vida quatidiana e burocrática; armários e fogões; *dossiers* e penas de escrever; leitos e bancos. A alguns metros, o horror, o sofrimento e a morte.

Do outro lado do corredor, alinham-se de facto as celas, ditas punitivas, concebidas para obrigar quatro prisioneiros a ficarem de pé toda a noite as celas de observação, com um ralo duplo que permitia aos medicos nazistas observarem os efeitos da fome, da sede, do alcoól ou da hipoglicemia (*sempre a mania das experiências!*). Os prisioneiros, *«dispensados do trabalho»*, em grupos de doze ou treze na cela 18, aguardavam o momento de morrer de inanição. Como se lhes permitia que bebessem, a agonia prolongava-se por dez a doze dias. Foi aqui que o abade Kolbé, cuja beatificação todas as igrejas da Polónia celebram, se tornou um santo sem disso se aperceber. *«Levai-me em seu lugar! Estou tão magro, tão velho e tão fatigado»*, disse aos S.S. que tinham fixado a sua escolha num jovem pai de família. Este sobreviveu. O Abade Kolbé, que não se mostrava suficientemente apressado em morrer, foi finalmente morto?

Continua na pág. 9

DL/NACIONAL

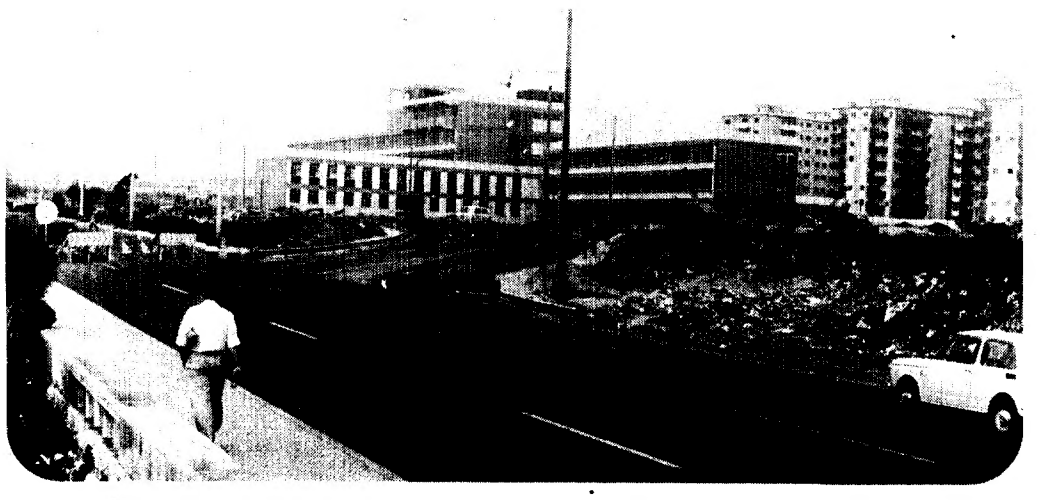
DEU BARBITÚRICOS A TRÊS MENORES...

Saíram já do hospital de S. João, regressando a casa, os três rapazes que tomaram comprimidos de um barbiturico e passaram a noite de sábado para domingo na sala de observações daquele hospital, no Porto.

O caso foi já comunicado á polícia Judiciária pela G. N. R. de Valongo, a quem os pais das crianças se queixaram.

No passado sábado, em Valongo, um indivíduo de nome Ventura Ferreira dos Santos, taqueiro, da rua de Dias Oliveira, 98, naquela vila, distribuira comprimidos de um barbiturico que tinha em casa e pertencente a sua mãe, por alguns rapazes: António Fernandes Nunes Pereira, Armando José da Silva Reis, Hernani Nunes Ribeiro Pandilha e Américo Ferreira. Dissera-lhes o Ventura que eram comprimidos que os mantinham acordados a fim de poderem assistir na TV à Volta à França». Entretetanto, segundo uma versão que corre em Valongo, o Ventura pretendi adormecer os miúdos para que estes não fizessem barulho enquanto via aquele programa.

Os três primeiros rapazes, quando do caso se teve conhecimento foram transportados imediatamente ao referido estabelecimento hospitalar, em ambulância e em carro particular. O último porque tinha aversão a medicamentos não tomara o que lhe foi oferecido.



DESVIADO O TRÂNSITO EM PAÇO D'ARCOS

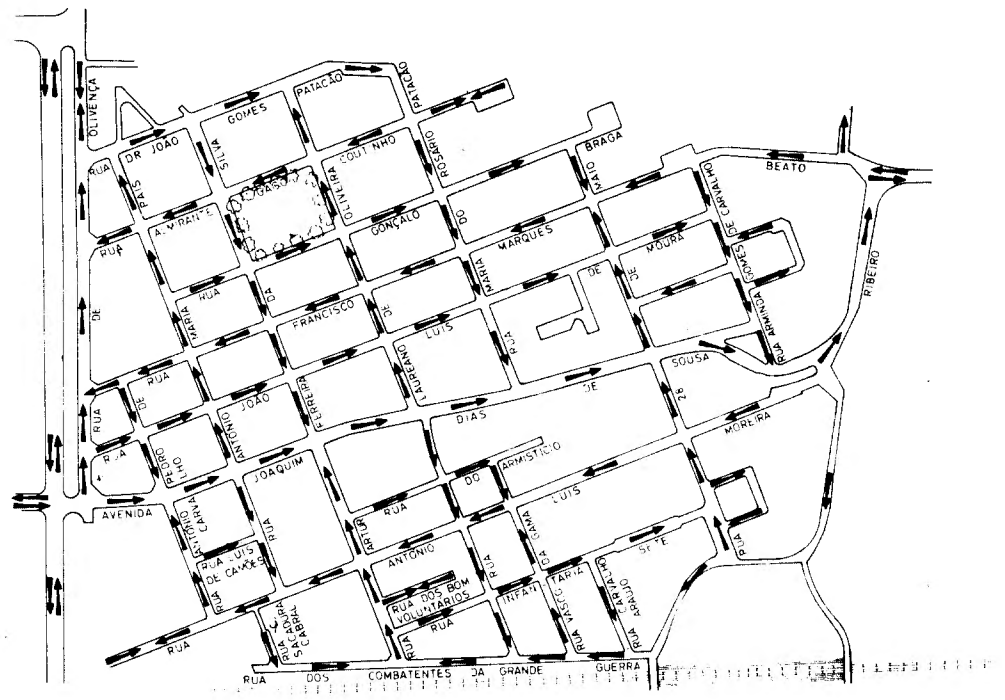
O desvio provisório da Estrada Nacional n.º 6 (Marginal), frente à praia de Paço de Arcos começou esta manhã a funcionar, tendo sido cortada a Marginal com vista ao inicio das obras de construção da passagem inferior do nó rodoviário.

O desvio com cerca de 300 metros começou a ser construído em Abril, juntamente com uma outra obra de desvio de esgotos ainda não concluída e necessária para a construção do nó.

O projecto do nó rodoviário inclui um ramo que, no sentido de Paço de Arcos-Lisboa passa por baixo da Marginal; no sentido Lisboa Paço de Arcos bem como Paço de Arcos-Cascais duas outras ramificações serão construídas, pela direita e pela esquerda da estrada principal entrando uma delas na praia e na Marginal entroncarão directamente. O nó, cujas obras vão ser agora iniciadas, serve exclusivamente a vila de Paço de Arcos pois os automobilistas que apenas utilizem de passagem aquele troço de estrada, seguirão a direito pela Marginal sem qualquer desvio.

Ao contrário do que foi noticiado, nem o jardim da vila, nem o ringue de patinagem do Desportivo de Paço de Arcos, nem sequer o cinema sofrerão qualquer dano ou alteração. As obras reduzem-se a um pequeno troço que começa na ponta do quartel da Escola Electromecânica e termina em frente da praia e do edifício da Escola Náutica, ainda não inteiramente concluído. Segundo as informações de um representante da Junta Autónoma das Estradas, a trabalhar no local, não será sacrificada nenhuma habitação.

A conclusão das obras, onde se encontram a trabalhar cerca de 60 homens, está prevista para o dia 15 de Setembro embora o seu andamento tenha já sofrido um «pequeno atraso».



NOVA CIRCULAÇÃO EM MOSCAVIDE

Conforme noticiámos há dias, com o objectivo de melhorar a circulação e o estacionamento na zona de Moscavide, que se estavam a processar em condições muito dificientes e mesmo perigosas, *entrou em funcionamento um novo sistema de trânsito naquela localidade. O esquema de circulação estabelece sentidos únicos com um mínimo de cruzamentos e define, também, passagens para peões, para que estes possam fazer a travessia das faixas de rodagem em condições de segurança.*

AGOSTINHO: TERCEIRO DE MANHÃ

Na primeira parte da 14.ª tirada da «Volta à França», corrida esta manhã entre Briançon e Valloire (Galibier), na distância de 51 quilómetros, o português Joaquim Agostinho classificou-se em terceiro lugar, a 24 segundos dos dois primeiros. Eddy Merckx e Zoetmelk. Agostinho venceu a primeira contagem da «montanha» e, como também pontuou nas outras duas contagens, ascendeu ao terceiro lugar da «montanha», uma vez que Luis Ocaña, sofrendo de bronquite, está gradualmente a perder terreno (e tempo).

Fernando Mendes, que vencera o «ponto quente» e que concluíu o troço da manhã em 58.º lugar, deu uma grave queda pouco antes da chegada, já na descida do Galibier, recolhendo ao hospital com fractura de uma clavícula. Merckx tem agora maior vantagem na classificação geral, em que é perseguido pelo francês Guimard (separado 6 minutos e 22 segundos do campionissimo belga).

À tarde corre-se a segunda parte da tirada, entre Valloire e Aix-Les-Bains, com três contagens de «montanha» e a extensão de 151 quilómetros.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

R.T.P.

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº

NOME

MORADA

IDADE TELEF.

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO -JOGO DO GALO-

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

O boletim acima publicado deve ser preenchido com letra bem legível, colado num postal de modelo normal dos C. T. T. e enviado à R. T. P. onde terá de dar entrada até às 0 horas da ante-véspera do dia da emissão. Tanto basta para se ficar habilitado a participar no concurso «Jogo do Galo».

OPERÁRIOS DE CABORA BASSA VÃO A JULGAMENTO

Folhas de salário aparentemente falsificadas levaram à detenção de 25 operários de Cabora Bassa. Todos eles são acusados de terem recebido ilegalmente importâncias dos serviços pretensamente prestados.

Colaborou na pretensa «burla» o encarregado do ponto, sendo a mesma descoberta quando um operário pretendeu receber os seus salários e a fiscalização verificou existir grande disparidade entre a folha apresentada e a dos meses anteriores.

Depois de identificados e caucionados todos os intervenientes, com excepção do encarregado do ponto. Entretanto todos serão submetidos a julgamento. (/DL).

A CANDIDATURA DE AMÉRICO THOMAZ

O Município de Vila Nova da Barquinha realizou ontem uma sessão pública de apoio à política ultramarina do Governo e à candidatura do almirante Américo Thomaz para terceiro mandato na Presidência da República. O sr. Alfredo Martins, presidente da Câmara, proferiu um discurso para as entidades e munícipes presentes.

REUNIÃO CORPORATIVA EM VILA REAL

Os grémios comerciais e agrícolas e os sindicatos de Vila Real e de Bragança realizaram ontem uma reunião que assinalou o termo da campanha da manutenção das vias férreas do Corgo, Tua e Sabor. Presidiu o dr. Avelino de Campos, presidente da Federação dos Grémios da Lavoura do distrito e procurador à Câmara Corporativa, que a certa altura afirmou: «**As populações ficaram ainda mais pobres, mais sós e mais diminuídas se as despojassem dos poucos e parcos bens que lhes legaram os antepassados**», acrescentando: «**As gentes transmontanas reividicam aquilo a que têm direito e não podem prescindir dos caminhos-de-ferro**».

PINTO ELISEU NO PORTO

O secretário de Estado das Obras Públicas visitou o Porto para se inteirar dos trabalhos em curso em diversas novas instalações escolares daquela cidade. O eng. Pinto Eliseu esteve na nova Faculdade de Economia, na Escola de Enfermagem do Hospital Escolar, e no liceu António Nobre e numa nova residência universitária feminina.

COSTA ANDRÉ EM MOÇAMBIQUE

O secretário de Estado do Tesouro está na capital moçambicana em visita particular. O dr. Costa André veio de Angola, onde permaneceu alguns dias por idêntico motivo.

SACRAMENTO MONTEIRO NA FRONTEIRA DE ANGOLA

O secretário de Estado da Administração Ultramarina prossegue a sua visita de trabalho a Angola. O comandante Sacramento Monteiro deslocou-se ontem a Pereira de Eça e Sá da Bandeira e também na região fronteiriça de Angola como Sudoeste Africano, no posto de Otchiango. O membro do Governo permaneceu hoje na segunda daquelas cidades, seguindo amanhã para Silva Porto.

ROUBO DE JÓIAS

. Segundo informação de Polícia Judiciária foi assaltada, na madrugada de quinta-feira, uma residência no Campo Pequeno, cujo proprietário se encontrava ausente com toda a família a passar férias no Estoril. Apesar de haver várias pratas caliosas espalhadas na casa de jantar, os gatunos apenas levaram um cofre portátil que continha jóias no montante de 150 contos. O alarma foi dado pelo porteiro que viu uma das janelas das traseiras arrombada.

«Champagne Gala» em Cascais

No decorrer dum jantar oferecido ontem pela Junta de Turismo da Costa do Sol aos professores dos Cursos de Bailado que decorrem no Pavilhão dos Congressos do Estoril, David Holmes e Anne Marie Holmes anunciaram que o encerramento do «II Verão de Bailado» culminará com uma «Champagne Gala» no Teatro S. José de Cascais, em 31 do próximo mês de Agosto.

Segundo Tomás Ribas, encarregado da publicidade e das relações com a imprensa destes cursos, a «Champagne Gala» será um dos espectáculos mais sofisticados do ano.

Totobola: ONZE TREZES

Onze pessoas acertaram em treze resultados no totobola de ontem, enquanto 243 acertaram em doze. Aos primeiros cabe 176509$60 cada e aos segundos 7990$10.

Dos onze finalistas nove são do Continente e dois residem em Angola. Quanto aos que fizeram doze resultados a sua procedência é a seguinte: Continente, 9; Madeira, 1; Açores, 1; Guiné 1; Angola, 36; Moçambique, 14.

DL / ESPECTÁCULOS TV

A POBREZA DOS GIRASSÓIS O SURREALISMO DO ATUM E OS MISTÉRIOS DO MUNDO EM QUE VIVEMOS

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Na rubrica «As flores e o seu mundo» estamos em pleno território do absurdo. Não, não. Enganei-me. Fui traído pela tendência para tudo ver pelos óculos do bom-senso. As «Flores, etc.» estão correctas, na televisão correcta. Mais: a televisão portuguesa pode arvorar a rubrica em seu *«ex-libris»*. Sim, ora essa. Numa televisão onde nada é a sério, «As Flores, etc» nunca poderiam fazer excepção. Pelo contrário: ainda abusam. É bem feito.

Disse D. France de Vasconcelos: *«Hoje tenho aqui girassóis»*. Girassóis: está certo. Ninguém vai dizer que girassol não é flor.

Aparece o primeiro desvio. D. France conta da festa a que assistiu na lezíria do Ribatejo: *«Não podem imaginar* — disse-nos — *o que foi de beleza. Aquelas carretas todas enfeitadas pelos lavradores com flores e motivos típicos, o acompanhamento feito por campinos garbosamente montados a cavalo, a verdadeira aristocracia do campo, um espectáculo deslumbrante.*

«Uma festa em que os senhores lavradores, dançaram com os seus empregados e vice-versa!...

Ela própria, certamente para demonstrar a paz reinante entre a aristocracia e o povo, foi dançar com o jardineiro da família Palla, o sr. Manuel da Cláudia «o homem encantador» que lhe trouxe aqueles girassóis».

E num arroubo muito corporativo: *«A Beleza desta feita foi a confraternização entre o povo e as outras pessoas, para quem eles trabalhavam. Foi realmente bonito comerem todos ao mesmo tempo e dançarem todos ao mesmo tempo, uma festa muito engraçada. Foi muito divertido»*.

Pensamos: acabou o prefácio. Regressamos agora às flores. Ainda não. Dona France vem mas é falar-nos da louça. *«Louça portuguesa, bem portuguesa, branquinha»*. Também os copos, de várias cores. E toalhas. De algodão, de cretone, de linhagens. Toalhas cor *«rosa salio»*. Percebem? Aquilo a que *«os estrangeiros chamam shocking Pink»*. Há, ainda aquela cafeteira de Barcelos. Vejam como é elegante...

Caramba! Começamos a desesperar. Então quando vêm as flores? Quando? Finalmente, Dona France anuncia: *«Vamos fazer o arranjo para aquela mesa...»*

. Afinal? Afinal ainda havia o caso daquela senhora *«que tem jardim e piscina e os filhos querem convidar os amigos e ela gostava de lhes preparar uma salada de atum. Pergunta-me a receita...»*

. Não sei se estou a ouvir bem. Não pode ser. Pedir receita para fazer salada de atum? Não. Sou eu que estou a fabricar. É demasiado surrealista. Ao nível da sabedoria comum, a salada de atum vem logo a seguir ao pão com manteiga e ao ovo estrelado. Por muito estranho que pareça, ainda há neste mundo uma senhora que peça receita de salada de atum — e ainda há alguém que, por televisão, desvenda o mistério! Assim:

. *«Cozer as batatas muito bem, pô-las a esfriar no frigorífico. Ate, se puder ser, de véspera. Tem cebola muito boa, sabe que o melhor é descascar a cebola deibaixo de água, nunca descasque a cebola senão debaixo de água, porque não só não ficam os seus olhos a chorar, como a cebola não fica escura.*

«Tem ovos cozidos que também já estão no frigorífico, bem duros, bem frios.

«Tem muitíssimo bom azeite, mas só muito bom, se não tiver bom azeite então é melhor que use um bom óleo, que os há agora belíssimos.»

Basta! Basta como no Coliseu! Não vale a pena continuar. Obrigaríamos os leitores a assistir à preparação da salada toda, sem esquecer a alface e a azeitona. Isto a propósito... de arranjos florais...

O «arranjo floral» acabou por vir. Durante breves minutos, Dona France espetou três girassóis num suporte de plástico e disse que era um arranjo. À japonesa. Três girassóis vindos das lezírias para enfeitar não um programa, mas um logro. Para finalizar uma conversa que não teve outra razão além de encher, de empalhar, de passar tempo.

E eu começo a pensar nas razões profundas de uma presença viscosa, inútil. Não as encontro. Mas há. Há, com certeza. Razões que não assentam na capacidade de expressão, na simplicidade que capta a simpatia dos telespectadores, na qualidade profissional. Sim. Certamente há razões. Alguém terá a paciência ou a coragem de, publicamente, as expor?

Não é por nada. É só para sabermos como é possível existir uma rubrica de tão mísera qualidade como a de Dona France. Personagem que permanece incólume no quadro da televisão portuguesa.

SALVEMOS AS TIPOIAS DE SINTRA, IRMÃOS!

Não está certo. As coisas que um relâmpago faz! Alves Barbosa contou: um relâmpago apagou um posto emissor de Televisão Francesa e não houve volta a França. Nem mesmo para os franceses que, a esta hora devem estar escamados.

Os relâmpagos estão cegos. Só caem onde não devem cair. Não pode encomendar um relâmpagozinho para acabar com estes fados de domingo — e por isso nos vimos obrigados a gramar os faduchos, as poses, a falsa emoção do Mello Correia. Estas emissões (particularmente a de ontem) servem apenas para aumentar o descrédito de um fadismo que já há muito anda pelas ruas da amargura. A continuarem assim os fados, dentro de pouco tempo nem os rebanhos turísticos os suportam. E nós sabemos como são vorazes esses rebanhos.

Não se pode igualmente encomendar um relampagozinho para cortar de vez a coleta ao ceguinho do *Longstreet*. Os domingos precisam de outra coisa. Os responsáveis da televisão, tão favoráveis a um pendor recreativo dela, não entendem quanto uma série como a do ceguinho está deslocada no carácter especial de um serão como o de domingo. A menos que a chatice possa também ser recreativa. Sei lá, não percebo nada de patologias.

Um relâmpago não caia, nunca, nestes directos desportivos das tardes de domingo. O atletismo bem merece que puxem por ele. Como vai tudo ser ainda melhor, mais belo e emocionante quando tivermos bons atletas — e quando, a todo o momento, não nos fizerem perigar dos lábios um sorriso de... não quero dizer de pena. Um sorriso de... não, não quero dizer de tristeza. Digamos um sorriso de — compreensão.

O assunto de maior interesse ontem ventilado na televisão portuguesa foi, sem sombra de dúvida, o problema das tipóias de Sintra.

Como se ficou a saber, Sintra possui três tipóias. São muito típicas, podemos subir a serra, trenqueliranque, a saborear a paisagem, enquanto os viandantes nos atravessam com olhos de troça ou, pelo menos, de curiosidade, como se estivessem no Jardim Zoológico a ver os animais insólitos na paisagem.

As tipóias correm perigo de total desaparecimento. Aqueles carros dão um carácter especial, dão um certo colorido à nobre vila. São três, dir-se-á, são apenas três. Mas se Sintra perdesse as três, perderia muito do seu encanto, da sua graça e de sua atracção turística.

Além de que o facto de só existirem esses poucos exemplares torna ainda mais dramática a situação. Não existe um movimento universal para evitar o desaparecimento das baleias? E se se protegem os tigres da Malásia, as raposas do Cáucaso, o salmão do Norte, porque não se interessará todo o mundo pela sorte das tipóias de Sintra? Encontramo-nos numa época de alarme: é preciso não deixar perder nada de tudo aquilo que enriquece os homens

Ficam, pois, convocados todos os portugueses do nosso tempo para a ingente tarefa de salvar as tipóias de Sintra. É obra digna de nós todos. Mãos ao trabalho! Faça cada qual tudo o que puder pelas três tipóias de Sintra, na certeza de que estará contribuíndo para preservar uma das mais belas tradições, uma relíquia. Sem relíquias, meus senhores, de que vale um país? As tipóias de Sintra não podem morrer. Já deixámos morrer os ursos que existiam no nosso território; já perdemos a cabra do Gerês. Não acumulemos mais faltas!

Tenho dito!

Importante empresa editora de discos

- admite, para o seu departamento A & R

ASSISTENTE DO CHEFE DO DEP.TO

Pretendem-se:

— **Habilitações literárias ao nível do 3.º ciclo liceal**
— **Domínio do Inglês e do Francês**
— **Facilidade de expressão**
— **Boa sociabilidade e gosto pelos contactos humanos**

Conhecimentos de música e do respectivo mercado são condições de preferência

RESPOSTA COM «CURRICULUM VITAE» DETALHADO AO APARTADO 2149 — LISBOA-2

MOCAR, S. A. R. L.

PEUGEOT — ALFA ROMEO

Ex.mos Clientes,

Durante o período de férias que fica compreendido de 31 de Julho a 1 de Setembro inclusive, as nossas Oficinas de Assistência:

N.º 2 — Alam. das Linhas de Torres, 157-A
N.º 3 — Rua Luciano Cordeiro, 79 A, B e C
N.º 4 — Rua dos Soeiros, Lote B-2

encontrar-se-ão encerradas, mantendo-se porém em serviço a nossa Oficina de Assistência:

N.º 1 — Rua D. Luís de Noronha, 40

aonde estaremos ao Vosso dispor.

MUITO OBRIGADO

DL/ESPECTÁCULOS

DL show

Em Setembro, Vitória Maria será cartaz de «Lisboa à noite», no Brasil.

★

Paulo de Carvalho tem de apresentar um novo trabalho que será gravado até Setembro, já que assim o estipula o contrato efectuado entre o artista e a casa editora.

★

Pelé futebolista e também artista: é o primeiro nome do elenco de «A marcha», um filme a estrear a 7 de Agosto, no país tropical.

★

Henri Langlois, secretário-geral e criador da Cinemateca Francesa, que também desempenha as funções de director do Museu Francês do Cinema, vem a Lisboa para conferenciar com várias personalidades ligadas à cultura e, muito especialmente, ao cinema. Objectivo: internacionalizar o Museu de Cinema de Paris.

★

Vasco Morgado ainda não sabe ao certo qual será a próxima peça para Laura Alves. Entretanto aproxima-se o fim da carreira de «A querida mamã».

★

Maria Emília Correia não ficou muito satisfeita com o seu trabalho na estreia de «Os contestatários». Os seus amigos também não. Acham que se quedou abaixo das suas possibilidades.

★

Gabriel Cardoso anda em «visita» às suas fans, de norte a sul do país.

★

O Campolide Atlético Clube terminou a primeira fase das representações do «D. Quixote», na encenação de Joaquim Benite que, entretanto, prepara, com o Grupo de Teatro do Banco de Angola, outra peça de António José da Silva: «Esopaida».

★

No Brasil depois de terminada Minicopa a festa continua: Ellis Regina, que já não vem a Portugal há muito tempo e que recentemente dissolveu o seu casamento, anda de boa «amizade» com o pianista César Camargo Mariano que a acompanha com regularidade de há seis anos a esta parte.

Festival do Filme Agrícola

A fim de tratarem de assuntos importantes relacionados com a próxima realização do II Festival Internacional do Filme Agrícola e de Temárica Rural, que vai decorrer em Santarém de 23 a 29 de Outubro próximo, reuniram em Lisboa na Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o Dr. Caetano de Carvalho, Director-Geral da Cultura Popular, o Dr. Félix Ribeiro, Director da Cinemateca Nacional, e Fernando Duarte, Director do «Diário do Ribatejo». O Festival é competitivo no tocante a documentários agrícolas. O juri Internacional de cinco membros, atribuirá os seguintes prémios: «Cacho de Oiro», «Cacho de Prata» «Cacho de Bronze», Prémio da Secretaria de Estado da Agricultura», «prémio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo» e «Prémio Cidade de Santarém». Todos os filmes recebem um «Diploma» de classificação.

Harlem dança hoje: programa de luxo

Constituído integralmente por artistas negros o «Dance Theatre of Harlem», considerado pela crítica como uma das melhores companhias norte-americanas da actualidade, estreia hoje às 21 e 30 horas no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

Serão representadas neste espectáculo as seguintes obras: **Forças de ritmo** (Louis Johnson), **Agon** (Stravinsky-Balanchine), **A Amada** (Judith Hamilton-Lester Horton) e **Rhythmetron** (Marlos Nobre-Arthur Mitchell). Este programa será repetido nos dias 18 e 19, às 18 e 30 no mesmo Auditório.

AS OBRAS

Forças de ritmo é uma obra de dança pura, criada especialmente para o «Dance Theatre of Harlem» por Louis Johnson, um dos principais coreógrafos negros dos nossos dias.

Quanto a **Agon**, é um bailado constituído a partir de exemplos de um manual francês de dança dos meados do século XVII. Concebido com carácter intemporal, e sem referência a um local ou um ambiente determinado, pretende acima de tudo dar uma nova interpretação das danças antigas que constituem a sua base.

Por sua vez, **A Amada** é uma coreografia de Lester Horton, coreógrafo que se notabilizou na Costa Ocidental dos Estados Unidos, e cuja técnica se aproximava da de **Martha Graham e Doris Humphrey**. Dotado de grande força dramática, este bailado incide sobre um tema de violência e intolerância — evocação de um tempo de servidão e fanatismo —, apresentando um contraste com um poema de amor do «Cântico dos Cânticos». Esta obra foi já levada à cena em Lisboa pelo Alvin Ailey American Dance Theatre, no âmbito do Festival Gulbenkian de Música de 1967.

Finalmente, **Rhythmetron** é uma miscelânia de estilos, representando em termos abstractos um ritmo tribal.

O «Dance Theatre of Harlem» dará no Grande Auditório Gulbenkian mais três espectáculos nos dias 20 e 22 às 21 e 30, e dia 21 às 18 e 30 — com um programa diferente, constituído por **Concerto Barroco** (J.S. Bach-Balanchine), **Suite Holberg** (Grieg-Arthur Mitchell), **Biosfera** (Marlos Nobre-Arthur Mitchell) e novamente **Rhythmetron.**

Bailarina bate "records"

BRUXELAS — Durante a temporada de «ballet» finda, a bailarina alemã Angele Albrecht actuou em cento e vinte espectáculos realizados em Bruxelas, Londres, Paris, Montreal, Nova York e San Francisco, sendo a principal figura do «Ballet du XX. éme Siècle» em treze bailados. No decorrer da temporada, actuaram a seu lado Rudolfo Nureyev, Paolo Bortoluzzi, Jorge Donn e Daniel Lommel.

BOM APETITE

A CARRUAGEM
BAR ★ RESTAURANTE ★ SNACK
DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE
ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA
AR CONDICIONADO
ENCERRA AOS SÁBADOS
RUA FILIPE FOLQUE, 49-A - TEL. 561457

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ
SALSICHA ESTUFADA COM COUVE LOMBARDA
4.ª FEIRA
FEIJOCA C/ ENTRECOSTO

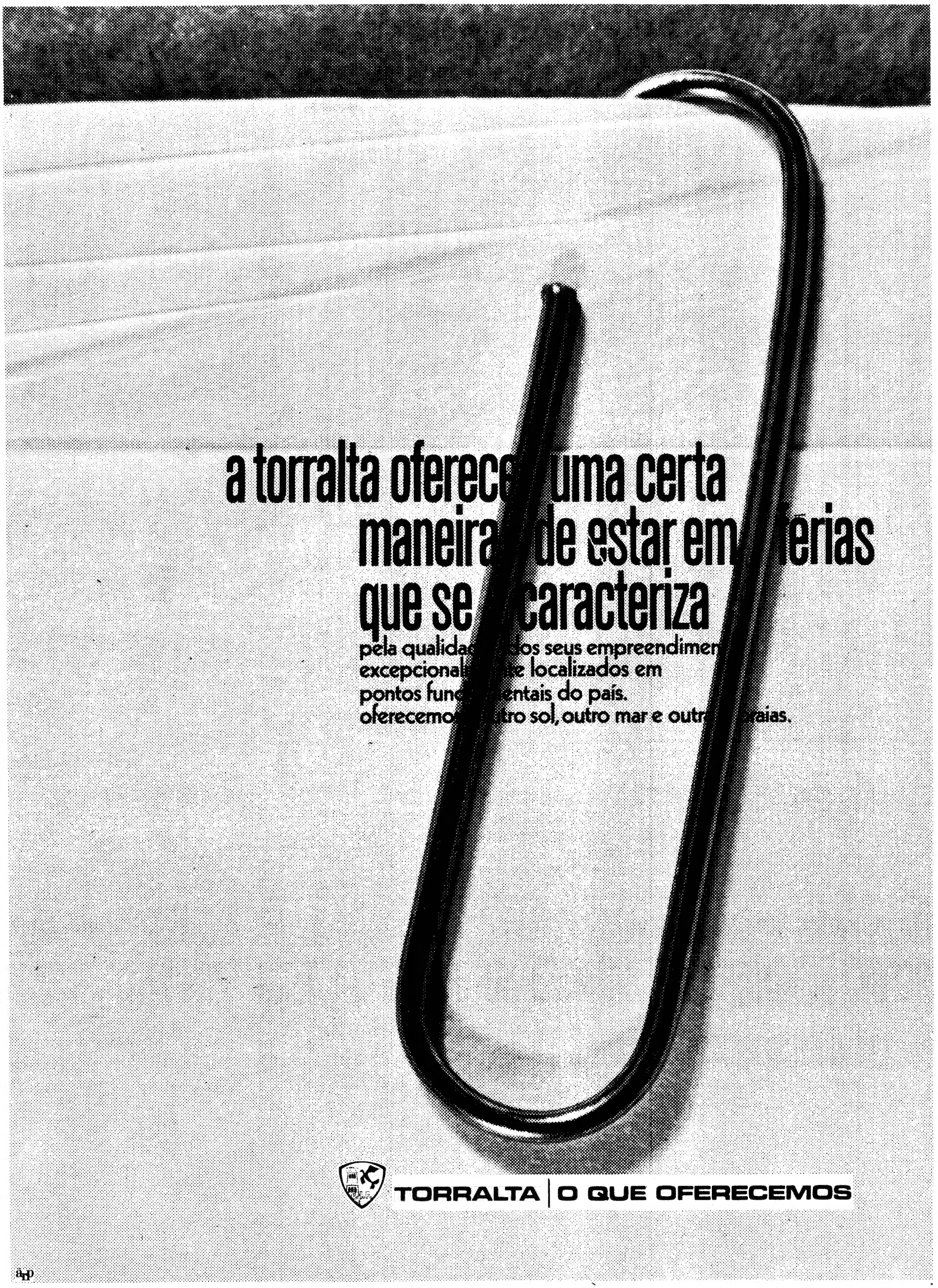
ADEGA MESQUITA
jante

RESTAURANTE
POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
EXPERIMENTE O FAMOSO CHISPE À CHEN KÓ-LÓ
PAÇO D'ARCOS
(Junto ao jardim)
Telef. 243 38 78

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

M/6 anos
CAMPO PEQUENO
19 de Julho, às 22 h.
CAVALEIROS
JOSÉ MESTRE BAPTISTA
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
VICTOR RIBEIRO
ANDRADE SALGUEIRO
FREDERICO CUNHA
JOSÉ JOÃO ZOIO
NOITE DE GALA
FORCADOS
AMADORES DE MONTEMOR
AMADORES DO RIBATEJO
TOIROS 6 TOIROS
CORRIDA À ANTIGA PORTUGUESA INTEGRADA NAS FESTAS DA CIDADE, PROMOVIDA PELA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA.
DE D. MARIA MANUELA ANDRADE SALGUEIRO

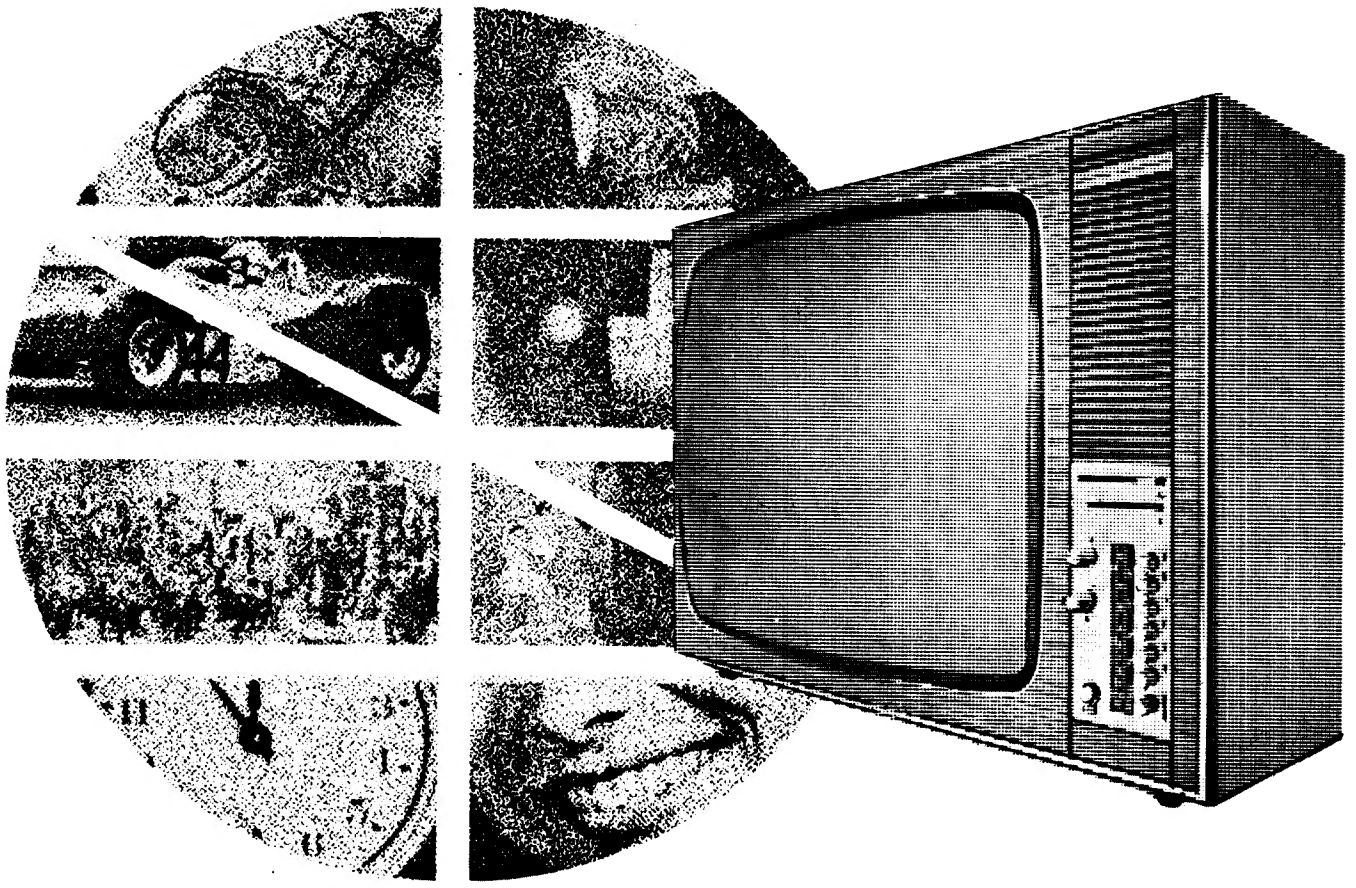

a torralta oferece uma certa
maneira de estar em férias
que se caracteriza
pela qualidade dos seus empreendimentos
excepcionalmente localizados em
pontos fundamentais do país.
oferecemos outro sol, outro mar e outras praias.
TORRALTA | O QUE OFERECEMOS

DL/NACIONAL

FESTAS DE VERÃO EM LISBOA

Uma tourada de gala à antiga portuguesa será o próximo espectáculo integrado nas festas de verão de Lisboa.

Para as noites de sábado e domingo, estão programadas «Noites das canções de Lisboa», com consagrados artistas do teatro e da rádio, acompanhados pela orquestra de variedades da Emissora Nacional. No fecho, exibir-se-á a Grande Marcha de Lisboa de 1972. Para as duas festas, veio propositadamente do Brasil a inesquecível Maria da Graça, ali radicada há anos e, portanto, afastada do público português. A sua reaparição tem, pois, foros de sensacional. De salientar a gentileza da artista, que se prontificou a colaborar no ciclo festivo organizado pela Comissão Municipal de Turismo.



televisores
KÖRTING

Num mundo em que a informação audio-visual adquire cada vez mais importância...
Körting oferece:
– Imagem perfeita e contrastada
– Reprodução de som excelente
Veja o seu programa preferido nas melhores condições: veja-o num
KÖRTING

71 KOR – 02

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL · LISBOA · PORTO

DESTAQUES Hoje na TV

I PROGRAMA

21. Aventuras na terra do Arco-Iris.

22.40 Os pioneiros da pintura moderna — «Claude Monet»

Em 1869, dois pintores trabalham lado a lado num «café» chamado LA GRENOVILLERE no rio Sena em Argenteuil. Os seus nomes eram Monet e Renoir. Monet pintou mais ousadamente do que antes, e isto pode dizer-se que foi o primeiro movimento do que se tornou conhecido por «Impressionismo».

Cinco anos mais tarde, Monet exibiu uma pintura a que ele chamou «Impressão» e foi provàvelmente isto que deu o nome àquele movimento.

O homem que fez nascer a Escola Impressionista na pintura é o assunto versado no programa de Kenneth Clark.

II PROGRAMA

22.00 Noite de cinema — «O Anjo de Susana»

Alexander Hall é um realizador americano com especial tendência para a comédia. Não se revelando pròpriamente um mestre, assinou já uma dezena de filmes que justifiquam a sua reputação.

Todos se lembram de algumas fitas suas dos anos 40, nomeadamente «O Defunto protesta». Pois vamos apresentar hoje um filme em que o sobrenatural, uma vez mais, é o ponto de partida do humor: **«O Anjo de Susana» (Forever Darling)**, história de um anjo da guarda que vem à terra para salvar um casamento.

Na terra do Arco-Iris

Se nos lembrarmos que Susan, a mulher, é interpretada por Lucille Ball — a impagável actriz de **I love Lucy,** que todos conhecem da TV — não é preciso dizer mais nada. E nesta fita de 1956 actuam ao lado de Lucille Ball e seu então marido, Desi Arnasz, e James Mason.

Hall mistura situações de humor com situações graves, procurando fugir à presença da vedeta Lucille Ball, mas nem sempre o esquema resulta. Fica-nos uma certa impressão de absurdo, de farsa. O cinema americano teve sempre tendência para estas histórias de espíritos, de anjos ou criaturas mais ou menos fantásticas. Nem sempre houve a sorte de encontrar um Frank Capra capaz de rodar coisas no género de **Do Céu caiu uma Estrela**. Mas o Anjo de Susana tem a correcção técnica e a graça suficiente para nos fazer passar uma boa **NOITE DE CINEMA**.

SINTRA ATACA OS RATOS

A Câmara de Sintra está a proceder a operações de desinfecção e desratização com o objectivo de evitar epidemias infecciosas verificadas o ano passado. A campanha já atingiu diversas localidades do concelho e prossegue por várias fases até que se extingam todos os focos.

SINUSITES

Vias respiratórias obstruídas

GOTAS NASAIS BRONE

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Pedidos de Literatura:

PESTANA & FERNANDES, LDA.

LISBOA — Rua da Prata, 153, 2.º

ZANUSSI É A FÁBRICA E A PRIMEIRA MARCA

ZANUSSI

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
COMPRAR QUALIDADE E GARANTIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA É BOM NEGÓCIO

J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.

DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL

LISBOA – Av. Elias Garcia, 123 – Tel. 772013 – PORTO – Rua do Freixo, 1273 – Tel. 595413

72 ZA – 12 ML

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

VERBUM

CURSOS DE FÉRIAS
Av. Duque de Loulé, 86
3.º Esq. Tel. 57413/51238

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Fernandes Coimbra e Sobrinho, Suc. — VILA NOVA DE POIARES

VIVER EM AUSCHWITZ

Continuação da pág. 3

Entra-se aí com uma sensação de irreal. Sai-se envelhecido vinte anos. Como acreditar que, chegado o Verão, os pássaros possam ainda cantar? Ah, certamente! já não se tratava de comer. O mais pequeno copo de leite *não passava*. Onde te encontravas, pois, neste dia de Julho de 1942 em que as crianças judaicas de Paris foram reunidas e levadas ao Vel' d'hiv? Que fizeste por elas? Todavia, já não eras uma criança: completavas dezasseis anos nesse mês Não podias mes[illegible] dizer que nunca tinhas encontrado judeus: acabavas de passar a prova escrita do bacharelato ao lado de um grande jovem moreno, de cabelos anelados, que não conhecias: era Ivan Nemirovski. Tinha-lo aconselhado __ imbecil! __ a tirar a sua estrela...

Torno a ver a grande sala excessivamente aquecida da *rue de l' Abbé-de-l' Epée*, as folhas de um formato obsoleto que enchíamos ràpidamente; recordo-me da dissertação francesa, da versão latina (um fragmento da *Guerre des Gaules)*. Como éramos sérios, como éramos frívolos! Alguns dias mais tarde, voltámos a encontar-nos na Sorbonne para a prova oral; para Ivan e para mim, o principal objectivo era obter uma *grande menção*. A grande menção, foi Ivan quem a obteve. *E agora, que vais fazer?*; disse com hesitação: Agora?... Vou fugir.

Vou fugir... Oiço ainda estas palavras, ditas sem hesitação e sem angústia aparente, nos degraus da velha Sorbonne que ninguém, nesta altura, pensava em contestar. E parti, quase tranquilamente, para fazer uma cura no Mont-Dore. Como precisei de tempo para compreender o que se passou. Talvez só o tenha compreendido verdadeiramente o mês passado, em Auschwitz.

Imagens de Auschwitz... Pedaços de lã cinzenta, caídos de nucas inocentes, parecem ondular um sobre o outro, como as vagas de um mar coalhado. Números matrículas tatuados nos antebraços, tatuados *mesmo no punho dos bebés*. Adolescentes ciganos castrados pelos «cirurgiões» do Dr. Mengelé. Parede em que um condenado gravou com as suas unhas a desajeitada imagem de Cristo. Bonecas descoloridas de rapariguinhas.

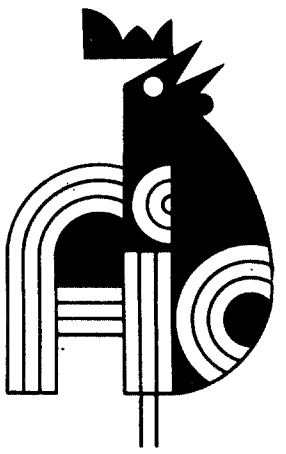
Cela 18 onde foi morto, com uma injecção de fenol, este abade Koblé, que não se contentara em tomar o lugar de um dos seus irmãos, e não se decidia a morrer no dia fixado pela ciência. Grade de ferro onde seis milhões de mortos aprendiam todas as manhãs que *«O trabalho liberta»*. Estações de um calvário que conduzia a seis milhões de cruzes... Houve tão poucos protestos... Apenas, ou quase, Monsenhor Saliège... Nos Campos-Elísios, alguns de nós tinham-se manifestado em 11 de Novembro de 1940. Mas, quando, dois anos mais tarde, a polícia francesa embarcou os judeus para a sua última viagem, calámo-nos. O próprio Papa ficou mudo...

Será, pois, preciso desesperar do homem? Algumas semanas após esta peregrinação a Auschwitz, voltei a ver Jerusalém. Mais uma guerra, mais uma ocupação! Mas como não nos sentirmos emocionados ao ver, ao longo do muro das lamentações, estes judeus vestidos de negro, a face emoldurada pela barba, a tez pálida, que batem no peito recitando os Salmos?

«Se a semente não morre...». O que o génio judaico, que transformou o mundo, não pudera fazer __ dar ao seu povo uma pátria __ as cinzas de Auschwitz conseguiram-no. O povo de Israel regressou a casa. Por quanto tempo? Será ele, algum dia, um povo tranquilo, uma nação segura? Não ousamos acreditá-lo... Porém, antes de lhe disputar a exigência, lembremo-nos das cinzas de Auschwitz e da dívida que todos contraímos para com um povo que nenhum conquistador conseguiu exterminar.

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

MIL VOTOS SEPARAM OS DOIS PRIMEIROS



A votação decorre em progressão: os votantes são cada vez mais, e por isso o interesse que rodeia a iniciativa do «DL» cresce de dia para dia, como cresce, aliás, a vantagem de José Afonso, como se pode ver:

	Votos
1.º JOSE AFONSO	2563
2.º DUARTE MENDES	1413
3.º JOSE CID	1022
4.º PACO BANDEIRA	317
5.º MARIA DE LOURDES RESENDE	315

6.º, Carlos Mendes, 242; 7.º, Isabel Fontes, 210; 8.º, Carlos Alberto Moniz, 142; 9.º, António Calvário, 122; 10º, José Jrge Letria, 119; 11.º, Simone, 111; 12.º, Teresa Cilva Carvalho, 95; 13.º, Florência, 77; 14.º, Gabriel Cardoso, 44; 15.º, Teresa Paula Brito, 40; 16.º, Francisco Fanhais, 39; 17.º, Dario de Barros, 36; 18.º, João Braga, 34; 19.º, João Henrique, 25; 20.º, Maria da Glória, 24; 21.º, Humberto de Castro, Fernando Lito, 21; 23.º, Manuel Freire, 18; 24.º, Vittorio Santos, Imtroito, 16; 26.º, Leonel Sena, 14; 27.º, Ilda Marques, 13; 28.º, José Barata Moura, 12; 29.º, Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco, Andreia, josé Cheta, 11; 33.º, Tozé Brito, Sergio Borges, António Nacedo, sérgio Godinho, Luis Romão, 9; 38.º, Joaquim Cordeiro, 8; 39.º, Max, 6; 40.º, Os Plutónicos, Maria Valejo, 5; Hugo Maio Loureiro, Artur Gracia, Fernando Tordo, Gualberto Caferra, 4; 46.º, Américo Pereira, 3; 47.º, Lenita Gentil, Maria da Fé, 1111, 2; Último lugar (um ponto) Sissi, Paulo Jorge, António Mafra, Alive Amaro, Manuel Vargas, Mário Simões, Carlos Portugal, Dua Ouro Negro, manuel Branquinho, Deniz Cintra, Luís Galhardo, Rafael Figueiredo.

Continuação da pág. 17

Os lucros da T.A.P. no último ano

O relatório dá, depois, nota de várias actividades sociais e do movimento de pessoal da companhia.

Durante o ano de 1971 deixaram a TAP 465 empregados e foram admitidos 1654, existindo, assim, em 31 de Dezembro mais 1189 do que em igual data do ano anterior, ou seja, o total de 7448.

No domínio da instrução e formação do pessoal organizaram-se 459 cursos ministrados a 4334 alunos, num total de 45 790.39 horas de instrução, superior em 11 081,82 ao total de 1970.

O documento termina com a alínea do Balanço e Contas de Ganhos e Perdas, registando um crescimento de 358 752 155$00 proveniente do aumento de capital de 250 000 000$00 realizado no exercício e do aumento global de 108 752 155$00 nas contas de Ganhos e Perdas e Reservas.

As despesas de exploração atingiram 3 475 813 390$00 (incluindo 492 141 449$00 de amortizações), o que representa um aumento de 746 582 551$00 em relação ao exercício de 1970.

Por sua vez, o montante das Receitas de Exploração foi de 3 565 552 531$00, em que as dos Serviços Regulares participam com 3·190 966 202$00. Estes valores correspondem aos aumentos de 747 555 720$00 e 618 329 167$00, respectivamente em relação ao ano anterior.

Tudo previsto para o imprevisto

Aconteça o que acontecer, o seguro foi feito para o proteger.
Lembrar coisas tristes, nem sempre é agradável... Mas ignorá-las pode ser perigoso!
O que é preciso é viver-se o dia a dia sem preocupações: seja qual for o imprevisto, o seguro tem sempre tudo previsto!

DIRIJA-SE ÀS COMPANHIAS DE SEGUROS.

o seguro protege o futuro

comprando propriedades a J. PIMENTA SARL

o seu dinheiro valoriza-se

APARTAMENTOS MOBILADOS

REBOLEIRA	CASCAIS	VENDA NOVA
Lote 12 contos — Tipo 150-B — 240	Torre 1 desde 500 contos	Lote 2 contos — Tipo 150-B — 250
Lote 25 contos — Tipo 150-B — 240	Torre 5 Cruzeiro Sul — 400 contos	Lote 2 contos — Tipo 73 — 215
Lote 61 contos — Tipo 150 — 260	Torre 5 contos — Horizonte — 580	
Lote 61 contos — Tipo 150-A — 260	Torre 6 contos — Horizonte — 580	

ANDARES — Paço de Arcos

Andares c/3 assoalhadas 400 contos
» c/4 » 500 contos

GARAGENS	MORADIAS	ARMAZÉNS
AMADORA - REBOLEIRA Lotes, 6, 7 e 8 2 pisos 11.000 contos	CASCAIS Desde 900 contos	AMADORA — BAIRRO JANEIRO Pr. D. João I. 1-C 1.000 contos QUELUZ R. D. Maria I. 15-B 1.500 contos VENDA NOVA — AMADORA Lotes 1, 2 e 3 1.100 contos.

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

REBOLEIRA	EDIFÍCIO OEIRAS	CENTRO DA AMADORA
Lote 5-A. Conjunto de Estabelecimentos interligados, podendo vender-se por fracções 10.000 contos. Lotes 19 e 20. Conjunto de Estabelecimentos interligados — 4.320 contos.	Conjunto de Estabelecimentos interligados, podendo vender-se por fracções 4.000 contos.	Av. Santos Matos, 10. Conjunto de Estabelecimentos interligados 4.800 contos.

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE **180** CONTOS

50 mil contos de propriedades construídas para escritura imediata

200 mil contos de propriedades em construção para venda

PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO

LISBOA	REBOLEIRA
LISBOA Apartamentos desde 700 a 750 contos. Armazém à Pr. do Chile. **OLIVAIS** Apartamentos desde 450 a 475 contos. Andares com 3 e 4 assoalhadas 450 e 500 contos.	Armazéns e Estabelecimentos Comerciais desde 47.500$00. Apartamentos mobilados, num plano de 700 unidades, desde 180 a 330 contos. Andares em propriedade horizontal de 3 assoalhadas — 400 contos.
PAÇO DE ARCOS Estabelecimentos Comerciais desde 595.500$ a 698.500$. Apartamentos mobilados, com vista de mar e junto à praia, desde 200 a 550 contos.	**AMADORA** Estabelecimentos Comerciais desde 360 a 1.450 contos. Apartamentos mobilados desde 380 a 500 contos. Andares de 5 ass. frente ao Jardim Parque desde 880 contos.
CASCAIS Estabelecimentos Comerciais desde 300 contos. Estabelecimento Comercial no centro da Vila, R. Regimento de Infantaria 19, n.º 30. Preço 5.000 contos para exploração ou construção. Apartamentos mobilados no Alto da Pampilheira, com vista de mar e serra, desde 350 a 660 contos. Andares de 3 a 6 assoalhadas, de 550 a 1.100 contos, e moradias de diversos tipos.	**COIMBRA** Desde 200 a 350 contos. **LUANDA** Desde 370 a 380 contos. **PORTO** Apartamentos Mobilados—550 contos. Andares de 4 ass.—750 contos.

Consulte: J. PIMENTA SARL

Edifício - Sede — Queluz:
Av. António Enes, 25 — Tel. 952021/5

Escritório em Lisboa:
Praça Marquês de Pombal, 15-1.º—Tels. 45843--47843

Escritório no Porto:
Rua Campo Alegre, 17

DELEGAÇÕES

Braga: Av. Marechal Gomes da Costa, 590, 3.º D. — Telefs. 26410/7

Coimbra: — Av. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1

Castelo Branco: Pr. do Rei D. José — Tel. 1004.

Luanda: R. Eng. Artur Torres, 17 a 21

Chaves: R. de Santo António, 169 Telefs. 208 e 612

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Lisboa: Praça Marquês de Pombal, 15 — Telefs. 45843-563083

Amadora: Avenida Santos Matos, 10 — Telefones 931953 - 935115

Queluz: Rua D. Maria I. 30 — Telefs. 952021 - - 952022
End. Teleg. SECUL

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Cascais: Conj. Turístico da Pampilheira — Tel. 283988

Paço de Arcos: B.º Comendador J. Matias — Tel. 2431423/2433511

Reboleira: (Amadora) Edifício Oeiras — Tel. 933670

AGENTES EM TODO O PAÍS

Os «Plebeus» incarnam «Os Incendiários»

TEATRO AMADOR EM CONCURSO

Vejamos: tinham de estar lá os elementos do júri, os críticos, um ou outro jornalista, alguns amigos, alguns elementos dos outros grupos amadores. Pois nem mesmo assim a sala esteve cheia. O Teatro Luisa Todi, em Setúbal, tinha meia casa, se tanto. No palco, os «Plebeus Avintenses», que esforçadamente apresentaram «Biedermann e os incendiários», de Max Frisch.

Inaugurava-se, assim, o Concurso de Teatro Amador promovido pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo.

Ao intervalo, os comentários mais diversos. No final, um certo silêncio. Jacinto Ramos, cumprimentado por todo o mundo, observava a conjuntura com olhos de quem sabe o que aquilo é. As pessoas faziam convites: «Vem na segunda!» Outras, tão calcadas como a sala, trinta segundos depois de ter acabado a peça. As palmas nem chegaram para aquecer as mãos.

Não só pela pouca gente, mas, segundo alguns entendidos presentes, pelas deficiências do grupo, que parece não estar em forma.

O concurso prolonga-se até ao próximo dia 24.

N.G.S.

ARTUR JOSÉ EXPÕE NO ESTORIL

Voltou às galerias do Casino Estoril o ceramista Artur José. A sua presença ali, uma vez por ano, é já tradicional, constituindo um êxito cada uma das suas exposições.

Este ano, Artur José exibe à admiração do público trinta cerâmicas e catorze desenhos que confirmam uma arte consagrada e denunciam uma técnica inconfundível.

Mais de meia centena de convidados estiveram presentes na inauguração da exposição, a que procedeu o dr. Manuel Teles, presidente do conselho de administração do Estoril-Sol.

artes plásticas

em 3 linhas

Uma portaria do Ministério das Comunicações determina que a empresa pública Telefones de Lisboa e Porto observam no tratamento da sua documentação determinados prazos e formalidades.

///

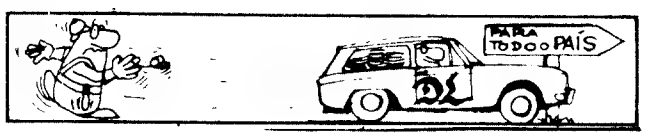
O ministro da Educação delegou no director-geral do Ensino Superior as seguintes competências: autorização para contrato e assalariamento de pessoal dos serviços dependentes da mesma Direcção-Geral e para o exercício de funções docentes em regime de acumulação de assistentes, assistentes eventuais e segundos assistentes.

///

O dr. Eurico Jorge Henriques Pais foi contratado, a título provisório, técnico de primeira classe, além do quadro, do Secretariado da Juventude.

///

No Serviço Meteorológico Nacional está aberto concurso para admissão de estagiários para meteorologistas.



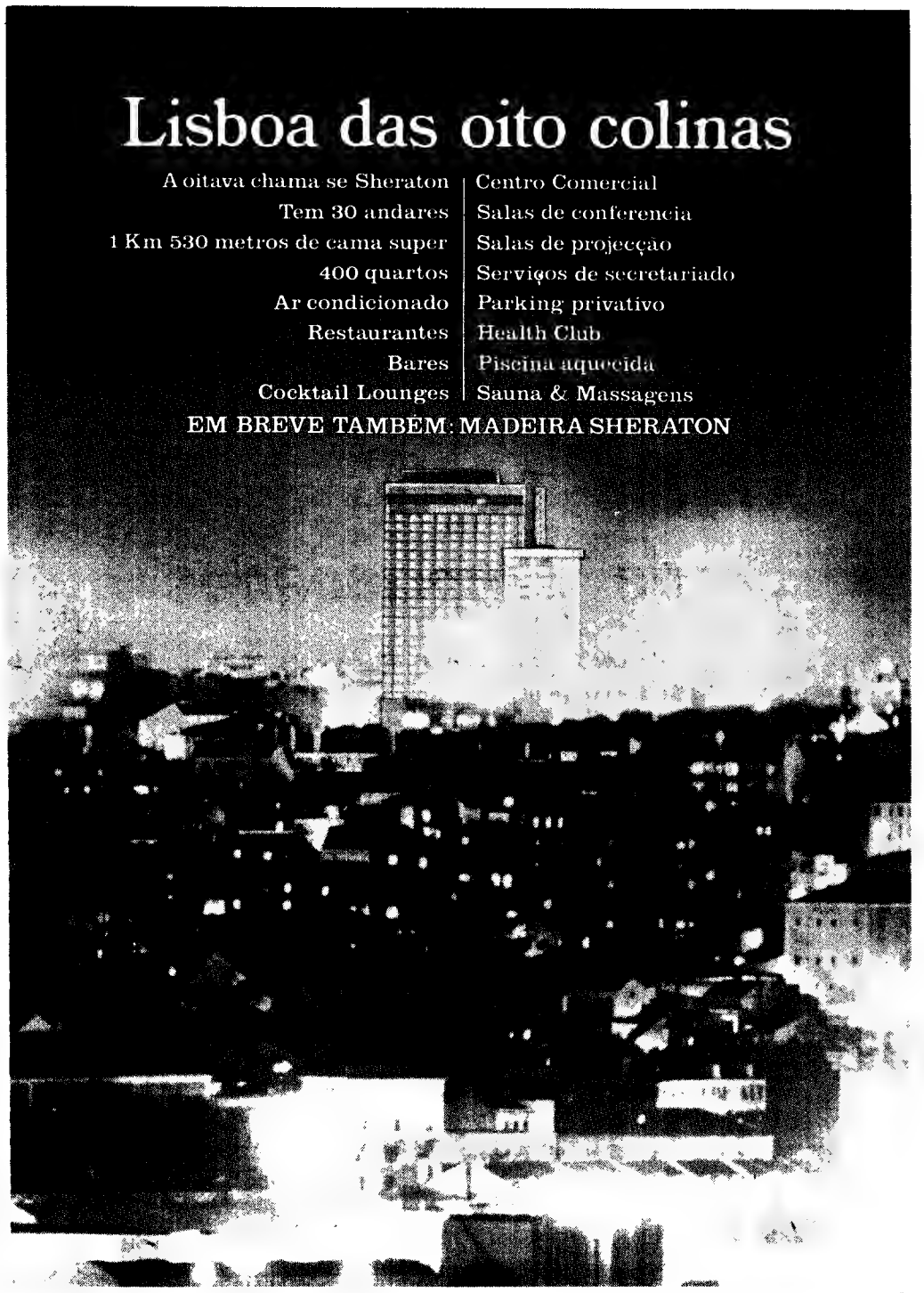
CRÓNICA TAURINA DE "EL T.P."

EM CASCAIS, MAIS E MENOS

Em Cascais, com espectadores que chegariam para encher uma praça das não monumentais, lidaram-se ontem touros dos srs. Tomás da Costa e António Henriques da Silva para a lide equestre e Francisco de Goes para os «espadas».

Os dois primeiros permitiram grandes êxitos aos cavaleiros José Mestre Baptista e Fernando Andrade Salgueiro, ambos ao som da música e com volta à arena, e o terceiro a Mário Coelho, que bandarilhou superiormente e, ao som da música usou da muleta e também com volta triunfal. O do espanhol Fernando Tortosa, que também bandarilhou os seus dois, não foi tão bravo e a corrida «veio a menos», desculpa: tudo começou com Sol quente e os touros são muito sensíveis às temperaturas... Voltaram a estar bem os cavaleiros e Mário Coelho brindou aos mutilados de guerra que o haviam aplaudido na festa dos duques de Palmela, e bem Fernando Tortosa, a troco de algumas colhidas que o não venceram. Voltas entusiásticas deram os pegadores do Ribatejo: Francisco Tomás, Luís Pires de Lima, Mascarenhas Bravo e Celestino de Sousa. Bem se bregou e bem dirigiu Sebastião Saraiva, com o grande acerto de suprimir o intervalo com a justificação do tempo ocupado pelo desfile inicial dos ranchos regionais. Não houve saídas finais em ombros porque Mário Coelho as dispensou.

O matador português Fernando dos Santos, depois de um «manc a mano» com o matador mexicano Chucho Solozarno, na praça *de touros Nogales, Sonora, ganhou o triféu «Rosa de Oro», que exibe orgulhosamente*



DL/GERAL ASSISTÊNCIA

ANIVERSÁRIO DA MORTE DO "PAI AMÉRICO"

A "OBRA DA RUA" 16 ANOS DEPOIS

Faz, hoje, dezasseis anos que faleceu o Padre Américo — o «Pai Américo» — fundador das Casas e Lares do Gaiato, do Património dos Pobres e do Calvário. Obras do maior alcance social, tanto na metrópole como no ultramar. Marcos vivos da vida de um homem da Igreja que seguiu plenamente na esteira do Mestre — doando-se inteiramente, sem oiro nem prata, aos rapazes da rua, ao «lixo das ruas», aos habitantes das mansardas, barracas e bairros de lata; aos doentes pobres incuráveis, cujas mazelas (ainda hoje!) são motivo para definharem em antros miseráveis, que os hospitais são para os curáveis!

Os dramas da miséria física e espiritual do homem foram e são cuidado permanente das Obras que lhe nasceram no peito:

com a sua característica simplicidade, o padre Américo inaugura uma das primeiras casas do Património dos Pobres

CASAS DO GAIATO

As 12 Casas e Lares do Gaiato, a Obra da Rua, são uma Família numerosa de 900 rapazes sem eira nem beira, dos quais mais de metade filhos de «pai incógnito») alguns de «pais incógnitos»! «Pais» que se demitem dos seus deveres elementares e desprezam o fruto da sua carne. Filhos que sofrem, depois, a marca de **ilegítimos**, que os tinge pela vida fora. Para o Pai Américo a solução ou atenuação do problema era simples. Não foi ouvido. E, pràticamente, continua tudo como dantes...

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Na década de 50 o Património dos Pobres foi um acordar de consciências. E, daí para cá, motivou muitos homens de boa vontade, interessados pela promoção dos sem-casa. Foram erguidas, de norte a sul do País, e pelo ultramar, cerca de 3.500 moradias, que foram motor doutras realizações...O Património dos Pobres é uma obra essencialmente paroquial. As moradias pertencem à comissão fabriqueira, coadjuvada pelos vicentinos. Pai Américo e seus sucessores, a Obra da Rua, são apenas um estímulo para a eficácia na acção. Faceta bem vincada do fundador: apagar-se, para que a Luz crepite nos homens de boa vontade: — devotados a seus irmãos;

Acompanhando a evolução das condições sócio-económicas do País, a acção desta Obra — por intermédio da Obra da Rua — há muito que incide mais a sua ajuda à auto-construção espontânea, conforme as disponibilidades. Operário ou trabalhador rural disposto a erguer a sua casa, pelas suas mãos e/ou com a ajuda de amigos e vizinhos, desde que o prédio tenha as condições mínimas de habitabilidade, recebe da Obra do Padre Américo — por intermédio do pároco — uma importância relativa ao valor da telha.

Assim foram e estão a ser erguidas milhares de moradias, de há vinte anos para cá. Esses auto-construtores são verdadeiros heróis. Além de construirem com suor e sangue (muitos — quantos?) — ainda sofrem as inclemências de entraves burocráticos! Os organismos competentes deveriam prestar assistência técnica — desinteressadamente e a bem da Nação — a milhares de casos destes, pelo País fora. Cedendo, inclusivé, plantas ou projectos-tipo. Um dos maiores e melhores investimentos. Um estímulo importantíssimo...

DOENTES INCURÁVEIS

O Calvário — último rebento da missão de recoveiro dos Pobres, a que o Pai Américo se devotou — fica situado na freguesia de BEIRE, concelho de Paredes. É uma discreta acusação ao desprezo como por esse mundo fora são abandonados muitos doentes pobres incuráveis. Ali se aplica, também, o «método» adoptado nas Casas do Gaiato: os que ainda tratam os mais prostrados. Uma Obra de amor. Impossível descrevê-la em duas pinceladas! As dores físicas são ali uma constante de vida.

O Calvário é uma explosão de Sobrenatural, testemunho de Igreja, santuário d'almas. Mais: testemunho concreto do valor fo homem como Homem; testemunho que lembra a necessidade da existência dum pequenino Calvário ao lado de cada hospital... — ideia primitiva de Pai Américo e motivo da Obra.

PERSONALIDADE RICA

Sobretudo a um filho que ele resgatou da lama é difícil, em duas penadas, expôr a extensão e o valor social e espiritual das realizações de Pai Américo. Quanto mais se fôssemos, ainda, imiscuir-nos noutros campos — vedados à nossa pequenez — em que a sua vivência deixou traços inapagáveis. E uma personalidade multifacetada!

Do ponto de vista teológico, por exemplo, ainda recentemente D.António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, comentando com a sua autoridade um trecho de Pai Américo escrito há cerca de três décadas, «lia-o em paralelo com um dos teólogos mais autorizados dos nossos dias e achava, na lógica sem método científico de Pai Américo, exactamente as mesmas conclusões.»

Do ponto de vista literário, e a propósito da reedição de uma das suas obras mais características — o «Isto é a Casa do Gaiato», composto de dois volumes — o articulista de uma página especial de certo matutino referiu, há dias, Pai Américo como «o maior narrador português do nosso tempo, o único escritor que, em termos de neo-realismo, sem ideologia neo-realista, viveu, participou, documentou e comunicou o vasto inquérito social que o neo-realismo se propunha mas que veio a ser **realmente realizado** (e vivido), não pelo neo-realismo coimbrão, mas pelo Pai Américo...».

A sua estrutura de Homem, de Padre-Pai, de Escritor, de Pedagogo e de Sociólogo sem diplomas — são são facetas que o Tempo há-de pôr a descoberto, em benefício do bem comum.

JÚLIO MENDES
(CORRESPONDENTE DO «DL» EM PAÇO DE SOUSA)

Vista parcial da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

ORA DIGA-NOS...

COSTUMA FALAR SÒZINHO?

Botões, cão, amigo imaginário, árvore, espelho ou «o outro eu» são metamorfoses do Diabo com quem fala quem fala sòzinho. Há um silêncio ensurdecedor entre os animais da espécie humana, que incessantemente se cruzam e tocam sem se responderem. Quando um exemplar se isola e se divide em dois para comunicar consigo próprio, os olhos dos outros cortam de acusações esse intransponível espaço: estranho, anormal, doente ou possesso, o fala-só é um louco. Na unidade interior reinam Deus e a Norma. A divisão, abre-a o Demónio com a sua forquilha perturbadora e perigosa.

Sòzinho? Agora estou acompanhado, com essa é que você se trama! — e o pasteleiro Aires Antunes, de 44 anos, deu uma grande gargalhada para o lado da cozinha. **Digo coisas cá para dentro, sim senhor, as que não podem sair! E é muitas vezes que as digo alto cá para mim. Demónio? Falar sòzinho é uma coisa, falar com o Demónio é outra.**

Loira e direita, Maria Teresa Figueiredo vai compenetrada pela rua abaixo. Vinte e um anos, estudante do I.N.E.F.: **Costumo falar sòzinha, para perceber melhor as coisas. É uma manifestação saudável, penso eu: vejo tudo mais n tidamente depois.** Um mergulho em si mesma: **Quem fala sòzinho são as pessoas inteligentes — ou as muito, muito estúpidas. Só os maluquinhos é que dizem que é maluquinho quem fala sòzinho.**

Quantas vezes terá Fialho Gouveia falado sòzinho a um microfone para os receptores desligados de Lisboa a dormir? Não se pode saber. **Falar sòzinho nunca falo,** diz ele, à saída da estação onde é locutor. **Mas penso sòzinho, e só não falo para não dar escândalo na rua... É preciso descansar a cabeça tenho uma vida cheia, ao adormecer vou dizendo coisas para mim.**

CHEFE DE VENDAS

Grande empresa têxtil do norte do país presentemente a desenvolver um DEPARTAMENTO DE MALHAS, pretende assegurar a colaboração dum chefe de vendas com experiência no sector da Moda, para acumular simultâneamente a direcção interna desse departamento.

Carta c/ curriculum vitae a este jornal ao n.º 601.

CONHEÇA
A MADEIRA
2.690,00
AVIÃO+ESTADIA
Inscrições
WAGONS-LITS/COOK
A maior Organização Mundial de Viagens e Turismo
LISBOA • PORTO • COIMBRA • ESTORIL
FUNCHAL • LUANDA • L. MARQUES

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Chrysalis
a música
PROCOL HARUM
C/ A EDMONTON SYMPHONY ORCHESTRA
LP N.º 6307503
À VENDA HOJE

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA: phonogram

JETHRO TULL
«THICK AS A BRICK»
LP N.º 6307502
À VENDA EM 27-7-72

A LANÇAR BREVEMENTE
TEN YEARS AFTER
«A SPACE IN TIME»

DL/GERAL — ASSISTÊNCIA

Peste nos aviários
A CRISE PARECE VENCIDA

Rumores de uma epidemia de peste «Newcastle» nos galináceos, têm vindo a provocar nas últimas semanas um decréscimo pronunciado no consumo de frangos, nomeadamente nos chamados frangos de aviário.

O fenómeno reveste-se de particular gravidade na conjuntura económica do País, uma vez que a carne de frango, com o aumento substancial do preço das carnes de vaca, porco e borrego, se apresenta como solução alimentar para um sector maioritário da população portuguesa.

Procurando indagar o que de concreto se passava nos bastidores do ramo avícola, «DL» dirigiu-se ao Matadouro Municipal de Aves, em Alvalade, onde são abatidos mensalmente cerca de 200 mil frangos para consumo do mercado lisboeta. Ali respirava-se o ambiente febril das grandes matanças. Centenas de carcaças de galináceos desfilam, contìnuamente, perante os olhares de funcionárias especializadas no corte e selecção de frangos que oficialmente se consideram próprios para o consumo público.

A superintender os trabalhos encontrava-se o dr. Rui Ribeiro, veterinário com larga experiência no sector de abate e fiscalização avícola.

Acerca da incidência da peste de «Newcastle» nos frangos em trânsito pelo Matadouro, revelou-nos: — **«Sòmente durante o mês de Maio detectámos algumas carcaças com sintomas de «Newcastle». Estas foram remetidas para o laboratório Nacional de Investigação Veterinária que, com efeito, confirmou a existência da enfermidade nas aves analisadas. Mas nos últimos tempos não foi verificado nenhum outro caso, o que deve constituir prova evidente de que o surto manifestado já se encontra em franco declínio. A epidemia também se fez sentir nos Estados Unidos, em Inglaterra e na vizinha Espanha, sobretudo na região de Tarragona.»**

No «sector de repouso» do matadouro, frangos empilhados aguardam a sua vez na «degola».

Matadouro municipal de aves: duzentos mil frangos abatidos mensalmente

PSEUDO PESTE

Mas, concretamente. o que é a doença de «Newcastle» e que perturbações pode transmitir ao homem que ingerir carne de aves afectadas?

— **«A pseudo peste de «Newcastle» ou doença de Doyle, descoberta por volta de 1926 em Inglaterra (precisamente na cidade de Newcastle) é uma doença infecto - contagiosa das aves, caracterizada por perturbações respiratórias e nervosas de marcha rápida e alta mortalidade. A doença propaga-se de ave para ave, principalmente pela convivência de animais sãos com doentes e pode afectar, para além de galináceos, os perús, faisões, pombos, e, excepcionalmente, os patos. Quanto à transmissão desta enfermidade à espécie humana, a literatura da especialidade, não refere qualquer ocorrência sanitária.»**

Sobre o alarme provocado na opinião pública em face da epidemia e o consequente retraimento ao consumo da carne de frango, disse-nos o dr. Rui Ribeiro: — **«É normal nestes casos! A deturpação ou exagero das realidades e o aparecimento dum clima propício ao boato e às versões mais inverosímeis. O nome «peste» já de si amedronta e, como as pessoas não estão esclarecidas, logo surge o pânico com todos os inconvenientes daí resultantes. Pois se até há quem ande para aí a propagar que o frango de aviário provoca o cancro... O problema é deveras complexo, para ser assim tratado de ânimo leve. Mas uma coisa é certa: desde Maio que não aparece neste matadouro nenhum caso de «Newcastle».»**

TEXTO DE MANUEL GERALDO

Fotos de ACACIO DE FIGUEIREDO

INCÚRIA

Relativamente aos processos utilizados no combate ao surto de «Newcastle», um porta voz da Direcção - Geral de Pecuária, com quem contactámos, esclareceu-nos. **«Esta doença, para a qual ainda não é conhecido qualquer tratamento curativo, fez a sua primeira aparição em Portugal há cerca de 25 anos e, de então para cá, tem grassado enzoòticamente com períodos irregulares de crises e remissões. Quanto ao surto que agora atingiu a zona ocidental do distrito de Lisboa e a península de Setúbal, pode ser controlado através das vacinas específicas, relativamente baratas e de fácil aplicação, que existiam em número suficiente no nosso mercado.**

E prosseguindo: **«A causa destes surtos epidémicos deve-se , em grande parte, à incúria de muitos criadores de aves que, em períodos de cama epizoótica, descuram totalmente a prática da vacinação. Assim, a enfermidade, já pràticamente debelada, acusou uma maior incidência nas explorações rurais do que nas industriais. Não se deve esquecer que a doença de «Newcastle» é considerada de «declaração obrigatória», isto e, obriga os donos de animais a declararem às autoridades oficiais todos os casos suspeitos ou confirmados de doença, e só o cumprimento não rigoroso desta norma conduz a situações epidémicas como aquela ora verificada.»**

PREJUÍZO EVITÁVEL

Agora que o surto epidémico da pseudo peste de «Newcastle» parece estar debelado, verifica-se que, afinal, os rumores postos a circular eram amplamente justificados e até nem traziam água no bico.

Quanto à fuga de muitas pessoas ao consumo da carne de frango constitui tão - sòmente a reacção natural de quem não está, como seria lícito, oficialmente esclarecido sobre os reflexos da doença na saúde pública.

Dizem os leitores
Da "pobreza" dos senhorios

A propósito de uma carta-resposta a uma reportagem sobre camaratas públicas que o «DL» publicou recentemente, recebemos da nossa leitora Matilde Cândido, residente na Parede, a seguinte carta:

D. Maria: Diz que já fez cinquenta anos e que não faz parte de senhorios pobres e azedos: Pois não parece, 50 anos de vida dá para aperceber a verdade da mentira, e oa justiça contra a injustiça. Se não é azeda, de doce nada ten , pois a carta que escreveu e que o «Diário de Lisboa» publicou é a prova real do paladar que lhe pertence.

Com que então à velhota um quartinho, um asilo meio enlatado ou um cestinho de venda em qualquer soleira!... Será esta reforma para a Senhora conseguir ir direitinha ao céu que pretende, se chegar aos 80 anos? Se começar já, ainda melhor o sítio que a espera. Porque não aproveita aquilo que, sem ninguém lhe pedir com tanto «amor» deseja aos outros? Li a notí ia, e vi os azulejos, com a dife ença que me doeu apenas a vi de uma velha de 80 anos e de t dos aqueles que sem casa, são ob igados a aceitar tudo aqu'lo, pr - ferível no entanto, aos ancos do jardim e ao relento.

Estamos em capos op stos, e para seu governo devo d zer-lhe que nunca fui pedinte, tenho olhos e coração, sem credo religioso que me guie, amo a Verdade e a Justiça, e se houver céu nem lá nos encontraremos, por cá passe a D. Maria muito bem, eu continuarei como até aqui.

Ficou sobressaltada com a notícia dada no «DL» de 3 do corrente e que não a condoeu o título e o texto, que ficou agitada sim, pelos azulejos (???).

Receia que o possível ganho da velhota (dois ou três contos), lhe evite o asilo e o cestinho à porta? Para se acabar com as injustiças não é começar por aqueles que pouco ou nada têm, D. Maria!

No que se lamenta a falta de pessoal das modistas, tem V. Ex.ª o pronto-a-vestir, não corre o risco de ficar nua, e quanto à vocação da velhota para hospedeira, está na origem de muita coisa errada, a par de almas boas, e bem intencionadas como a sua.

A pobreza de alguns senhorios nunca é igual à miséria de alguns inquilinos. Os primeiros ainda dispõem de poderem ver dinheiro, os outros resta-lhes a sentença que ninguém a deseja como recompensa da velhice. Não se ignora que existem muitas Marias senhoras donas, mas em Jesus Cristo continua vivo o desejo de sermos todos irmãos, ainda vamos muito atrasados no parentesco, mas lá chegaremos. Ainda no domingo pela TV depois da missa, ouvi o sermão, lamentei por avaria da TV não poder ouvir o Padre até ao fim, como atrás digo não tenho credo religioso, mas tudo: seja de quem for, que rasgue a Verdade e a Justiça, oiço, aprendo, e aceito não para alcançar o reino dos céus, mas para ser consciente no todo que me cerca.

E por agora é tudo, não se esqueça: «Não faças aos outros o que não queres que te façam». A certeza não tem que aos 80 anos, com azulejos ou sem eles não venha a ser hospedeira.

CONTRA A "FARDA"

Por sua vez, o dr. José Alcino Vídeira, de Lisboa, afirma-nos:

«Apesar da falta de empregadas domésticas e de se afirmar a cada passo que elas ganham ordenados «exorbitantes», continua a não se reparar a ofensa que constitui para aquelas trabalhadoras o facto de continuarem a ser obrigadas a andar na rua de «farda». Nunca entendi muito bem por que tal acontece. Há quem diga que são elas que gostam da «farda» porque deste modo não gastam roupa própria mas, a verdade, é que existem casas onde o uso da «farda» é obrigatório. Não duvido de que se trata de um costume humilhante, tanto mais que para muita gente a empregada doméstica continua a ser a «criada» inculta e impreparada a quem se pode dizer tudo. Para isso contribui bastante o facto de ela poder ser assinalada na rua pela «farda» que, quanto a mim, devia desaparecer de vez. Mais: devia até ser proibida, pelo menos sempre que a interessada não estivesse disposta a usá-la. Entretanto parecia-me útil que a redacção do «Diário de Lisboa» fizesse um inquérito sobre o assunto. Nós, os leitores, ficávamos assim habilitados a poder emitir uma opinião mais segura, na medida em que se poderia determinar o grau de resistência que a queda da «farda» ainda suscita, por parte de patroas e empregadas».

ELEIÇÕES SINDICAIS

Estão marcadas para esta noite as eleições dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório de Lisboa, organismo que representa mais de 60 mil trabalhadores. À eleição concorre apenas a Lista A porque, como se sabe, o Tribunal de Trabalho invalidou a Lista B que, na assembleia geral de 29/2/72, foi impugnada pelos elementos da lista que logo à noite será votada. A assembleia começará às 21 horas e terminará às 22 e 30 de acordo com um aviso publicado pelo presidente da aşsembleia geral. Têm direito a voto os delegados das secções de actividades.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Silva Reis e F. Oliveira, Loja do Francisco FÁTIMA $ COVA DA IRIA

DL/ESTRANGEIRO

ELEIÇÕES PARCIAIS NO CHILE: UMA VITÓRIA PARA ALLENDE

SANTIAGO DO CHILE, 17 (F.P. e R.) — A Frente Popular chilena que apoia o presidente Salvador Allende ganhou as eleições parciais ontem disputadas na província de Coquimbo, conservando em seu poder o lugar deixado vago na Assembleia Nacional pela morte do deputado comunista Cipriano Pontigo.

A candidata da Frente Popular, a comunista Amanda Altamirano, obteve 50.482 votos, vencendo por mais de 8.000 votos o candidato oposicionista Orlando Poblete.

Este resultado não altera a composição da Assembleia Nacional, onde os democratas cristãos e os seus aliados das direitas dispõem de maioria, mas a eleição pelo círculo de Coquimbo era aguardada com interesse como indício da forma como o eleitorado votará nas próximas eleições gerais de Março. Nessas eleições, serão disputados todos os 150 lugares da Assembleia e metade dos 50 lugares do Senado.

Os observadores políticos dizem que, apesar da vitória, a Frente Popular de Allende parece ter perdido terreno naquela província do norte pois nas eleições municipais em Abril de 1971 trunfou por uma maioria de quase 9.000 votos sobre a oposição.

Este ano porém, o Partido Radical da Esquerda, a que pertence Orlando Poblete, separou-se da Frente Popular e fez causa comum com os democratas-cristãos e com o Partido Nacional das Direitas.

Actualmente, as posições no Parlamento são: quanto ao senado: Unidade Popular (governamental): 12 senadores (6 do Partido Comunista, 5 do Partido Socialista, 3 do Partido Radical, 2 da Esquerda Cristã e 2 da União Socialista Popular). Oposição, 32 (20 do Partido Democrata Cristão, 5 do Partido Nacional, 2 da Democracia Radical e 5 do Partido da Esquerda Radical).

Quanto à Câmara dos Deputados: 54 governamentais (22 comunistas, 1 socialista, 14 radicais e 3 cristãos de esquerda); oposição: 96 (52 democratas cristãos, 33 nacionais, 3 radicais democratas e 8 radicais da esquerda).

O "Al Ahram" desmente a crise na Líbia

CAIRO, 17 — (R) — O novo gabinete de 18 membros prestou juramento a noite passada em Tripoli perante o dirigente líbio Muammar Gaddafi, acabando, assim, com uma semana de atoardas e especulação acerca de uma divisão nas fileiras do conselho do Comando Revolucionário de 12 elementos, que governa o país. Os boatos começaram quando o conselho pediu na segunda-feira passada ao major Abdel Salam Jalloud, de 29 anos, considerado como o segundo homem mais poderoso do país, logo a seguir ao coronel Gaddafi, para formar um novo gabinete.

Na sexta-feira, notícias de Rabat diziam que o coronel Gaddafi fora preso por extremistas líbios e funcionários em Tripoli mantiveram um silêncio total sobre a situação.

O novo gabinete foi constituído principalmente com tecnocratas.

O autorizado jornal cairota «Al Ahram» diz hoje que demoradas consultas se realizaram para escolher os melhores elementos, capazes de concretizarem os programas de desenvolvimento do país.

Uma ausência misteriosa na pasta da Defesa no novo gabinete foi resolvida hoje quando o jornal revelou que será mantida pelo próprio coronel Gaddafi.

O coronel tem sobraçado essa pasta quase desde a demissão de Adam Hawaz, poucos meses depois da revolução de Setembro de 1969, que depos o rei Idris.

O «Al Ahram» afirma ainda que o coronel Gaddafi será, também, presidente do Conselho Conjunto do Comando Revolucionário e do gabinete.

O major Jalloud, que foi nomeado primeiro-ministro na segunda-feira passada, servirá apenas nessa capacidade, abandonando as pastas anteriores que sobraçava — Indústria, Economia e Finanças.

O «Al Ahram» revela hoje que o presidente Anwar Sadat do Egipto enviara uma mensagem importante ao coronel Gaddafi. Foi portador dessa mensagem o secretário para a Informação de Sadat, Ashraf Marawan, que regressou ontem ao Cairo, após uma visita de dois dias à Líbia.

Marawan, que conferenciou com dirigentes Líbios, negou enfàticamente, ao regressar ao Cairo, que tivesse havido qualquer divisão na chefia Líbia.

O «Al Ahram» acrescenta num editorial que a constituição do novo gabinete se registou como uma afirmação de que continuava a marcha da revolução Líbia e como um desmentido das atoardas.

O «TIMES» INTERROGA-SE

LONDRES, 17 (FP) — O «Times» dedica hoje um editorial à formação do novo Governo líbio.

Para o diário londrino, que se interroga sobre o destino exacto do coronel Gaddafi, «os acontecimentos na Líbia continuam muito obscuros».

«Parece, todavia, a crer nos poucos elementos conhecidos que o coronel Gaddafi perdeu a maior parte senão todos os poderes», refere o «Times», acrescentando que «não surpreenderia o facto de o período de autoridade absoluta ter acabado». «O coronel Gaddafi foi sempre um dirigente vivo e idealista, mas também impetuoso e ingénuo» — observa o jornal.

No que respeita às tarefas que esperam o novo Governo, o «Times» acha que «o mal é a Líbia carecer, desesperadamente, de administradores e funcionários de toda a espécie. A situação agravou-se ainda mais devido a atitude dos novos dirigentes para com os administradores do antigo regime, os itàlianos que ainda residem no país e os estrangeiros em geral» — conclui o «Times».

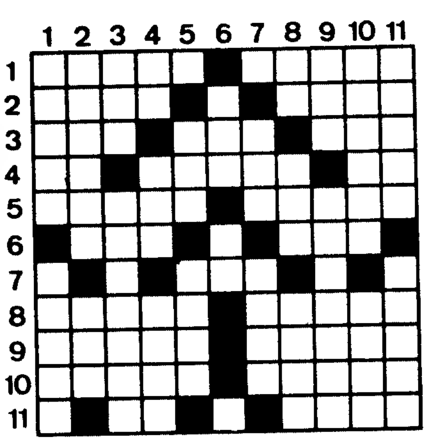
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 139

HORIZONTAIS:

1 Aliado Errar
2 Forma de tratamento dirigido a pessoas de condição inferior, ou entre pessoas onde ha certa familiaridade Chao
3 Estava Composição poetica. Preposição
4 Nota musical Afeição C dade da antiga Caldeia
5 Tempera Aguça
6 Arara Contracção de preposição com artigo definido Governanta
7 Linha
8 Fundadora de Cartago Saca pequena fechada por meio de cordões
9 Tempo do verbo ser Deseiais
10 Cortesia Não frequentes
11 Apelido Ramalhete



VERTICAIS:

1 Fruto seco Cabaz fundo as vezes com tampa
2 Residência Ver
3 Ergue Teceras
4 Germânio (s q) Sope Mal sim (fig)
5 Capa sem mangas Jarra
6 Nesse lugar Caminhai
7 Povoação do concelho de Condeixa Prover de abas
8 Pertences Vazia Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria
9 Filtra Metera em mala
10 Cume Fecham as asas para descer mais depressa
11 Ratara Marcha

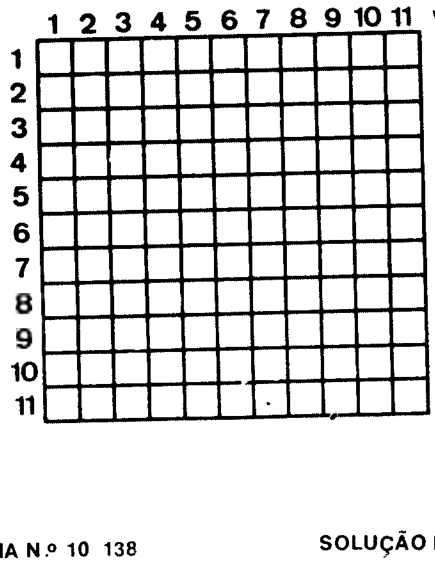
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 297

HORIZONTAIS:

1 Calcio (s q) Designação generica do caranguejo na Malasia Aqui
2 Suspiros. Uma das Esporades Utensílios domésticos
3 Esboço (fig) Conselho
4 Mais adiante Comilão (pop)
5 Cobrira de nata
6 Viração Bário (s q)
7 Possui Patriota croata que tomou parte activa nos movimentos nacionalistas dos Eslavos do Sul Rio de França
8 Afavel Labia (fig)
9 Antiga medida das ilhas Maldivas correspondente a pouco mais de meio litro Terra nova e arroteada de fresco
10 Grande Fundador (fig) Epoca
11 Cidade da Suiça Nome de homem



VERTICAIS:

1 Catalogo (abrev) Região meridional do Congo Belga
2 Encoleriza Movera os remos
3 Divisão de uma casa Adoçar com mel
4 Situação Neon (s q)
5 Caia cama Gálio (s q) Plutónio (s q)
6 Porco Rio de Portugal Sódio (s q)
7 Guarnecera de asas Item Caminhar
8 Tranca Batráquio
9 Beberrão (pop) Disparatarem (pop)
10 Bens De tara
11 Guarneço de asas Relativo a Cata unha

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 138

HORIZONTAIS:

1 Nao [illegible]
2 Orı [illegible]
3 Ara Sem [illegible]
4 Sa [illegible]
5 Am A [illegible]
6 [illegible] E [illegible] Ar S [illegible]
8 Tim Aro
9 Fs Aba [illegible]
10 [illegible]
11 Caraç[illegible] A[illegible]

VERTICAIS:

1 No MADEIRA
2 Ara Meras
3 Onça Sem Ra
4 Aa Alo A[illegible]
5 Br Sai Abra
6 Sarnara
7 Ural Alo Ca
8 SEM Grã NO
9 C[illegible] Ga Fala
10 Halas Sal
11 Raposa Re

PROVÉRBIO:
Nao ha Madeira sem rio

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 296

HORIZONTAIS:

1 [illegible]
2 Amo [illegible] Aur[illegible]s
3 Saga R[illegible]ana
4 Sas Aba
5 [illegible]
6 E[illegible] Os[illegible]
7 Sa Ap[illegible] Ca
8 [illegible] Ama[illegible]
9 Id Os
10 NAdim [illegible]
11 Arosa Ramos

VERTICAIS:

1 [illegible]
2 [illegible] Ca[illegible]
3 V[illegible]gara Do
4 F[illegible]as Va[illegible]
5 Ra[illegible] Ma
6 T[illegible]
7 Par Mo[illegible] Cr
8 R[illegible]
9 A[illegible]bes Am
10 Gana O[illegible]
11 Asa As[illegible]sses

PRISÃO POR TODA A VIDA PEDIDA PARA OKAMOTO

SARAFAND (ISRAEL), 17 (R.) O acusador do tribunal militar israelita pediu prisão para toda a vida Kozo Okamoto.

O reu permaneceu impassível durante a leitura do veredicto, que durou 20 minutos.

Ao ler o veredicto e as quatro acusações pelas quais Okamoto foi incriminado, o juiz-presidente do tribunal militar de três membros, tenente-coronel Abraham Frisch, afirmou que o réu e os seus dois camaradas tranformaram a noite de 30 de Maio «numa noite de sangue e morte».

O tribunal considerou Okamoto culpado das quatro acusações e,as quais fora incriminado: pertencer a um grupo que disparou armas de fogo e lançou granadas de mão, de disparar uma arma de fogo, de lançar granadas de mão e de realizar um serviço para uma associação ilegal (a Frente Popular para a Libertacão da Palestina).

As primeiras três acusações envolvem uma possível sentença de morte e a quarta uma pena de 10 anos de cadeia.

O juiz-presidente disse ainda: «os factos foram provados sem a mínima dúvida. Representam os crimes pelos quais o reu foi acusado». A sentença será lida esta tarde.

CAIRO: EXERCÍCIOS ANTI-AÉREOS

CAIRO, 17 (ANI) Como parte dos exercícios que as autoridades estão a levar a cabo em todo o País, soaram ontem no Cairo a sereias de aviso contra os ataques aéreos.

As sereias foram instaladas no ano passado quando o Egipto estava declaradamente a preparar-se para travar uma batalha decisiva com Israel, se não se alcançasse nenhum acordo prático.

A preparação da população o pior veio na sequência de um artigo do principal comentador político egípcio, Hassanein Heikal, em que este defendia a adopção de uma política, militar e política, como único meio de obrigar Israel a aceitar um acordo.

Entretanto, para o dia 23, aniversário da revolução que derrubou o rei Faruk, estão já marcados um discurso do presidente Anwar Sadat e a realização de desfiles militares, os primeiros desde a guerra de 1967.

LONDRES: OS "DEZ" ESTUDAM A REFORMA MONETÁRIA

LONDRES, 17 (R) — Ministros das Finanças dos seis países do Mercado Comum e dos quatro Estados candidatos a entrar para essa comunidade iniciaram uma sessão de dois dias nesta capital, para estudarem sugestões altamente de carácter técnico, a fim de se reformar o sistema monetário internacional.

Anthony Barber, o chanceler britânico da Tesouraria, presidiu à sessão privada, que se iniciou as 14 horas e cujo objectivo e principiar a estabelecer uma atitude conjunta da Comunidade Economica Europeia, quanto a reforma monetária mundial. Os dez países pretendem fazê-lo antes da sessão anual do Fundo Monetario Internacional, que se deve efectuar, em Setembro próximo, em Washington.

A conferência de Londres terá perante si documentos de trabalho, um belga e outro britânico, e um relatório da poderosa comissão monetária do Euromercado .revelaran fontes bem informadas.

Disseram ainda que o documento britânico, que apresenta essencialmente os mesmos tópicos que o relatório da comissão monetária, está redigido na forma de um questionário de três páginas. Abrange os capitulos principais da possível reforma monetária mundial e convida a que sejam feitos comentarios por parte dos outros ministros interessados.

As mesmas fontes acrescentaram que todos os dez países da conferência de Londres são a favor, segundo se sabe, de um sistema de paridades fixas, com um grau moderado de flexibilidade, que inclui, tambem, a ideia de tornar menos difíceis do que no passado os ajustamentos de paridades.

AS FILIPINAS CONTRA AS EXPERIÊNCIAS NUCLEARES

MANILA, 17 (ANI) — O presidente Ferdinand Marcos das Filipinas ordenou ao ministro dos Negócios Estrangeiros Carlos Romulo, que apresentasse um forte protesto contra a realização de experiências nucleares no Pacífico

Uma declaração do Governo hoje divulgada diz: "Alguns cientistas filipinos afirmam que tais experiências afectam as condições atmosféricas da região"

Uma outra declaração salienta: "A conferência deplora a realização de experiências nucleares em qualquer parte do mundo".

DL/ESTRANGEIRO

DIFICULDADES PARA A "VIETNAMIZAÇÃO"

SAIGÃO, 17 (ANI e R) — "A vietnamização está a resultar, mas precisamos de melhores armas" — dizem os oficiais sul-vietnamitas em Saigão, onde não restam quaisquer dúvidas de que os Estados Unidos as fornecerão caso as retomadas Conversações de Paris voltarem a transformar-se num beco sem saída.

Há alguns meses atrás os sul-vietnamitas diziam "a vietnamização está a resultar, mas necessitamos de tempo".

No que respeita a Washington, os diplomatas e oficiais norte-americanos não fazem qualquer segredo sobre o significado de vietnamização: o Vietname do Sul deve ser suficientemente forte para deter o ataque norte-vietnamita e, se preciso for, lançar-se num contra-ataque vitorioso.

PRESENÇA DOS E.U.A. «POR UM LONGO TEMPO»

De princípio, o plano destinava-se a permitir apenas que as forças aérea e naval norte-americanas colocassem um "chapéu de chuva" protector enquanto se processavam a vietnamização. Gradualmente, até essa protecção seria desmantelada.

A ofensiva norte-vietnamita, que teve início no dia 30 de Março destruiu este plano, por se ter antecipado à sua realização.

Tanto os norte-americanos como os sul-vietnamitas admitem agora abertamente que a força aérea norte-americana e a Sétima Esquadra não se limitaram a desempenhar um papel auxiliador durante a campanha em curso, mas antes, tomaram uma parte decisiva em quase todas as batalhas.

O original plano para a «vietnamização» foi — de acordo com oficiais norte-americanos — "totalmente destruido pelos rastos dos pesados tanques russos e chineses" utilizados pelos norte-vietnamitas.

Os oficiais do estado maior sul-vietnamitas e os elementos do ministério dos Negócios Estrangeiros concordam que, da forma as coisas estão presentemente no Vietname do Sul, o país tem, com toda a certeza, de aceitar o apoio aéreo e naval dos Estados Unidos" por um longo tempo".

Se este período será de meses ou de anos, eis o que não é bem especificado pelos sul-vietnamitas. Estes limitam-se a declarar que a duração "depende dos acontecimentos".

Esta declaração reflecte a verdade, reconhecida por todos os oficiais norte-americanos em serviço no vietname: As forças armadas sul-vietnamitas estão sub-equipadas, em comparação com as norte-vietnamitas, sustentadas por novas armas soviéticas. Assim, ou os Estados Unidos têm de dentro de um breve tempo previsto, manter as suas forças aéreas e navais na Indochina, ou reforçar as sul-vietnamitas — embora prevendo sempre que uma solução pacífica para a guerra do Vietname do Norte será encontrada em Paris.

Os Estados Unidos têm resistido em organizar a força aérea sul-vietnamita porque, de acordo com um membro da força aérea norte-americana, "se os sul-vietnamitas tivessem esses aparelhos, efectuariam missões até Hanói".

O marechal da força aérea sul-vietnamita, Nguyen Cao Ky, declarou o mesmo em 1960 e os Estados Unidos têm tentado sempre manter a luta e a sua escalada sob o seu controle, dentro das medidas possíveis.

As defesas aéreas norte-vietnamitas já constituem uma grave ameaça para os norte-americanos. A lista oficial de baixas norte-americanas mostra que, entre o começo da presente ofensiva e o dia 15 de Julho, os Estados Unidos perderam 103 aviões e 61 helicópteros, em acção.

ATAQUE A QUANG TRI

Aviões americanos desencadearam um dos ataques de bombardeamento mais concentrados a Oeste da cidade de Quang Tri.

A concentração comunista à volta da capital provincial mais setentrional do Vietname do Sul reduziu consideràvelmente uma tentativa governamental para retomar a cidade, com as forças de Saigão não avançando agora por dia mais do que uma média de 50 metros.

Os bombardeamentos das "B-52" durante os últimos dias na área de Quang Tri e ao norte dela, por cima da zona desmilitarizada, atingiram agora uma nova culminância de 21 missões durante a tarde e a noite de ontem, segundo revelou hoje o comando americano.

Isso significa que, pelo menos, 1500 toneladas de explosivos foram largados sobre as posições norte-vietnamitas dado que, em média, uma missão consiste de três bombardeiros, cada um deles transportanto uma carga de 30 toneladas de bombas.

Fuzileiros navais e para-quedistas sul-vietnamitas — espalhados num arco desde os arrabaldes sul até a nordeste da cidade de Quang Tri — defrontaram ontem novamente fogo de artilharia comunista e vários combates renhidos com os defensores norte-vietnamitas foram, também, anunciados.

CONVERSAÇÕES

Um emissário do Movimento Revolucionário Comunista, Pathet Lao, partiu ontem de Hanói com destino à capital Laociana, a fim de debater a possibilidade de tréguas — anunciou a agência noticiosa norte-vietnamita em notícia captada em Paris.

Esta notícia coincidiu com outras da imprensa parisiense salientando que Paris talvez se transforme em breve em local de reuniões secretas com o fim de se encontrar uma solução para o conflito na Indochina.

«Tropas sul-vietnamitas dispõem-se ao longo de ruínas em Quang Tri enquanto preparam um *ataque a posições norte-vietnamitas. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)*

CRISE NO GOVERNO HOLANDÊS

HAIA, 17 (F.P. e R.) — Dois membros do Governo holandês demitiram-se hoje lançando o país numa crise governamental no momento em que se discute o orçamento de 1973 prevendo-se um saldo negativo de 3500 florins.

Os dois membros do gabinete que se demitiram são o ministro dos Transportes, Willem Drees, e o ministro das Ciências, Maurits de Brauw.

Ambos pertencem ao Partido Democrático e a sua saída parece indicar profundo desacordo em relação às propostas orçamentais. Willem Drees é um antigo director do Orçamento e filho de um antigo primeiro ministro. Segundo foi anunciado, o Governo espera poder poupar 1800 milhões de florins apenas com as economias feitas pelos vários ministérios.

A demissão dos dois ministros parece ter sido motivada por desacordo quanto às reduções das verbas atribuídas aos respectivos ministérios.

Os dois ministros demissionários são os únicos membros do gabinete que pertencem ao Partido Democrático Socialista formado em 1970 por elementos dissidentes do Partido Trabalhista holandês. O gabinete holandês chefiado pelo primeiro ministro Barend Biesheuvel inclui ainda seis membros do Partido Popular Católico, três do Partido Protestante, três do Partido Liberal e dois da União Histórica Cristã. No seu conjunto, os cinco partidos controlam 82 dos 150 lugares no Parlamento. No princípio deste mês tinha sido evitada uma crise governamental à última hora quando o Parlamento, cedendo às pressões, aprovou uma proposta governamental aumentando o custo do ensino universitário em 500 por cento.

Por enquanto não é ainda claro se o afastamento dos dois ministros provocará a queda do Governo e a necessidade de novas eleições.

A demissão agora anunciada arrisca-se a provocar a queda do Governo numa altura em que, no plano internacional, a posição da Holanda é delicada, tendo em conta as dificuldades económicas e a especulação com o dólar. A saída dos dois ministros sociais-democratas ainda vem afectar a posição da Holanda quando à «cimeira europeia» prevista para Outubro vai entrar numa fase «de preparação activa» com a reunião, esta semana, dos ministros dos negócios estrangeiros dos «dez».

O Banco Nacional da Holanda anunciou por decreto publicado hoje no «Diário Oficial do Reino» um determinado número de medidas para apoiar o dólar no mercado de câmbios e evitar o afluxo de capitais especulativos que, ùltimamente, têm acarretado grandes prejuízos para o país.

As medidas aprovadas são:

1 — A não ser com autorização do Banco Central, os residentes na Holanda não podem receber créditos com vista a importações para além de um prazo que ultrapasse os «limites habituais no sector comercial em que exercem a sua actividade».

2 — Sem autorização do Banco Central, os residentes não podem receber pagamentos

2 — Sem autorização do Banco Central, os residentes não podem receber pagamentos adiantados respeitantes a exportações, a não ser que se trate de «provisões» em uso no sector comercial onde exerçam a sua actividade. De qualquer modo, o pagamento da provisão que ultrapasse os 250 000 florins deve ser objecto duma notificação ao banco.

3 — A partir de agora, o Banco Central deixa, em princípio, de autorizar aos residentes empréstimos em divisas estrangeiras.

McGOVERN NÃO VAI AO ESTRANGEIRO

NOVA YORK, 17 — O senador George McGovern, que foi nomeado na semana passada candidato democrático às eleições presidenciais de Novembro, decidiu não se deslocar ao estrangeiro para atrair os votos das minorias étnicas nos Estados Unidos.

Os principais estrategas da campanha de McGovern têm pedido ao senador que visite Israel, a Irlanda e a Itália, um gesto que visa essencialmente à recolha de votos dos elementos provenientes daqueles países.

As intenções de McGovern foram confiadas a um jornalista do «New York Times» durante a viagem de avião do senador, ao partir de Miami, onde decorrera a convenção do Partido.

Os seus colaboradores têm mostrado receios de que os laços frouxos que McGovern mantem com os eleitores judeus e a sua aparente falta de esforço em convencê-los de que, uma vez eleito, continuará a apoiar Israel poderão vir a prejudicá-lo.

Ao mesmo tempo, vários conselheiros de McGovern têm salientado que essas viagens, que teriam um objectivo declaradamente político, poderiam ter um efeito contraprudente e prejudicar o senador junto do público.

APOIO A MCGOVERN

Os delegados do «People's Party» (Partido do Povo) em oito estados do Sul decidiram ontem em Miami não apoiar o seu candidato à presidência, o célebre pediatra Benjamin Spock e fazer campanha pelo candidato do partido democrático, George McGovern.

Os delegados sulistas vão tentar que o seu ponto de vista vença na convenção nacional do Partido, a efectuar no fim deste mês, em Saint Louis, no Missouri.

O «People's Party», fundado em 1968, depois das eleições presidenciais, escolheu o doutor Spock, conhecido adversário da guerra do Vietname, como «candidato provisório».

VANTAGEM DE NIXON

O presidente Nixon alcançaria uma vitória esmagadora se as eleições presidenciais se realizassem já, segundo uma sondagem nacional publicada hoje pela revista «Newsweek».

Esse inquérito atribui a Nixon 236 votos garantidos no colégio eleitoral e mais 64 quase certos, o que dá um total de 300, ao passo que apenas são precisos 270 para a vitória.

Segundo o sistema americano o presidente não é eleito por sufrágio directo. Cada Estado tem um certo número de votos no colégio eleitoral e o candidato que ali ganha no sufrágio popular, mesmo que seja apenas por um voto, regista a seu favor todos os votos desse estado no colégio eleitoral.

Ao mesmo tempo o inquérito apurou que o candidato democrático, senador McGovern, neste momento, conta apenas com sete votos — quatro do seu estado natal, o Dakota do Sul e três do distrito de Columbia.

Mais 29 votos — Wisconsin, Rhode Island e Massachusetts — estavam ao alcance de McGovern, o que faria o total de 36.

Continuavam porém indecisos os votos dos principais Estados tais como a California, Nova York, Illinois e Pensylvania, num total de 205.

CALEIDOSCÓPIO

DESASTRES NA GRÉCIA

ATENAS, 17 (R) — Quatro pessoas foram ontem mortas por raios quando ocorreram trovoadas em muitas partes da Grécia.

A polícia anunciou que cerca de 300 casas foram inundadas e 10 outras ruíram. Oito pessoas perderam a vida em acidentes de viação causados por estradas escorregadias. Em Atenas, 16 americanos, 13 deles mulheres, ficaram ligeiramente feridos quando o autocarro em que seguiam para o aeroporto da capital derrapou e foi chocar com um muro.

ESPIONAGEM

NOVA IORQUE, 17 (R) — Os Estados Unidos teriam aperfeiçoado a sua técnica de espionagem electrónica ao ponto de conseguirem decifrar os códigos militares soviéticos, traduzir as mensagens e saber a posição de pràticamente todos os aviões, navios e submarinos soviéticos. «Temos possibilidades de decifrar todos os códigos que eles arranjam» — declarou um antigo técnico da Agência Nacional de Segurança à revista «Ramparts». Esse técnico, cuja identidade não é revelada, seria um antigo sargento especialista da força aérea, que abandonou o serviço militar depois de passar três anos em missão no estrangeiro como analista de comunicações em bases americanas da Alemanha, Turquia e Indochina.

«TRUKA»

?

NOVIDADE REVOLUCIONÁRIA

É um disco que se coloca sobre a placa de qualquer tipo de fogão. Permite economizar 1/3 de gás, o leite e outros líquidos podem ferver à vontade que não deitam fora, a comida não se queima nem se pega ao tacho, mantendo as panelas, os tachos e o fogão sempre limpos. O seu preço é módico, paga-se por si próprio ao fim de algumas semanas. É o companheiro ideal da dona de casa.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO:

DOCOLA, LDA.

RUA DO PATROCÍNIO, N.º 35-A — LISBOA-3

compre na BAIXA compre melhor

SOTTOMAYOR
BANKAMERICARD
P. Aveiro
ASSINATURA
4938 123 456 789
00/00 BAC
P AVEIRO

SEJA PRÁTICO! COMPRE COM O CARTÃO SOTTOMAYOR

AS CASAS ASSINALADAS COM =

ACEITAM-NO

modas e confecções

A BRUXA
MODAS
R. da Trindade, 36-C
Tel. 32 87 65

MODAS
Gama
RUA DOS FANQUEIROS, 141-143 — Lisboa-2
Telef.: 32 78 26

bebeca
PRONTO A VESTIR
MALHAS
CAMISARIA
P. Figueira, 15 — LISBOA

ESTABELECIMENTOS
DINFER
PRONTO A VESTIR
PARA
NOIVAS
E
FUTURAS MAMAS
(Secção especializada)
R. Dom Duarte
Trv. Nova S. Domingos

ROCA
ANTIGOS
ARMAZENS DO ROSSIO
(NOVAS INSTALAÇÕES)
Loja
MALHAS - PERFUMARIA - LINGERIE
1.º piso
PRONTO-A-VESTIR (senhora e homem)
CAMISARIA
2.º piso
TECIDOS
79 - ROSSIO - 79

meia lua
PRONTO A VESTIR
MALHAS PARA
SENHORA e HOMEM
Rua dos Fanqueiros, 261
Tel. 36 12 54

MJ MONTEIROS & JORGE, LDA.
MALAS
ARTIGOS DE VIAGEM
SAPATOS
Rua Augusta, 113 - 115
Tel. 32 69 56 — LISBOA

Paris em Lisboa
MODAS E CONFECÇÕES
77, CHIADO, 81

Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO
A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/3221122

Rampa
MALHAS—MODAS—CONFECÇÕES
PRONTO A VESTIR
SENHORAS — HOMEM — CRIANÇAS
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 15 — LISBOA
Telef. 32 48 95

artigos diversos

GALERIA
SÃO DOMINGOS
T. NOVA S. DOMINGOS, 30-32

PASTELARIA
«Benard»
R. Garrett, 104

«ACLAPIL»
QUEDA DO CABELO
TRATAMENTO DE CHOQUE, PREVENTIVO, SUPLEMENTAR
À venda nas seguintes farmácias
AZEVEDOS ● ESTÁCIO ● INTERNACIONAL

A MELHOR CASA DE BRINQUEDOS
KERMESSE DE PARIS
R. 1.º de Dezembro, 127
Telef. 35031

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE CARVALHO, CI SARL

Christofle
TALHERES E BAIXELAS EM METAL PRATEADO
Representantes exclusivos
ANTIGA CASA JOSÉ ALEXANDRE
8, Rua Garrett, 18 — LISBOA

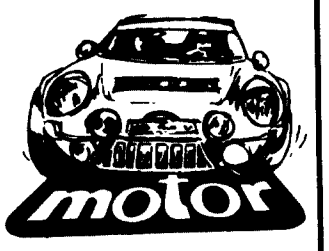
BORDADOS DOS AÇORES
ARTESANATO E ARTIGOS PARA BRINDE
GRANDE VARIEDADE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CASA REGIONAL DA ILHA VERDE
RUA PAIVA DE ANDRADA, 4 (L. do Chiado)

PÓS SUAVES
CORES ESTONTEANTES
MEADA ALTA QUALIDADE
M
MEADA
VENDA DIRECTA DA FÁBRICA AO PÚBLICO
VÁ A MEADA
COM OU SEM «PEZINHOS DE LÃ»
RUA DOS CORREEIROS
LISBOA

PASTELARIA
MARQUES
R. Garret, 72

MARQUISETES—TAPEÇARIAS—CRETONES
Guimar, Lda Rua Prata, 183-187
ALCATIFAS — ESTOFOS — MOBILIÁRIO

Costa & Branco
Artigos de Decoração
Balanças — Ménage
LISTAS DE CASAMENTOS
R. da Assunção, 75 — Tel.: 32 59 35 — Lisboa



CASA AFRICANA

161 RUA AUGUSTA 171

1872 CENTENÁRIO 1972

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES EM TODAS AS SECÇÕES

QUASE 90 MIL CONTOS DE LUCRO TEVE A T.A.P. NO ÚLTIMO ANO

Ascendeu a 89 739 141$00 o lucro apurado pelos Transportes Aéreos Portugueses no último ano, segundo o relatório, agora publicado, do respectivo conselho de administração.

Refere aquele documento, a certa altura:

«Em 1971 foram transportados nos aviões da TAP 1 209 386 passageiros, tendo excedido em 180 459 (18 por cento) o número correspondente do ano anterior.

A carga transportada ascendeu a 14 826 580 kg, o que representa mais 3 290 797 kg ou 28,5 por cento em relação a 1970, tendo o peso do correio atingido 2 579 776 kg, o que equivale a um aumento de 176 966, ou seja, 7 por cento.

O número de horas de voo passou de 46 194 em 1970 para 54 968 em 1971, com o aumento de 8774 horas, equivalente a 19 por cento. O total de quilómetros voados foi de 36 431 895, cerca de 900 vezes o perímetro do globo terrestre no Equador. Aquele total compara-se com o de 30 101 768 quilómetros voados no ano anterior, tendo assim aumentado 6 330 127 ou 21 por cento.»

Durante o exercício verificou-se que o tráfego expresso em passageiros-quilómetro transportados teve o aumento de 23 por cento em relação a 1970, o que deve considerar-se um bom índice. Por outro lado, o coeficiente de utilização da capacidade oferecida em tonelada-quilómetro melhorou 1 ponto relativamente a 1971, tendo atingido 49 por cento, o que quase o iguala ao ponto mais alto dos últimos 6 anos (50 por cento em 1966 e 1967).

No capítulo das novas instalações ressalta a inauguração pelo Chefe do Estado, do hangar n.º 6 e seus anexos, destinado fundamentalmente a apoio da frota «Boeing-747», mas preparado para apoiar também todos os outros aviões.

Concluíram-se por sua vez as obras de remodelação dos edifícios destinados aos serviços da sede, foram inauguradas novas lojas de vendas em Bruxelas e Las Palmas, aberto um escritório em Cabora Bassa e remodeladas as instalações de Luanda e Boston, bem como as de Munique e Londres, estas últimas em novos locais. Finalmente, o edifício da Rua do Conde de Redondo, em Lisboa, onde funcionou a sede da empresa foi vendido à Empresa Pública Correios e Telecomunicações de Portugal.

Em relação à actividade de táxis aéreos esta «tem sido grandemente afectada por vários factores adversos, nomeadamente no que se refere à incidência de direitos e impostos sobre combustíveis, lubrificantes e materiais de manutenção e aos condicionalismos operacionais das infra-estruturas da sede interna continental que, salvo no que se refere a Lisboa, Porto e Faro, só admite operação diurna e não se encontra ainda preparada para ser utilizada em condições de mau tempo, por falta de protecção meteorológica e das rádio-ajudas indispensáveis e, em alguns casos, por impraticabilidade dos terrenos».

«Só com a modificação desta situação — afirma o relatório — que está sendo encarada por quem de direito, se poderá dar a estes serviços o desenvolvimento que seria de esperar.»

REVISÕES TARIFÁRIAS

O relatório trata, a seguir, do despacho normativo do ministro das Comunicações sobre o relatório do grupo de trabalho criado pela Portaria n.º 23 630 de 28 de Setembro de 1968, onde foi definida a política a seguir no que se refere às ligações aéreas internas do arquipélago, a cargo da S. A. T. A. em regime de licença, e as suas ligações com o continente português e com a Madeira, bem como as ligações com os E. U. A. e com o Canadá, a cargo da TAP, em termos de assegurar «uma conjugação íntima das duas redes em presença, mediante a transformação ou substituição da S. A. T. A. em empresa associada da TAP, em termos a acordar pelas partes interessadas e de tal forma que a exploração e coordenação do serviço, no seu conjunto, fiquem sujeitas a um comando único sob a responsabilidade da concessionária nacional, dentro do objectivo seguinte: assegurar, nas relações internas no arquipélago e nas suas relações com o continente e com o estrangeiro, o funcionamento regular e contínuo do serviço público de transportes aéreos de passageiros, carga e correio, dentro das melhores condições técnica e económicamente possíveis de eficiência do serviço, segurança do transporte e comodidade dos passageiros».

No capítulo das revisões tarifárias entrou em vigor a partir de 1 de Abril de 1971 um aumento da ordem dos 25 por cento nas tarifas aplicáveis ao percurso Lisboa-Porto e da ordem dos 20 por cento nas tarifas aplicáveis ao percurso Lisboa-Faro, que ficaram ainda sensìvelmente inferiores a muitos percursos europeus de idêntica extensão.

A partir da mesma data foram alteradas, tornando-as mais acessíveis, as tarifas de excursão de 45 dias «Férias na Metrópole» e «Férias no Ultramar».

Foi além disso estabelecido o desconto de 40 por cento sobre a tarifa económica de ida e volta da Metrópole para o Ultramar e vice-versa, e entre as províncias ultramarinas, para grupos de estudantes do ensino médio e superior, acompanhados por professores, quando em viagem de estudo.

A partir de Novembro foi introduzido um novo regime de tarifas reduzidas entre a Metrópole e o Ultramar, para publicações em língua portuguesa e editadas em Portugal.

PESSOAL

Na mesma altura foi generalizado a todas as linhas de cabotagem o regime de descontos vigente nas linhas domésticas para grupos desportivos.

Finalmente, por decisão das autoridades competentes, foram remodeladas, com vigência a partir de 1 de Abril de 1972, todas as tarifas domésticas e de cabotagem. para incorporação nas mesmas das taxas de aeroporto até essa data directamente cobradas dos passageiros, o que se traduz em maior comodidade para os mesmos e simplificação para o serviço.

Continua na pág. 9

novo
AUSTIN 1300 MK III

GARANTIA DE SEGURANÇA E ECONOMIA

O carro que se identifica de tal forma com o condutor que passa a ser para ele uma maneira diferente de existir: este é o segredo do êxito do AUSTIN 1300 em qualquer das suas versões. Grande por dentro e suficientemente pequeno por fora para facilitar o problema do estacionamento. Progresso técnico comprovado e aperfeiçoamento sistemático: eis o que dá confiança a quem sabe reconhecer um bom carro

● Motor transversal que permite aproveitar 80 por cento do comprimento do carro para passageiros e bagagem.
● Suspensão «Hydrolastic», de manutenção económica, que absorve todas as irregularidades do piso.
● Tracção dianteira extra-segura, manejável e estável.
Quatro versões e um só modelo:
2 PORTAS — 4 PORTAS
COUNTRYMAN — GT.

Tem a pinta da família!

Em exposição e venda nos «stands» de:
J. J. GONÇALVES, SUCRS. AUTOMÓVEIS, LDA.
Lisboa: Rua Alexandre Herculano, 4, telefone 53 71 81/8 Rua Tomás Ribeiro, 50-A, telefone 53 98 15
Porto: Rua da Constituição, 225, telefone 4 40 71 Rua Alexandre Braga, 130, telefone 2 91 21
Matosinhos: Rua Tomás Ribeiro, 245, telefone 93 24 31
e nos Concessionários AUSTIN de todo o País
ABERTOS ATÉ ÀS 24 HORAS DE 17 A 20 DO CORRENTE

72A1300-10

DL/AUTOMOBILISMO

GRANDE PRÉMIO DA EUROPA F1

EMERSON FITTIPALDI FESTA BRASILEIRA EM BRANDS HATCH

Cerca de dois anos após ter-se estreado em Fórmula 1, no mesmo Circuito de Brands Hatch, tão intimamente ligado á sua carreira, o brasileiro Emerson Fittipaldi, conquistou a sua terceira **vitória da temporada em provas a contar para o Campeonato** do Mundo de Condutores, subindo mais alguns degraus ao encontro do título de campeão que já difícilmente poderá fugir-lhe, agora que ficou com um avanço de 16 pontos sobre o seu mais directo competidor jacky Stewart uma estrela que Emerson Fittipaldi **está a ofuscar rápidamente.**

Por **AUGUSTO VILELA**
nosso enviado especial

Fittipaldi e Colin Chapman, o patrão da Lotus, dois homens vitoriosos e felizes no Grande Prémio da Europa

A corrida foi uma das mais emocionantes dos últimos anos, com Ickx, Fittipaldi e Stewart no comando, durante muitas voltas separados por escassas dezenas de metros, cada um esperando por um erro do outro para o ultrapassar. Finalmente Ickx abandonou por avaria, antes de ser verdadeiramente atacado por Fittipaldi, e Stewart não conseguiu aguentar o brasileiro, preferindo não correr riscos e ser um segundo classificado certo. A corrida foi assinalada por numerosos despistes, devido ao mau estado da pista, mas nenhum piloto ficou ferido.

Para este Grande Prémio da Europa, que comemorava o 75.º aniversário do Royal Automobile Club estavam inscritos todos os grandes nomes da Fórmula 1, num total de 32 pilotos. No entanto alguns não estiveram presentes, entre eles Mário Andretti, que se encontra nos Estados Unidos ocupado com as corridas da TRANS-AM e Clay Regazzoni a curar uma recente fractura num pulso sofrida recentemente num encontro de futebol com os mecânicos da Ferrari. A ausência de Regazzoni permitiu talvez ganhar mais um valoroso piloto para a Fórmula 1 — Arturo Merzzario — que tomando o lugar do seu compatriota teve uma auspiciosa estreia, e terminou em sexto lugar.

TREINOS

Desta vez nem os pilotos nem os mecânicos puderam queixar-se de falta de tempo para treinar e para as necessárias operações de afinação de motores e suspensões. Nada menos que seis horas de treinos, distribuidas por quatro sessões foram previstas para o Grande Prémio da Europa. No sábado de manhã houve ainda mais meia hora de treino mas cujos tempos não contavam para a definição dos lugares na grelha de partida. As quatro sessões de treino foram realizadas com a pista seca e bom tempo. A grande curiosidade residia na presença do novo Tyrrel 005 que Cévert tinha danificado nos treinos do Grande Prémio de França. A viatura foi reparada para Stewart correr em Brands Hatch mas o escocês, depois de ter obtido na segunda sessão de treinos o melhor tempo (1.22,4) despistou-se, danificando-a de novo, e teve que continuar a treinar com o carro antigo não conseguindo com este melhor que 1.22.9. Fittipaldi na última sessão realizou o seu melhor tempo (1.22,6) mas a «pole position» continuou a pertencer a Jacky Ickx com 1.22,2, tempo muito difícil de superar.

Após as quatro sessões de treinos Ickx (1.22,2)e E. Fittipaldi (1.22,6) ocuparam a primeira linha da grelha. Stewart que teve que alinhar na sua antiga viatura com a qual tinha obtido 1.22,9 teve que contentar-se com um lugar na segunda linha, ao lado de Peter Revson (1.22,2). Atrás deles, na quarta linha, ficaram Schenken (1.22,2) e Beltoise (1.23,2). Ao todo alinharam para a corrida 26 carros verificando-se a ausência de Andretti, Tonny Trimmer, Reine Wisell, Helmut Marko, Brian Redman, Ray Allen e François Migault. Este não alinhou porque à última hora foi descoberta uma fractura numa peça do carro.

Jacky Ickx comanda o Grande Prémio da Europa. Seguem-se Fittipaldi), Beltoise, Revson e Tim Schenken. Stewart é o último grupo

A CORRIDA

O belga Jacky Ickx foi o mais rápido no arranque tomando logo o comando da corrida. Fittipaldi passa em segundo lugar na primeira volta, seguido de Beltoise, Stewart e Tim Sbenken. Ickx tenta afastar-se nas percorridas duas voltas Fittipaldi consegue colar-se ao «leader». Stewart andou as duas primeiras voltas em quinto lugar mas depois foi recuperando até se colocar em terceiro na sétima volta Gethin foi o primeiro a abandonar (sétima volta) e deixa óleo na pista recolhendo aos boxes. Entretanto Stewart continua a recuperar deixando antever que em breve se juntariaao duo Ickx-Fittipaldi. Na vigésima terceira volta o escocês consegue finalmente alcançar o grupo xa frente De repente Ickx comete um erro, e atravessa-se, Fittipaldi trava e Stewart passa para segundo lugar. Entretanto sucedem-se os despistes devido ao mau estado do piso. Cévert, Hill, Peterson abandonam consequências disso. Na trigéssima sexta volta dá-se com Wilson Fittipaldi o mesmo que havia sucedido com Ickx, e Emerson aproveita esse ligeiro despiste do irmão para ultrapassar Stewart.

Os três rodam colados e a corrida não se define. As posições mantêm-se e nenhum quer tomar iniciativas. Na 48.ª volta rompe-se o eixo traseiro do carro de Ickx e este, que também já vinha experimentando a desistir, deixando Emerson Fittipaldi no comando. Com o abandono de Jacky Ickx a luta para o primeiro lugar passou a desenrolar-se únicamente entre o escocês e o brasileiro. A vinte voltas do fim está apenas a 4 segundos de Fittipaldi e nas voltas seguintes vai reduzindo até ficar a escassos 2 segundos. A prova ganha emoção. Stewart tão depressa dá a sensação de poder apanhar Fittipaldi como de repente se atrasa sinal de que a sua condução começa a atingir os limites e a tornar-se insegura. Alguns «slides» inesperados funcionam como um aviso. Só Emerson Fittipaldi continua com impressionante regularidade. Na parte final da corrida Stewart desistiu finalmente da tentativa desesperada de o ultrapassar. Este não se deixava surpreender, não cometia um único erro de condução e o escocês sabia que só excedendo os seus limites teria qualquer probabilidade de passar para a frente. Desiste do intento, e preferindo conservar-se com segurança dentro desses limites e garantir o segundo lugar, tanto mais que recebera já alguns avisos ao atravessar-se nos Druids. Mas a vitória poderia ainda ter-se julgado nos últimos metros de corrida quando um pneu da frente do carro de Fittipaldi furou. O piloto no entanto conseguiu cortar a linha de chegada e só depois se apercebeu do que tinha acontecido.

A prova foi fértil em acidentes em consequência dos quais desistiram Cevért, Hill Petterson e Jean Pierre Beltoise. Este último foi socorrido a tempo pelos bombeiros quando o seu carro, em Dingle Bell se incendiou depois de ter batido numa protecção.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º, Emerson Fittipaldi (John Player Special), 76 voltas, 1h 47 m 50,2, média de 180,340 km/h 2.º, Stewart (Tyrrel-Ford), 7[illegible] voltas, 1h 47m 54,3 s; 3.º Revson (Yardley McLaren), 1h 49m 02,7; 4.º, Amon (Matra-Simca) 75 voltas; 5.º, Hulme (Yardley-McLaren), 75 voltas; 6.º Merzario (Ferrari), 75 voltas 7.º, Peterson (STP-Ford), 74 8.º, Reutman (Braham-Ford 73; 9.º, Lauda (STP-Ford) 73 10.º Stommelen (Eifelland March) 71, 11.º, Beltoise (BRM), 70; 12.ºWilson Fittipaldi (Braham-Ford) 69; 13.º, Beutler (March-Ford), 69.

IV RALLYE DOS MONTES ALENTEJANOS

Conde de Botelho-"Scorpius" (Citröen DS21) os mais rápidos

Por SERGIO RIBEIRO TELLES

Comandando a prova pràticamente desde o seu inicio a equipa Conde de Botelho/«Scorpius» (Citroen DS 21) acabou por ser a sua natural vencedora

A quarta edição da mais dura prova realizada entre nós teve, este ano, um percurso de estrada de 520 quilómetros, divididos em três etapas.

Dos 24 concorrentes inscritos não alinharam à partida António Carlos Oliveira/Barata (Datsun 1200) e António Campos/Vitor Porto também em Datsun 1200.

1.ª ETAPA: Às nove horas de sábado teve início a primeira etapa que constava de um percurso de 326 km. e 6 provas de classificação.

Esta etapa quer pela sua extensão quer pela dureza do próprio percurso foi a mais demolidora das três, como o provam as oito desistencias verificadas: — CarlosFerreira/Carlos Sousa (Saab 96V4) com a caixa de velocidades partida, Daniel Silva/José Crespo (Volvo 144) com a transmissão partida, Antunes Vasconcelos/Jorge Lessa (VW 1500) por despiste, Pedro Dias/João Pedro Bandeira (Daihatsu 360) com problemas na parte eléctrica, António Lopes/Pais Ribeiro (Renault 16) com a transmissão partida, ChristianMelville/ManuelCoentro (Saab 96 V4) e Fernando Martins-José Xarez (Morris Mini Moke) ambos por excesso de penalização, RosaMilheiro/Santos Silva (NSU TT) por despiste.

Conde de Botelho, Albio Pinto, Francisco Fino e Luis Carpinteiro Albino dividiram entre si os melhores tempos nas provas especiais desta primeira etapa.

2.ª ETAPA: À noite disputou-se a 2.ª etapa na extensão de 58 entre o Monte Falcato-Monte da Padeira, na primeira passagem e o inverso na segunda.

Carpinteiro Albino com 22,53 foi o mais rápido na primeira passagem, seguido do Conde de Botelho com 23.29 e Francisco Fino com 23.32.

Na segunda passagem o mais rápido foi Albio Pinto (23.16). Seguiram-se-lhe Conde de Botelho (23.20) e Francisco Fino (23.34). Nesta etapa ficou mais um concorrente: António Neves/Maria Eugénia (Fiat 128)

3.ª ETAPA: A 3.ª etapa teve uma extensão total de 136,5 km., utilizando parte do percurso da primeira etapa.

Nela estavam incluidos dois troços cronometrados percorridos tambem na primeira etapa). No primeiro (Monte dos Morenos) Francisco Fino fez 8.07 m. à frente de Carpinteiro Albino (8.23) Joaquim Coelho (8.29) e Conde de Botelho (8.48).

Entretanto mais dois concorrentes ficavam pelo caminho: Albio Pinto/José Conde (Porsche 911S) com a caixa de velocidades partida e Santinho Mendes/Artur Cortez (Taunus 17 M) com a transmissão Santinho Mendes estava a fazer uma prova muitissimo boa, tendo em conta que o seu automóvel tem cerca de 15 anos e foi comprado por 6000$00!

No Monte da Fontalva, último troço cronometrado do Rallye, omelhor tempo foi para Francisco Fino que gastou 5.37 m.

Depois dele ficaram Carpinteiro Albino (5.43), Conde de Botelho (5.59) e Joaquim Coelho (5.59).

CLASSIFICAÇÃO: 1.º, n.º 3, Conde Botelho/Scorpius (Citroen DS 21), 10.321 pontos; 2.º, n.º 17, Francisco Fino/Antunes Tropa (VW 1500), 10.639; 3.º, n.º 5 Luis Carpinteiro Albino/João Vicente (Saab V4), 10.765; 4.º, n.º 10, Carlos Rosa/Francisco Rosa (Datsun 1200), 12.077; 5.º, n.º 9, António Luis Ferreira/Luis Gomes (Austin 1275 GT) 13.093; 6.º n.º 22, Carlos Larangeira/J. Rolo (VW 1302-S), 14.748; 7.º, n.º 23, Luis Freitas/Assis e Santos (Volvo 144), 14.876; 8.º, n.º 30 Salter Cid/Salter Cid (Honda N 600), 15.224; 9.º, n.º 21, Jorge Santos Silva/JoaquimCamilo (Datsun 1600 SSS), 15.51[illegible] 10.º, n.º 16, Fernando Meireles/Artur Almeida (Datsun 1200), 16.993; 11.º, n.º 20, Joaquim Coelho/Francisco Lucas (Datsun 1600 SSS), 18.695.

No domingo à tarde disputou-se uma prova complementar que apenas contava para a classificação geral como factor de desempate.

DL/DESPORTOS

Futebol para os "States" verem

Empate forjado pelo "árbitro" entre Benfica e Sporting (2-2)

Em Foxboro (América do Norte) um «árbitro» americano, grego de nascimento, inventou um empate para o encontro de futebol entre o Benfica e o Sporting. Com uma grande penalidade que nunca existiu, assegurou uma melhor receita para o debate do próximo domingo, cumprindo (assim) os desígnio dos organizadores. Incrível mas verdadeiro. Autêntica e insofismável mistificação...

E, porque «fantochadas» deste jaez não podem mercer aceitação da Imprensa, limitamo-nos a dar, em sucintas notas, idéia de como as coisas se passaram neste jorgo verde-rubro inventado para arrebanhamento (exclusivo) de dólares.

As equipas:

. SPORTING — Damas (Botelho); Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos e Hilário; Tomé, Dani e Peres; Marinho (Nando), Yazalde e Nelson.

BENFICA — José Henrique, Malta da Silva, Humberto Coelho, Messias e Adolfo; Jaime Graça, Toni (Diamantino) e Vítor Martins (Rui Rodrigues); Néné, Eusébio e Jordão (Artur Jorge).

Apitou um tal Angelo Bratsis que, lògicamente, recebeu o seu «cachet» da organização. E exibiu-se a contento dos patrões.

Com 43 graus de temperatura e relva (artificial) cortando como navalha, o jogo pode dizer-se que principiou com um tento do Sporting: aos 6 minutos, aproveitando um mau alívio de Messias o dianteiro Márinho abriu o activo, fazendo 1-0 para o Sporting.

O Benfica reagiu. Néné e Eusébio atiraram junto ao poste. Graça, lesionado num choque com Hilário, esteve fora do terreno a receber assistência. O Sporting volta, então, a plano de ataque. Nelson atira dois grandes remates a que José Henrique corresponde com óptimas defesas. Jordão e Néné falham duas recargas que estavam a um passo da rede contrária. Eusébio despede dois «tiros» rentes à trave superior. E, ainda, antes de terminar a primira parte, Damas comete uma grande penalidade sobre Néné, tolhendo-lhe o passo após ter sido desfeiteado: Eusébio converteu o castigo no tento do empate.

Na segunda parte, Nando passa a ocupar o lugar de Márinho. Aos 12 minutos, caindo mal, Damas lesiona-se e sai em braços daquele arremedo de «relvado». Botelho entra para a defesa das redes sportinguistas mas, numa adesão certa à paródia, descalça-se e está um tempo a jogar em meias... O apitador lá dá por isso e vem, risonhamente, convidar o jogador a equipar-se correctamente. O jogo segue: Toni, Jordão e Vítor Martins cedem os lugares a Diamantino, Artur Jorge e Rui Rodrigues. A pressão benfiquista é um facto: só aos 25 minutos José Henrique efectua a primeira defesa no tempo comlementar. E, logo de imediato, 2-1 para os campeões nacionais: centro de Néné para a cabeça de Diamantino, endosse rápido a Eusébio e chuto imparável do moçambicano.

Parecia encontrado o resultado do encontro. Mas o apitador não estava pelos ajustes. E, sem mais nem porquê, ordenou grande penalidade contra o Benfica por hipotética falta de Malta da Silva contra NNndo. Toda a equipa benfiquista protesta: mas, ali, o delegado da organização era o «árbitroz2... Peres, cumprindo a sua obrigação, atira o empate para a rede de José Henrique.

Para além da péssima actuação do «juiz», a partida teve interessantes fases: e patenteou, até, um bom espectáculo. Peres, Laranjeira, Jaime Graça, Toni e Adolfo sobressairam. Damas (com uma rutura na virilha e incapacitado para jogar durante três semanas) deve regressar a Lisboa, prevendo-se que Rui Paulino faça amanhã a viagem até aos Estados Unidos. Também Néné e Jaime Graça contrairam lesões: mas é nataural que possam recuperar até domingo.

Assitiram cerca de 40 mil pessoas que deixaram nas bilheteiras perto de 6 500 contos. Assegurados, portanto, bons lucros aos idealizadores do espectáculo. Isso não seria mesmo o fundamental?

Allen fala aos sportinguistas no terreno de jogo...

... enquanto os benfiquistas, à porta da rua, esperam para poderem entrar

Américo Barros já está à frente da prova dos 5000 metros, em que foi o triunfador.

REGISTO

ATLETISMO: Terminaram os campeonatos nacionais individuais e o pentatlo nacional feminino. O Sporting conquistou dez títulos e para o Benfica foram cinco. «Recors» conseguidos: José Câmara, vencendo os 400 m, bateu o da Madeira; António Maruta, da C.U.F., o dos 400 m juvenis; Caetano Claudino e António Fortunato, os do triplo-salto e dos 400 m; Maria José Sobral, o dos 200 m; Marília de Carvalho, do Belenenses, venceu o pentatlo e é nova recordista regional de juniores.

ALGÉS E DAFUNDO: Prossegue amanhã a assembleia geral pelas 21 horas, para discussão e votação das contas e eleição dos novos corpos gerentes.

VELA: Principiou a disputar-se, ao largo de Leixões, o 12.º Campeonato da Europa e Africa de «snipes». A equipa portuguesa Rui Moreira-António Roquete foi a primeira nas provas de treino realizadas. Entretanto, Augusto Correia e Francisco Lufinha venceram o «Torneio Ana Maria», respectivamente em «snipes» e «420».

EM ITÁLIA: Carlos Lopes foi o vencedor da prova dos 5000 metros do torneio internacional realizado em Sienne. Fernando Mamede foi quarto na prova de 800 metros.

BILHAR: Jorge Pinto, com três vitórias, é campeão nacional da 1.ª categoria do quadro 71/2.

CICLISMO: O portista Manuel de Sousa triunfou na prova ICerâmica de Valadares». A formação do F.C. Porto também venceu por equipas.

RIERA: O técnico portista dispensa os serviços de Manuel Duarte, Joaquinzinho e Ronaldo. Entretanto, Sucena e Ludgero são cedidos ao Boavista por troca com Celso.

OVARENSE: Miguel Arcanjo é o novo técnico do clube local.

OLHANENSE: Artur, que se tornou popular como defesa do Benfica, é o novo responsável pelo futebol do clube.

BOAVISTA: Prevista para hoje a chegada (do Brasil) do treinador Aymoré Moreira.

Angola vê jogos com brasileiros

Estão a decorrer em Angola provas incluídas nos «V Jogos Luso-Brasileiros». Vencedores das competições de atletismo: 110 barreiras — Elias Mariano (15,1); 100 metros — Rui Silva (10,4); dardo — Paulo Faria (64,10); 400 metros — João Francisco (51,9); 1500 — José Silva (3m. 51,8s.); Comprimento — Luis Morais (6,71m.); altura — Miguel Guarino (1,85); peso — José Jacques (16,15); 4X100 — brasileiros (42,1); comprimento para senhoras — Maria Luiza Betioli (5,62) e 200 femininos — Elisabeth Cândido (25,1). Derrota em toda a linha da selecção de Angola que não conseguiu qualquer triunfo ante uma inexpressiva representação visitante.

Em basquetebol, novo êxito brasileiro: uma equipa B venceu por 101-54 a turma de Luanda. Por último, em hóquei patinado, os angolanos triunfaram (3-1, golos de Chalupa) sobre um quase improvisado «cinco» do Brasil.

Na pista dos coqueiros

Elisabeth Cândido, Solange Lazosky e Rosangela Veríssimo (a partir da direita) venceram como quiseram as representantes de Angola que, nos 200 metros, ficaram a perder de vista. As competições prosseguem, alastrando a Moçambique e ao Continente

DL/DESPORTOS

LIGUINHAS: ADEUS, ATÉ PARA O ANO

LEIXÕES E BEIRA-MAR CONTINUAM NA 1.ª DIVISÃO

Terminou a «liguilla» da I/II Divisões: e, como resultado, aquilo que se esperava, ou seja, Leixões e Beira Mar continuarem entre os grandes do futebol português. De nada (ou quase nada) serviu pois o esforço de quatro equipas, dado que foram as turmas com mais experiência e mais futebol que ficaram apuradas. Do conjunto dos resultados verificados ao longo das jornadas, será justo realçar a actuação do Peniche, que bateu o pé aos candidatos mais fortes, e que só nos últimos minutos do encontro derradeiro consentiu o golo que permitiu ao Beira Mar consolidar o seu favoritismo. Quanto ao Riopele, este torneio apenas serviu para confirmar a queda de que foi vítima: nas últimas jornadas do Nacional da 2.ª Divisão, permitiu que o União de Coimbra o ultrapassasse em pontos e, agora, não conseguiu impor-se como candidato à divisão Maior.

RIOPELE, 1-LEIXÕES, 4 VITÓRIA CONCLUDENTE

Já com o apuramento pràticamente assegurado, o Leixões deslocou-se a Pousada de Saramagos, para defrontar a turma do Riopele, tida e considerada como a mais fraca deste torneio de competência. E não teve dificuldades de maior em averbar a vitória que teòricamente lhe cabia. Uma vez mais, a equipa do Riopele soube reagir e lutar contra o futebol mais prático dos forasteiros: mas todo o esforço resultou inglório, porque a maior força dos homens de Matosinhos ditou a sua lei, garantindo mais um triunfo. Triunfo que não merece a mínima reticência, tanto em face do futebol jogado como em face ao resultado final: 4-1 reflecte bem a verdade do que se passou dentro das quatro linhas, podendo-se considerar a vitória dos homens de Matosinhoa como a mais lógica e única a corresponder à comparação entre as duas turmas.

Sob a arbitragem de Fernando Gomes, de Lisboa, as equipas alinharam:

RIOPELE: Pimenta (Raimundo); Abreu, Vieira, Cláudio e Austrino (Lourenço); Barros e Vicente; Piruta, Feliciano, Mascarenhas e A. Teixeira.

LEIXÕES: Tibi; Celestino, Adriano, Nicolau II e Raul; Gentil e Teixeira; Vaqueiro, Cacheira, Horácio e Esteves.

Golos: No primeiro tempo, Horácio e Cacheira marcaram pelo Leixões. Na segunda metade do encontro, Teixeira e Gentil, aumentaram a vantagem dos matosinhenses, enquanto Piruta apontava o tento do Riopele.

Beira-Mar, 2-Peniche, 1 VITÓRIA ARRANCADA A FERROS

Em Aveiro, Beira Mar e Peniche jogavam o seu destino: aos homens comandados por Meirim, bastaria o empate para continuarem entre os grandes, enquanto aos de Peniche, só a vitória poderia interessar. Daí, o ter-se assistido a um encontro verdadeiramente dramático, no qual a resolução veio só nos minutos finais. O Beira Mar, entrou em campo com a nítida disposição de cedo resolvar o problema vindo de Peniche: e logo no segundo minuto fez um golo, saudado com entusiasmo pelos seus adeptos. Parecia que tudo estava resolvido: mas, como tantas vezes acontece, a marcação de um tento, logo nos minutos iniciais, não resolveu de todo o problema, pois o Peniche não deixou cair os braços, convencido da sua incapacidade em resolver o desafio a seu favor: não surpreendeu, por isso, que o empate tenha chegado, num golo de excelente efeito, e que teve o condão de enervar os homens de Aveiro. Julgava-se que o segundo tempo fosse de completo esclarecimento para os donos da casa, mas, uma vez mais, os forasteiros responderam com ânimo e estiveram à beira de causar surpresa. Foi só nos minutos finais que o Beira Mar conseguiu a marcação do seu segundo golo, tendo chegado com ele a completa tranquilidade.

O setubalense João Nogueira apitou o encontro do Estádio Mário Duarte, tendo as equipas apresentado:

BEIRA MAR: César; Jerónimo, Marques, Soares e Severino; Inguilla (Colorado) e Ade; Nelinho, Alemão, Lázaro (Ferreira) e Almeida.

PENICHE: Rodrigues; Borges, Catinana, Carolino e Artur (Lino); Rachão e Sarreira; Armando Luís, Campinense, Honório e Petita.

Golos: Aos 3 minutos o brasileiro Alemão abriu o activo, dando aos aveirenses a vantagem que se manteve até aos 14 minutos, altura em que Rachão repôs a igualdade. Só a cerca de seis minutos do termo da partida, o Beira Mar se colocou na situação de vencedor com um tento apontado por Nèlinho.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

		P.
1.º	**LEIXÕES**	9
2.º	**BEIRA MAR**	9
3.º	PENICHE	6
4.º	RIOPELE	0

NA SEGUNDA DIVISÃO FICAM OS QUE ESTAVAM

Tal como aconteceu com o torneio de competência da 1ª/2ª divisões (em que Leixões e Beira Mar conquistaram o direito de continuar entre os grandes), também no torneio da 2.ª/3.ª divisões, os clubes vindos da segunda divisão garantiram a sua permanência na divisão secundária. Na última jornada, verificaram-se os seguintes resultados: Zona Norte: Gil Vicente, 2-Vianense, 0 e Valecambrense, 5 Sporting da Covilhã, 2. Na Zona Sul: Portalegrense, 1-Juventude, 1 e Nazarenos, 1-Portimonense, 1. Deste modo, Gil Vicente e Sporting da Covilhã (na zona Norte) e Nazarenos e Portalegrense (na Zona Sul), continuam com lugar marcado no próximo Campeonato Nacional da 2.ª divisão.

CLASSIFICAÇÕES FINAIS

ZONA NORTE:

		P.
1.º	**Sporting da Covilhã**	8
2.º	**Gil Vicente**	8
3.º	Vianense	4
4.º	Valecambrense	4

ZONA SUL:

1.º	**Nazarenos**	8
2.º	**Portimonense**	7
3.º	Portalegrense	5
4.º	Juventude	4

DL/GERAL

XADREZ

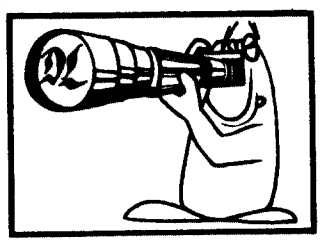
FISHER CONTINUA...

Depois de ter marcado lugar num avião, dando a entender que abandonavaa o «jogo do século», Fisher compareceu para a terceira partida com Spssky. Este, muito aplaudido, foi o primeiro a chegar ao Palácio dos Desportos de Reykjavik para a terceira partida do campeonato do mundo contra Fismcher que, procurando sempre produzir os seus efeitos, chegou apenas três minutos antes da hora. A sala do Palácio dos Desportos estava quase totalmente cheia com o palco vazio, dado que os dois adversários jogam num salão contiguo. O Dr Schmidt explicou que procedeu-se assim para satisfazer o desejo expresso pelos dois jogadores, a quem o público poderia incomodar sem querer. A partida, que é televisionada, começou com um quarto de hora de atraso. E Spassky jogou com as brancas.

ONDA - -AMIGO

Amarela sem matrícula. Penu furado. Desapareceu Campo Pequeno - Dia 10. Dona inconsolável - 2.500$00 a quem indicar.
Telefones - 785242 - 675412

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)



DR. ÂNGELO CÉSAR

MISSA DO 7.º DIA

António Júlio de Castro Fernandes e Maria do Rosário de Castro Fernandes Farmhouse mandam celebrar missa do 7.º dia pelo eterno descanso do seu querido Amigo e Padrinho. A Santa Missa realiza-se na próxima terça-feira, dia 18, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (aos Prazeres) às 12,30.

Agradecem a quantos, amigos e admiradores do Dr. Angelo César, queiram assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

TOTOBOLA

Riopele-Leixões			2
Beira Mar-Peniche	1		
Vale-Camb.-Covilhã	1		
Nazaren.-Portimon.		X	
ASA-B. Lubango		X	
Independ.-Sp. Luanda	1		
P. Benguela-B. Huambo			2
Amboim Dinises		X	
Innsbruck-Göteborg	1		
St.-Etienne-Atvidab.	1		
Cravóv.-Young Boys	1		
Nice-Slavia Praga		X	
Zurique-First Viena		X	

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

OBRIGAÇÕES CTT 5 3/4% — 1969

JUROS

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas de que o cupão n.º 6 se encontra a pagamento a partir de 1 de Agosto próximo:

Juro de cada obrigação	28$75
Imposto sobre as Sucessões e Doações (exceptuados casos de isenção)	1$43,75
Líquido a receber	27$31,25

(O total em cada pagamento deve ser arredondado em dezenas de centavos, para menos).

Os juros das obrigações nominativas serão pagos na Tesouraria dos CTT, Rua de S. José, 18, Lisboa — pelo que se torna necessária a apresentação dos títulos respectivos a fim de serem carimbados.

O pagamento dos juros das restantes obrigações será efectuado nos estabelecimentos bancários abaixo indicados.

TÍTULOS SORTEADOS

A partir, também, de 1 de Agosto próximo efectuar-se-á o reembolso dos títulos sorteados em 3 do mês corrente cuja lista foi já publicada em jornais da manhã de Lisboa e do Porto. Os pagamentos serão efectuados nos seguintes estabelecimentos bancários os quais possuem exemplares daquela lista:

Caixa Geral de Depósitos
Banco de Fomento Nacional
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Açores
Montepio Geral

Lisboa, 17 de Julho de 1972.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

DIVISÃO DE OBRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA VIA V, ENTRE AS POVOAÇÕES DA GRANJA (E. N. 349) E SISMARIA (C. M. 1203), E DA VIA VIII, ENTRE AS POVOAÇÕES DA CARREIRA (C. M. 1201) E SISMARIA (C. M. 1203), NA OBRA DO LIS

Anuncia-se que até ao dia 5 de Setembro de 1972 se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de São Mamede (ao Caldas) n.º 23.

DEPÓSITO PROVISÓRIO: 78 000$00.

Alvarás exigidos aos concorrentes:

IV categoria ou 1.ª subcategoria da IV categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

O projecto, o caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral, situada em Lisboa, na Rua de São Mamede (ao Caldas) n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 12 de Julho de 1972.

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL

a) **Armando da Palma Carlos**

VOLTA À FRANÇA — DL/DESPORTOS

MERCKX MAIS DESTACADO OCAÑA MAIS DOENTE...

BRIANCON, — O italiano Zilioli e o alemão Junkermann (doentes), renunciaram a prosseguir a prova, pelo que foram 99 corredores que alinharam à partida para a 13.ª etapa. O céu estava ainda ligeiramente encoberto mas nesse momento surgiu o Sol. A corrida só se animou um pouco a um quilómetro do final da subida de Manse, em cujo cimo (13km 500m) Van Liden foi o primeiro à frente dos 98 outros corredores agrupados. Nova aceleração para o sprint um tanto tempestuoso no «ponto quente», em Chorges (40 km), que foi ganho por Teirlinck à frente de Guimard.

Merckx vence, isolado, a tirada 13.ª da Volta à França

No final da tirada, Ocaña regressa de ambulância...

Progressivamente o tempo piorou e caiam alguns pingos de chuva quando os corredores chegaram ao início da ascensão de Suze. A 300 m. do cume (58 km). Van Impe arrancou e foi o primeiro, à frente de Pustjens, Abbeloos e Catieu, a que se seguiu o pelotão. Depois, o vento levantou e caiu um aguaceiro: condições desfavoráveis para Ocaña que — segundo se soube pelo seu director desportivo — teve de receber tratamento durante a noite para um pequeno resfriado. À partida, Ocaña, pouco falador, nada tinha dito da sua baixa condição física.

Numerosos corredores envergaram então roupas mais quentes. O andamento passou a moderado. A aproximação da subida de Vars, Mendes cai, para pouco depois regressar ao seu lugar. No Vale de Ubaye, o tempo tinha melhorado, o Sol voltou mesmo a aparecer, mas a chuva recomeçou a cair para cessar pouco depois. Na subida, os parceiros de Merckx comandam o andamento. Depois, o pelotão desfez-se ràpidamente. A meio da ascensão, uns vinte corredores (incluíndo Merckx, Ocaña, Poulidor, Agostinho, Delisle, Gimondi, Thevenet, Zoetemelk, Van Impe, e Martinez), formavam o primeiro grupo. Martinez e depois Delisle lançam ataques. Este último consegue destacar-se e passa em primeiro no alto da subida (km 127), com 10s. sobre Merckx e Agostinho, (que aceleraram próximo do fim), 20s. sobre Ocaña, Zoetemelk, Van Impe, Thevenet, Poulidor, Martinez, Van Den Bossche, 40s. sobre Hezard, etc. Na descida Merckx alcança e deixa imediatamente para traz Delisle. A 14 s. de distância, Ocaña é vítima dum furo e roda durante um certo tempo com o pneu vazio até ser assistido. Mais adiante alcança o primeiro grupo, que levava então à frente Merckx, Guimard e Agostinho. Antes do final da descida Guimard alcançou Merckx.

Em Guillestre (144 km), os dois homens contam 45s. avanço sobre Ocaña, Zoetemelk, Giomondi, Martinez, Van Impe, aos quais se juntam Delisle, Thevenet e Huysmans. Merckx e Guimard revezam-se no comando, enquanto a seguir Agostinho, Hezard, Zoetmelk e Martinez colaboram com Ocaña. A distância passou para 1m. 15s. no 153 km. Depois Merckx e Guimard alcançaram Izoard com 1m. 35s. de avanço. Esta ascensão tem 15 km. Atraz dos dois primeiros, são essencialmente Ocaña e Agostinho que dirigem a perseguição, enquanto o afastamento se estabiliza. A menos de 7 km do fim da subida, Merckx distancia-se de Guimard. Brilha o sol quase permanentemente e a temperatura é agradável. O público é numeroso. Em Casse Desert, Guimard segue a 45s. de Merckx, e 1m. 10s depois passam Ocaña, Poulidor, Van Impe, Agostinho e Martinez. Porém estes alcançam Guimard no último quilómetro. No cimo de Izoard (177,500 km), Merckx precede Poulidor, Van Impe, Ocaña, Martinez e Agostinho, com 1m., Guimard com 1m. 05s., Gimondi 1m. 50s., e Hezard 2m. Na descida, Merckx ganha terreno e é creditado com 1m. 33s. de avanço a 10 km da meta.

A subida que em Briançon conduz à meta, custou apenas 2s. a Merckx, nítido vencedor. A descida permitiu o regresso de Guimard, Gimondi e Hezard ao grupo de Ocaña. Na última subida, este pequeno pelotão altera-se e Gimondi vai ocupar o segundo lugar à frente de Guimard, Van Impe e Poulidor. Ocaña em 9.º lugar, concede 1m. 41s. a Merckx.

CLASSIFICAÇÃO DA ETAPA

A classificação oficial da 13.ª etapa da volta a França (Orcieres-Merlette-Briancon: 201 km):

1.º, Eddy Merckx (Bélgica-Albani), 6 h. 26 m. 12 s.; 2.º, Felice Gimondi (Itália-Advrni), 6 h. 27 m. 43 s.; 3.º, Cyrille Guimard (Caput), M. T.; 4.º, Lucien Van Impe (Bélgica-Stablinsk), M. T.; 5.º, Raymond Poulidor (Caput), M. T.; 6.º, Joaquim Agostinho (Portugal-Driessens), 6 h. 27 m. 46 s.; 7.º, Mariano Martinez (Driessens), 6 h. 27 m. 49 s.; 8.º, Ives Hezard (Stablinski), 6 h. 27 m. 52 s.; 9.º, Luis Ocaña (Espanha-de Muer), 6 h. 27 m. 53 s..

Fernando Mendes foi o 45.º com o tempo de 6 h. 41 m. 15 s..

CLASSIFICAÇÃO GERAL

A classificação geral da volta a França depois da 13.ª etapa:

1.º, Eddy Merckx (Bélgica-Albani), 70 h. 49 m. 19 s.; 2.º, Luis Ocaña (Espanha-De Muer), a 4 m. 43 s.; 3.º, Cyrille Guimard (Caput), a 5 m. 32 s.; 4.º, Felice Gimondi (Itália-Adorni), a 7 m. 13 s.; 5.º, Raymond Poulidor (Caput), a 8 m. 20 s.; 6.º, Yves Yezard (Stablinski), a 11 m. 28 s.; 7.º, Lucien Van Impe (Bélgica-Stablinski), a 11 m. 52 s.; 8.º, Joop Zoetemelk (Holanda-Schotte), a 14 m. 42 s.; 9.º, Mariano Martinez (Driessens), a 16 m. 14 s.; 10.º, Joaquim Agostinho (Portugal-Driessens), a 19 m. 09 s.; 17.º, Delisle a 39 m. 32 s.; 18.º, Mendes a 39 m. 51 s.; 19.º, Van Den Bossche (Bélgica) 40 m. 07 s.; 20.º, Aimar, 40 m. 21 s..

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

Na 13.ª etapa a classificação por equipas foi:

1.º, Caput (Guimard, Poulidor, Grelin), 19 h. 32 m. 38 s.; 2.º, Stablinki (Van Impe, Bezar, Ricci), 19 h. 32 m. 47 s.; 3.º, Diessens (Agostinho, Martinez, Beysens), 19 h. 32 m. 50 s.; 4.º, Albani (Merckx, Van Den Boosche, Huysmans), 19 h. 34 m. 14 s.; 9.º, Schotte (Zoetemelk, Mendes, Van Neste), 19 h. 57 m. 25 s..

Depois desta etapa a classificação geral por equipas é a seguinte:

1.º, Caput, 214 h. 57 m. 17 s.; 2.º, Driessens, 215 h. 04 m. 13 s.; 3.º, Albani, 215 h. 09 m. 21 s.; 4.º, Stablinski, 215 h. 12 m. 35 s.; 5.º, De Muer, 215 h. 20 m. 13 s.; 6.º, Adorni, 215 h. 32 m. 14 s.; 7.º, Plaud, 215 h. 42 m. 32 s.; 8.º, Schotte, 215 h. 56 m. 32 s.; 9.º, Van Vaerebergh, 216 h. 28 m. 26 s.; 10.º, Pellenaers, 217 h. 14 m. 20 s.; 11.º, Jossart, 217 h. 38 m. 53 s.; 12.º, Desvages, 217 h. 45 m. 41 s..

PRÉMIO DA MONTANHA

A classificação geral do grande prémio da montanha, depois da 13.ª etapa é a seguinte:

1.º, Merckx, 127 pontos; 2.º, Van Impe, 121 pontos; 3.º, Ocaña, 84 pontos; 4.º, Agostinho, 69 pontos; 5.º, Poulidor, 54 pontos; 6.º, Pustjens, 46 pontos; 7.º, Zoetemelk, 37 pontos; 8.º, Thevenet, 34 pontos; 9.º, Swerts, 33 pontos; 10.º, Raymond, 27 pontos.

A classificação geral do combinado é a seguinte:

1.º, Merckx, 4 pontos; 2.º, Ocaña, 8 pontos; 3.º, Poulidor, 14 pontos; 4.º, Guimard, 17 pontos; 5.º, Van Impe, 20 pontos; 6.º, Zoetemelk, 22,5 pontos; 7.º, Agostinho, 28 pontos; 8.º, Gimondi, 29 pontos; 9.º, Martinez, 33,5 pontos.

OCAÑA DOENTE

Quando desceu da bicicleta, no final da 13.ª etapa em Briançon, o campeão de Espanha, Luiz Ocaña, foi colocado numa das ambulâncias da corrida. O campeão voltou a ser infliz, pois teve um furo no início da descida que se seguiu à subida de Vars estando nessa altura a 14 s. de Merckx. Ocaña tinha passado mal a noite em Orcieres-Merlette. Muito antes da chegada dos concorrentes para o início desta etapa, correra o rumor de que Ocaña tinha estado doente. Interrogado, quando se apresentou para assinar a folha da partida, o campeão de Espanha manteve-se bastante silencioso, mas o seu rosto, embora marcado por uma noite pouco repousante, não deixava advinhar qualquer mal estar especial. Durante a etapa soube-se pelo seu director desportivo, Maurice de Muer, que passara mal a noite e que às 4 horas da madrugada tinham chamado o médico. Ignora-se de que é que Ocaña sofre exactamente. Segundo os que o rodeiam, teria apanhado frio ontem ao efectuar um pequeno treino e teria uma dor que lhe chegaria até um ombro..

O dr. Brossard, médico da volta, examinou Ocaña e diagnosticou um foco de bronquite. **"Estamos a tratá-lo energicamente e pode continuar a correr"**, indicou o médico. Como um eco, Luis Ocaña (que foi para a cama muito cedo, com o nariz vermelho devido a constipação e talvez também por ter chorado a perda das últimas esperanças) declarou: **"Para mim a volta acabou. A minha última possibilidade de ganhar desapareceu na descida de Vars, quando tive um furo. Mas continuo a corrida, mesmo não sendo para a ganhar".**

Um grupo de vedetas, entre as quais Joaquim Agostinho (o terceiro) em busca de Merckx

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Bruno de José A. Carreira — VOUZELA

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	440$	437$	445$
Cons 3 %	–	479$	–
Cons 3 1/2 %	555$	555$	–
Centenários	1.270$	1.268$	–
Tes 5 % 57	1.000$	–	–
Tes 5 % 59	–	–	–
Exter 1.ª s.	–	610$	–
Extern. 1.ª c	–	615$	–
Extern. 3.ª s	–	800$	–
Extern 3.ª c.	–	–	–
Caut 3.ª s.	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6 %	–	–	–
C M L. 5 3/ %	–	985$	990$
C P 5,5 % 67	–	940$	–
C P. 5,5 % 68	–	–	930$
C P. 5,5 % 69	–	–	950$
Corr 5 3/4 %	925$	925$	930$
Metr 5 3/4 %	–	960$	–
Tur 5 3/4 %	995$	995$	1.000$
C P 63/4	1.005$	1.005$	1.006$

ELECTRICAS

G 5 % 58	–	840$	–
G 5 % 59	–	840$	–
G 5 % 62	–	–	–
G 5 % 63	–	–	–
G 5 % 64	–	–	–
G 5 % 65	–	–	–
G. 6 % 67	–	–	–
G. 6 % 69	–	–	945$
G 7 % 71	–	–	800$
H E C 5 %	–	–	–
H E C 6 %	–	910$	–
H E D 5 %	–	–	760$
H E D. 6 %	–	910$	–
H E N P 5 %	–	–	–
H. E S. E 5 %	–	940$	–
H E. S E 6 %	–	910$	–
H. E Z 5 % 57	–	–	830$
H. E Zéz 6 %	905$	900$	–
N. Elc 5 %	750$	750$	–
N Elec. 6 %	–	925$	–
Termoel 5 %	–	–	770$
U E P 5 % 60	–	–	750$
U E. P 5 % 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	–

DIVERSAS

A. P T 5 % 56	–	895$	910$
A. P. T. 5 % 58	–	895$	–
Lisnave 6 %	950$	950$	955$
Nitratos 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª %	880$	875$	–
Sacor 7 %	1.020$	1.020$	1.024$
Sacor 5 % 54	–	935$	–
Sacor 5 % 60	–	–	–
Sid 5 % 2.ª	–	–	–
Sid 5 % 3.ª	–	–	–
Sid 5 % 4.ª	–	–	–
Socel. 5 %	–	–	–
U Fabril 67	–	930$	–
U Fabril 68	–	–	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	–	–	–
Rev 5 % 59/60	–	–	690$
Moçamb 5 %	–	450$	500$
Sonefe 5 %	–	795$	810$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	4.290$	4.290$	4.295$
Alentejo	1.420$	1.415$	1.420$
Angola	3.560$	3.555$	3.560$
Cred Predial	6.390$	6.385$	6.400$
Esp Santo	9.460$	9.450$	9.480$
Fomento	4.550$	4.530$	4.600$
F & Burnay	–	36.000$	39.000$
N Ultr m	5.550$	5.550$	5.580$
N Ultr c	–	–	4.500$
Portugal n	5.700$	5.700$	5.750$
Portugal p	10.500$	10.400$	10.600$
P Atlântico	6.090$	6.090$	10.600$
Totta & Açores	6.090$	6.090$	6.100$
Algarve	2.120$	2.115$	2.120$
Borges & Irmão	8.700$	8.660$	8.695$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice da cotação das acções (Base: Dez 65=100)

	10-7-72	14-7-72	17-7-72
GERAL	186,3	186,4	*186,7*
METROPOL	189,3	189,4	*189,7*
ULTRAM	164,6	164,3	*164,5*

De Seguros

Alentejo	–	144$	147$
Bonança	–	16.000$	–
Império	–	16.000$	19.000$
Mundial	1.350$	1.350$	1.355$
Soberana	–	–	1.850$
Tranquilidade	–	90.000$	–

Eléctricas

C P. E. p.	1.103$	1.103$	1.104$
C. P. E. n.	–	1.070$	1.075$
E. Beiras	–	1.750$	1.800$
G. Elec. c	338$	337$5	338$5
H E. A.A	164$5	164$	165$
H E. N P	–	–	–
H E S E.	–	–	1.680$
U E P	194$	193$	194$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.080$	1.080$	1.090$
Ag Incomáti	–	2.150$	–
Ag S T e P	190$	185$	–
Aç Angola	–	–	–
Alg Angola	–	200$	215$
Ang. Agric	–	–	–
Boror	–	115$	–
Boror Com	–	60$	70$
Buzi	–	80$	83$
Cabinda	–	130$	–
Com Lobito	–	715$	740$
D A T 100	–	1.820$	1.900$
H E. Revué	–	–	–
I do Princ	–	350$	–
Moçambique	160$	158$	160$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	420$	415$	420$
Zambézia	–	59$	61$

Diversas

Ag Lx ant	–	440$	–
Ag Lx 34	–	440$	460$
Ag Lx 36	–	405$	410$
Cel Guadiana	–	–	–
C Leiria p	–	6.170$	6.200$
C Tejo p	14.100$	14.100$	14.300$
F Ramada	1.270$	1.260$	1.275$
Fornos Eléct	–	138$	–
P Celulose	–	4.050$	4.100$
Siderurgia p	–	4.450$	4.500$
Siderurgia n	2.950$	2.930$	3.050$
Socel	–	3.700$	–
Cidla	–	6.850$	7.000$
C U F	3.000$	2.980$	3.030$
Intar	535$	532$	535$
Nitratos	1.000$	980$	1.010$
Petroquímica	996$	995$	999$
Sacor	3.450$	3.450$	3.500$
Tab Portugal	2.300$	2.280$	2.350$
Tabaqueira	7.350$	7.350$	740$
U F. Azoto	780$	770$	780$
Empor	210$	200$	210$
Ind Aliança	–	750$	–
I P. Colon	–	885$	900$
Nac Naveg	3270$	3.550$	3.600$
Naveg (Col)	–	2.120$	2.180$
P Pesca	–	–	–
Matur	2.050$	2.000$	1.000$
R Marconi	2.050$	2.000$	1.000$
TAP	2.050$	2.000$	2.050$
Compal	1.325$	1.322$	1.325$
Salvor	–	600$	650$
Penina	–	–	1.300$
Grão-Pará	–	–	1.250$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico			
F I D E S			

COTAÇÕES

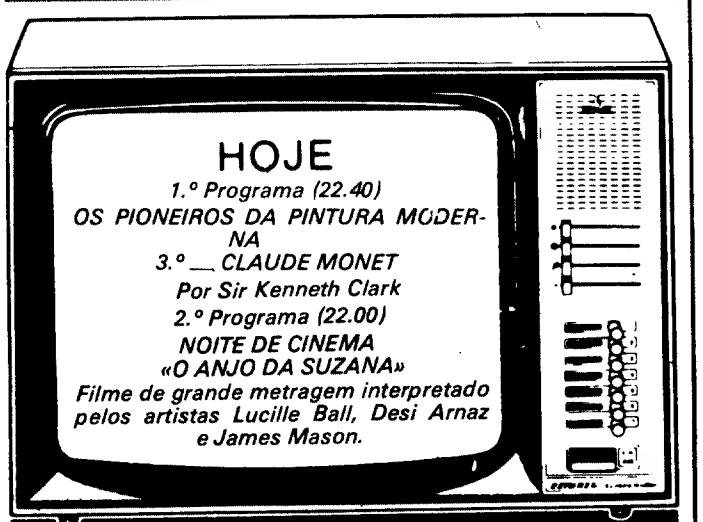
PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	-$-	34$00
Alemanha Marco	8$40	8$70
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo	-$-	-$-
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	$60	$63
Brasil Cruzeiro	3$50	4$50
Canadá Dólar	27$00	27$70
Dinamarca Coroa	3$70	4$00
Espanha Peseta	$41,5	$43,5
França Franco	5$50	5$80
Holanda Florim	8$30	8$60
Inglaterra Libra	65$00	68$00
Itália Lira	$04,4	$0475
Marrocos Dhran	5$10	5$60
Noruega Coroa	3$95	4$25
Suécia Coroa	5$55	5$85
Suiça Franco	7$08	7$33
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	440$00	470$00
Inglaterra 1/2 Libra	330$00	350$00
Ouro fino Barra	53$50	58$50

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma mãe para Eddie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo á noite

2.º Período

19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Ao serviço da Nação
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Concurso «O Jogo do Galo»
22.40 Os Pioneiros da Pintura Moderna
23.35 Eurovisão — Volta à França em bicicleta
23.45 Telejornal — últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e uma «Mãe para Eddie»
21.00 Um dia com...
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «O Anjo da Suzana»
23.35 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados
13.00 O dinamismo da mulher contemporânea
13.15 «Os Meus Sobrinhos»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O Livro á procura do leitor
14.15 Documentário entre Munique e Kiel
14.25 Logo á noite

2.º Período

1930 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Momento Desportivo
20.30 Casei com uma feiticeira
21.00 Cinema 72
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Divórcio da Lady X»
23.50 Eurovisão — Volta à França em bicicleta
00.00 Telejornal — ultimas noticias
00.05 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 O Livro á procura do leitor
21.00 «Os Meus Sobrinhos»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Carta de Espanha
22.15 «Paul Temple»
2345 Vivendo o futuro
23.20 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente nublado no litoral Oeste e pouco nublado ou limpo no Interior; o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	17º
P. DOURADAS	18º
COIMBRA	18º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	19º
FARO	22º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Máxima ..... *26,5 º*

PENHAS DA SAÚDE
Mínima *8º*

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15,5º
Atmosfera 19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.42	*3,3 m*	2.00	*1,8 m*
21.00	*3,3 m*	14.12	*1,5 m*

Dia 18

9.34	*3,1 m*	2.62	*1,5 m*
21.56	*3,1 m*	15.12	*1,7 m*

Dia 19

10.37	*3,1 m*	3.52	*1,6 m*
23.05	*3,0 m*	16.23	*1,7 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado na Faixa Costeira Ocidental e geralmente limpo no Interior; vento fraco possibilidades de neblina ou nevoeiro:

AMANHÃ

Nascer às *6.26*
Ocaso às *20.59*

Dia 18 · Dia 26 · Dia 2 · Dia 9

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Falcão programa juvenil
16.30 Convívio Programa da Juventude
18.05 Musica sem palavras pelo Trio Harmonia
18.30 Forças Armadas Programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Publica da Defesa Nacional
19.10 Musica portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.30 23.º Episodio do folhetim «O Fantasma da Casa Lamprecht»
20.50 O pianista Fritz Schulz-Reichel
21.00 Momento 72
21.20 Variedades
21.45 O poema da harmonia do mundo ou os Lusíadas na obra de um filósofo alemão, por António Quadros
22.40 Fados por Francisco Martinho
23.05 De um dia para o outro por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 A ópera em um acto «Cavalleria rusticana» (Mascagni)
17.15 Concerto em Mi Bemol para duas trompas e orq (Telemann)
17.30 Musica de tecla Obras para cravo
18.00 Antologia sonora Obras de Palestrina e Mouret
19.05 Poesia, musica e sonho por Miguel Trigueiros
19.30 Musica coral sinfonica Gloria (Poulenc)
20.20 O harpista Nicanor Zabaleta
20.25 Ciclo de melodias As Noites de Verão (Berlioz)
21.00 Concerto pela orquestra sinfonica do Porto (ERN)
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 A Opera em 5 actos «Romeu e Julieta» (Gounod)
00.33 A violinista Betty-Jean Hagen
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
Onda Média

16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
20.00 Nota de abertura
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Alegria no trabalho
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Variando para agradar
23.30 PBX
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vertice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM

rádio

22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; programa à Gô-Gô (continuação)
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora Sonipol
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.04 Programa CDC
18.00/20.00 «Programa 18»
18.00 Depois do cha
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinee teatral
19.03 Miscelânea
19.17 Dirige o ritmo
19.30 Estudio 64
20.00 Nota de abertura
20.07 Norte dia a dia
21.00/24.00 «Genérico»
21.05 Placard desportivo
21.35 Dialogo
21.40 A voz de
21.45 Mensagens bíblicas
22.03 Em destaque
22.15 O caminho da vida
22.30 Variedades
23.04 O arauto da verdade
23.18 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Magical Mistery Tour (The Beatles)
18.20 Boletim liturgico
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.05 Boa Nova
19.30 Pagina 1
20.30 Continuação do programa «Pagina 1»
21.03 Programa dos socios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Recordando Benny Goodman
23.00 A 23.ª Hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA _ **Lopes Ribeiro**, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel 633288); **Boa Hora**, R dos Quarteis, 25-27 (Tel 637777)

ALFAMA _ **Arnali**, R das Escolas Gerais, 88-A (Tel 863940)

ALVALADE _ **Neoterápia** Campo Grande, 138 (Tel 774682), **Alvalade**, Av da Igreja, 18-A (Tel 712070), **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira 5-A (ao Pote de Agua) (Tel 710131) **Gasparinho**, Rua Dr Gama Barros, 54-A (tel 710465); **Ideal**, Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803).

AREEIRO _ **Vera Cruz**, Praça Afrânio Peixoto 2-B (à Av. S. João de Deus) (Tel. 724941), **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (Tel 726848).

ARROIOS _ **Oriental de Lisboa**, R de Arroios, 215 (Tel. 45079)

AVENIDAS NOVAS _ **Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592), **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel 44158).

BAIRRO ACTORES
_ **Nobel**, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel 842152)

BAIRRO ALTO _ **Labor**, R. Diario de Noticias, 81 (Tel. 323428)

BAIRRO AMÉRICA _ **Martins**, R Fernão de Magalhães 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS _ **Colonial**, R Forno do Tijolo, 40 (Tel 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO _ **Zira**, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel 310172)

BAIXA _ **Morão** Rua da Assunção 17 (Tel 321289); **Estácio**, Rossio 63 Tel 327067 324224)

BENFICA _ **Benfica** Estrada de Benfica 678 (Tel 702532) **Sousa** Estrada de Benfica 429 (Tel 780021)

CAMPOLIDE _ **Central de Campolide**, R General Taborda (Tel 680304)

CAMPO DE OURIQUE _ **Porfirio** Rua Francisco Metrass 59 B (Tel 663349) **Ivone** Rua Silva Carvalho 232 C (Tel 650760)

CAMPO GRANDE (V. Alvalade e Lumiar)

CAMPO PEQUENO _ **Miranda**, Campo Pequeno 36 B (à Av Sacadura Cabral) (Tel 770776)

CARNIDE _ **Leal de Matos** Rua Neves Costa 33 (Tel 780181)

CONDE REDONDO _ **Davi** R Conde de Redondo 68 (Tel 54342)

ESTRELA _ **Martins** Calçada da Estrela 167 (Tel 669523) **Paivas e Parente**, Rua de Santo António 98 (Tel 665196)

GRAÇA _ **Morao** Largo da Graça 63 (Tel 860700)

INTENDENTE _ **Gois**, Largo Rua dos Anjos 12 2 Tel 840101)

LUMIAR _ **S. Tome** Estrada do Desvio 12-C Tel 90704) **Alameda** Alameda das Linhas de Torres 20 B (Tel 790942)

MARVILA _ **Marvila** R Direita de Marvila 25 (Tel 381612)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso Estrada A-da-Maia, 64-C (Tel 702226)

ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Av Estados Unidos da América, 140-B (Tel 760658)

ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo de D Estefânia, 4 (Tel 54808) **Romano Baptista**, Rua Passos Manuel 6-10 (Tel. 50593)

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 6609955)

GRAÇA
ALmeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel 862909), **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361)

GRILO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470)

JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

LAPA
Alb. R. da Santana, 156 (Tel. 663562); **E. Silva, Filhos**, R. S. João da Mata, 74 (Tel. 661010)

LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 120 (Tel 790332), **Douro**, Av. das Linhas de Torres, 93-A (Tel 791131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, R da Margem, 15-B (Tel 382470)

MOURARIA
Ferrão R da Mouraria 12 (Tel 860464)

OLIVAIS
Simão, R Cidade de Cabinda 16 A (junto à piscina) Tel 310581)

PEDROUÇOS
Higilux Rua de Pedrouços 52 (Tel 610280)

PENHA DE FRANÇA
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20 - A (Tel 844361) **Zema** R General Justiano Padrel 21-A (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel 832580)

PICHELEIRA
Marluz Calçada da Picheleira 140-B (Tel 720703-728395)

SANTA MARTA
Morais Sarmento Rua de Santa Marta 16 A/B (ao Tivoli) (Tel 46490)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, R do Viriato 29-A (Tls 48966 - 53601)

SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras 202 B (Tel 780841)

SOCORRO
Ferrão R da Mouraria 12 (Tel 860464)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P D João I Lote 46 B 1º Janeiro (Telef 932756) **Central** Av Cardoso Lopes 25 (telef 932210) **Igreja** P da Igreja, 22-A (Telef 937740) **Jardim** Av Conde de Oeiras, Loja X Reboleira (Telef 938424)

DAMAIA
D. João V Av Gurge do Amaral, 2-A (Telef 970461)

VENDA NOVA
Nova R Elias Garcia 0 (Telef 972530)

QUELUZ
André Av Elias Garcia, 5 (Telef 950043) **Queluz** Av Miguel Bombarda 123-A (Telef 951841)

CACEM
Central R. Elias Garcia, 55 (Telf 2940034)

MEM MARINS
Quimia Est de Mem Martins, 285 (Telf 2910012)

S. Pedro de Sintra
Valentim (Telef 980456)

SINTRA
Marrazes L Afonso Albuquerque (Telef 980058)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar R Ernesto Silva, 81 (Telef 212048)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av Patrão Lopes 4 (Telef 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro P. Residencial dr Augusto de Castro-Lote 10 (Telef. 243069)

PAREDE
Grincho Av da Republica, 87 (Telef. 247204)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Telef 263052)

ESTORIL
Parque Arcadas do Parque, 3 (Telef. 26019)

CASCAIS
Misericórdia R do Regimento 19,41 (Telef. 28014) **Cascais** R Conde Monte Real-B Caixas (Telef 282407)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L António dos Santos, 15 (Telef 23400)

ALHOS VEDROS
Gusmão R Cândido dos Reis, 30 (Telf 224020)

ALMADA
Magalhães R Capitão Leitão 8-A (Telef 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est Nacional 174 (Telf 224302)

BARREIRO
Avenida Av Alfredo da Silva 88 (telef 22732 2)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues L 5 de Outubro 8 (telef 270254)

MOITA
Silva Rocha P da Republica 6 (Telef 239029)

MONTIJO
Moderna R Bulhão Pato 60 (Telef 230156)

SESIMBRA
Leão Av Salazar (Telf 22971)

SETUBAL
Costa L da Misericordia (Telef 22760) **Brasil** P do Bras Telef 24788)

SEIXAL
Soromenho R Paiva Coelho, 38 (Telef 2 8160)

PORTO

Sub-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto 8, **Martino, Sucr.** Praça Marq Pombal, 122 **Pombeiro**, C Mart da Pátria 152 **Prelada (da)**, R Central de Francos, 316, **S. Roque da Lameira**, S Roque Lameira 1111, **Sá da Bandeira**, Rua Sá da Bandeira 236

SUB-TURNO B

Ameal, R do Ameal, 227 **Campo Alegre (do)**, R do Campo Alegre, 723 **Ferreira da Silva**, Rua dos M da Liberda de 150, **Peninsular**, Rua Chã 100 102 **S. Lazaro**, Av Rod de Freitas 297

COIMBRA

Silva Soares R M de Albuquerque 6 28 (tel 26554), **Vilaça, Ld.ª** R Ferreira Borges 132 (tel 22043) **Cruz e Costa** R A Vasconcelos 71 A tel 22715)

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15 e 21 30
Grupo C (14 anos)
2.ª Semana
No écran gigante em 70 m/m CAMELOTE com Richard Harris, Vanessa Redgrave e Franco Nero

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30, 18.30 e 21 45
Grupo C 14 anos)
3.ª Semana
ENTRE O AMOR E A MORTE um filme de John Huston com Angélica Huston e Assaf Dayan

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21 30
Grupo C (14 anos)
22.ª Semana de êxito.
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
O maior dos heróis no melhor dos filmes do oeste, Montgomery Wood em UMA PISTOLA PARA RINGO.
(Ar condicionado)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
4.ª Semana
MELODY
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde CINEMA, SNACK BAR e PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sítio só)

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15 15 e 21 30
Grupo A (6 anos)
VIVER LIVRE
Tudo começou com uma leoa chamada Elsa. A história autêntica de Joy Adamson premiada com 2 «Oscars» Com Nigel Davenport e Susan Hampshire (metropolitano Alameda).

ROYAL (Tel 855037)
15 00 e 21 00
Grupo D (18 anos)
DETECTIVE PARTICULAR, colorido com Franco Nero e Florindo Bolkan em complemento CASEI CONTIGO POR ALEGRIA com Monica Vitti

CASINO ESTORIL
15 30 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA.

BERNA (Tel 776098)
15.15, 18 30 e 21 45
Grupo B (10 anos)
Um dos mais notaveis filmes de Alexander Korda REVOLTA NA INDIA com Sobu e Raymond Massey
(Ar condicionado)

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15, 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana
Reg Verney, Doris Hare e Stephen Lewis CURVAS NA ZONA, um filme permanente gargalhada, uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta.
(Ar condicionado)

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
ARIANE, com Gary Cooper, Audrey Hepburn e Maurice Chevalier. Em complemento, CAMINHO PERIGOSO (metropolitano Intendente)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21 45
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS. O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grúpo D (18 anos)
AMOR E MORTE, um filme de Robert Bresson, segundo o romance «Nouvelle Histoire de Mouchette» de George Bernanos.
(Ar condicionado)

ALVALADE (Tel 717480)
15.15 e 21 45
Grupo D (18 anos)
Toni Curtis, Virna Lisi e George Scott em COM A MINHA MULHER NÃO Adorava ter tudo aos pares e era ruiva. (metropolitano Alvalade)

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30, 18 30 e 21 45
Adultos
3.ª Semana
Um filme de Damiano Damiani A MULHER MAIS BELA, com Ornella Muti e Alessio Orano. Technicolor - Techniscope.

ROMA (Tel 727778)
15.30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
UM CACHO DE UVAS AO SOL
A luta vigorosa de um homem com Sidney Poitier e Claudia McNeil Metrocolor 70 mm.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
25.ª Semana
TRINITA COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

EDEN (Tel. 320768)
15.30 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos,
O MUNDO ESQUECIDO
Veja o mundo primitivo, a superstição, o medo desconhecido, o pavoroso tremor de terra, o sacrifício das virgens e a frenética dança do fogo, com June Efe e Tony Bonner.

IMPERIL (Tel 821933)
15.00 e 21 00
Grupo D (18 anos)
5 SELVAGENS, com Henry Silva, Keenan Wynn e Michele Carey em complemento LADY C com Sophia Loren (metropolitano Arroios-Chile).

CONDES (Tel. 322523 e 326710)
15.30 e 18.45
Grupo A (6 anos)
Bucha e Estica em UM PAR DE CIGANOS
14.15 e 21.45
Grupo B 10 anos)
Montgomery Wood em O PERSEGUIDO.

APOLO 70
15, 18.15 e 21.45
Grupo B (10 anos)
JERRY 8 3/4. A obra-prima da comédiaa americana. Argumento, produção, realização e interpretação de Jerry Lewis
(Ar condicionado)

EUROPA ((Tel. 661016)
À tarde para a pequenada
Grupo A (6 anos)
O célebre coelho pernalonga BUGS BUNNY E OS SEUS AMIGOS
À noite para os pais da pequenada
Grupo D (18 anos)
CASAMENTO POR PROCURAÇÃO com Claudia Cardinale e Alberto Sordi

POLITEAMA (Tel 326305)
15 15, 18 15 e 21 45
Grupo C (14 anos)
O HOMEM QUE EU NÃO MATEI Suspense vivido minuto a minuto numa história de amor e violência com Anthony Steel, James Robertson Justice e Shirley Anne Field

S. JORGE (Tel 54153/4)
15 15 18 15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
DROGA LOUCURA, MORTE
Viagem sem regresso a um mundo alucinante Com Michael Brandon e Tippy Walker

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20 45 e 23 00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

VILLARET
21 00 e 23 00 (18 anos)
«Os Contestatarios»

LISBOA Cinemas

PARIS
21 00 (18 anos)
«O Amante»

CINEARTE
21 00 (10 anos)
«O Zorro de Monterry»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«O Amante»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Sem motivo atraente»

MAYER
21.00 (18 anos)
«O Dia da Vergonha»

OLYMPIA
21.00 (18 anos)
«Jogo sujo» e «O Bom, o mau e o Vilão».

JARDIM
21.00 (18 anos)
«A Grande Pândega»

ARCO IRIS
21.15 (10 anos)
«Uma arma entre nós»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17-21 30 (18 anos)
«Os incorruptiveis contra a droga»

ESTORIL
Esplanada
21 30 (14 anos)
«Beija-me idiota»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21 15 (18 anos)
«Ideia fixa

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 45 (18 anos
A Ameaça

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21 15 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5º»

PORTO Cinemas

OLÍMPIA
21 30 (18 anos)
«Tarzan e o Vale de Ouro»

ÁGUIA DE OURO
21 30 (10 anos)
«Trinita cow boy insolente»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Duas mulheres um destino.

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«Made in U S A

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Vento do Oeste»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A Condessa Drácula»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Labirinto de sentimentos»

ESTÚDIO
21 30 (14 anos)
«Três Irmãos»

CINEMA DO TERÇO
21 30 (18 anos)
«Arabela

CARLOS ALBERTO
21 30 (14 anos)
«A brigada do Diabo» e «O grande mestre do crime»

VALE FORMOSO
21 30 (14 anos
«Os crimes de Jack o estripador

COLISEU
21 30 (10 anos)
«Grande Prémio»

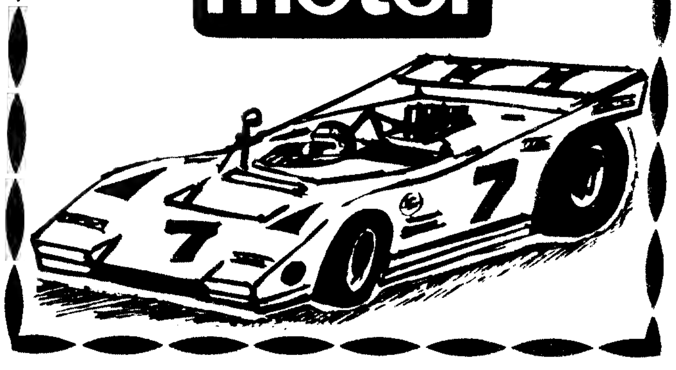
COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Baile do Conde de Orgel»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (18 anos)
«Casanova 70»

ESTÁ À VENDA MAIS UM NÚMERO DE
SEMANÁRIO motor



BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo Tina Ferreira, Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Viela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado Rua da Rosa 221 - Telefone 368579

LUSO _ Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Aurelia Elmida e José Luis T[illegible], fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sergio acompanhadas por Jaime Santos e Fernando Alvim **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda [illegible] Bizarro [illegible] Alcino de Carvalho Tocam António [illegible] António Proença [illegible] Consumo mínimo [illegible] **Rua Diario de Noticias 107 Telef 326307**

FORCADO
[illegible]

CASEBRE _ Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana
Tocam Carvalhinho e Julio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira Encerra às 2.as feiras Rua da Barroca 133 Tel 369760

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D. Vicente da Camara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra às 3.as feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais Telef 263864**

FRAGATA REAL **Trav. de S. Miguel, n.º 22 - ALFAMA - Tel. 868552**

CASINO ESTORIL [illegible] variedades internacionais **Telefones 26451, 264526 264596 264621 e 264946**

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades _ Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

NINA _ Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO _ Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

TAMILA Marão e s/conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef 534117**

D. QUIXOTE Com Carlos Villaret, Virgílio Neves Aberto até às 5 H da madrugada **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos

HIPOPOTAMO [illegible] Encerra aos domingos **Av António Augusto de Aguiar 5-A Telef 48384**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveira **Av Duque de Loule 73 Telef 530171**

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

OS EXAMES NO TÉCNICO

Da direcção do Instituto Superior Técnico, por intermédio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo recebemos a seguinte nota, relativa aos exames naquele estabelecimento de ensino:

«Os exames escritos das disciplinas do 2.º semestre (primeira chamada) realizar-se-ão segundo o calendário em devido tempo afixado com excepção dos marcados para os dias 17, 18 de Julho que serão transferidos para o dia 1 de Agosto e dos marcados para os dias 19 e 20 de Julho que serão transferidos para o dia 2 de Agosto.

«Os alunos que desejem apresentar-se a esta chamada deverão indicar por escrito as disciplinas a cujas provas pretendem submeter-se em requerimento enviado por carta registada para a secretaria do Instituto Superior Técnico. O requerimento deve ser enviado nos dias 17 e 18 do mês corrente

«Em relação às datas dos exames do 1.º semestre (2.ª chamada) mantém-se o calendário afixado realizando-se, no entanto, às 18,30 horas as provas marcadas para as 20,30 horas.

«A entrada dos alunos far-se-á exclusivamente pelo portão da Alameda D. Afonso Henriques, devendo aqueles entregar à entrada um documento de identificação (bilhete de identidade ou cartão de estudante do I.S.T.) sem o qual não poderão realizar os seus exames. Faz-se notar que, nos termos da nota emanada do Ministério da Educação Nacional, a entrada no Instituto Superior Técnico corresponde à apresentação ao acto de exame, pelo que os alunos que assim procederem não poderão apresentar-se a outra chamada do mesmo exame.»

PROFESSORES PORTUGUESES NA SEMANA INTERNACIONAL DE FILOSOFIA

S. PAULO, 17 (ANI) — Começou ontem e prolonga-se até sábado a «Semana Internacional de Filosofia» integrada nas comemorações do 150.º Aniversário da Independência do Brasil e tendo como tema geral «Filosofia Brasileira Actual do Humanismo Pluridimensional».

Organizada pela Sociedade Brasileira dos Filósofos Católicos, que tem a sede na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus e a que preside o prof. dr. Stanislau Ladursans, SJ., a Semana reune numero notável de personalidades da Filosofia europeia e foram expressamente convidados pelos organizadores os seguintes professores portugueses: doutor Gustavo de Fraga, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; doutor Celestino Pires, prefeito dos Estudos da Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa; doutor José Enes, director do departamento de Filosofia da mesma Universidade (presentemente integrado na Faculdade de Teologia) em Lisboa. Todos apresentam o tema filosófico-antropológico das respectivas especialidades.

FLASH ELECTRONICO
Multiblitz
a iluminação perfeita para o fotógrafo profissional mais exigente.
ESTAB M SIMÕES JR S A R L
10 R DOS DOURADORES LISBOA
208 R ST ANTONIO PORTO

viagens/72
JUGOSLÁVIA
País de Férias
15 dias
em pensão completa e
8 dias em LONDRES
desde 7180$00
Outros programas com viagem em autocarro
desde 10 080$00
EDIMBURGO
8 dias desde 8150$00
LONDRES
8 dias desde 3350$00
Partidas em Agosto e Setembro
Facilidades de crédito
"Atlântica"
Rua Capelo,4-A/Lisboa
Tel.369281 (10 linhas)

«Índios dos Estados Unidos e do Canadá participam no concurso anual de danças guerreiras que decorre na «reserva» de Copólio (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

FIXADOS OS PREÇOS DOS MILHOS ULTRAMARINOS

Considera-se, segundo um despacho da Secretaria de Estado do Comércio, publicado pelos Ministérios do Ultramar e da Economia no «Diário do Governo» (1.ª série, de hoje), «ser conveniente a manutenção, no espaço nacional, do preço do milho ultramarino produzido, principalmente em Angola e Moçambique; que qualquer elevação do preço do milho, em relação aos preços internacionais, conduziria a situações menos competitivas para as indústrias transformadoras deste produto; que se procura, em anos próximos, alcançar, nas duas províncias referidas, produções unitárias capazes de elevarem os actuais rendimentos líquidos, mesmo com base nos preços a níveis internacionais; e, ainda, que desta futura e desejada posição resultarão, dentro de uma livre concorrência comercial, mais benefícios para o espaço nacional».

Assim, é determinado, pelos srs. ministro do Ultramar e secretário de Estado do Comércio e segundo a legislação em vigor, a fixação dos seguintes preços por quilograma, C.I.F. portos do continente e ilhas adjacentes, para o milho ultramarino, desensacado, da colheita de 1972:

Milhos seleccionados: amarelos ou brancos (dentados ou redondos): tipo n.º 1, 2$18; tipo n.º 2, 2$13; tipo n.º 3, 2$08.

Milho mistura: tipo n.º 1, 1$90; tipo n.º 2, 1$80.

Milho refugo, 1$70.

Quando o milho for embarcado a granel, os preços sofrem uma redução de $022 por quilograma.

VINTE E DOIS GALGOS MORTOS E CANCELADA A CORRIDA

MACAU, 17 — Vinte e dois galgos de corrida, todos pertencentes a treinadores australianos, foram envenenados na pista desta cidade, pelo que o programa de corridas de ontem à noite, uma das maiores atracções turísticas locais, foi cancelado, o que acontece pela primeira vez desde a inauguração da pista.

Inicialmente, quarenta dos animais instalados nos canis tinham apresentado sintomas de doença e os veterinários pensaram que se tratava de um caso de «doping», mas ontem os cães começaram a morrer, verificando-se que tinham sido envenenados.

A Polícia está a investigar o caso mas por enquanto não foram feitas prisões de suspeitos.

Ontem, durante o dia, morreram dez galgos e durante a noite morreram mais doze, encontrando-se os restantes ainda em estado grave.

Huan Cheng, o encarregado dos canis, disse que o veneno ainda não foi identificado, mas parece ser bastante forte. Todos os caẽs envenenados apresentavam sintomas idênticos.

As corridas de galgos atraem os fins de semana cerca de 5000 turistas de Hong Kong a Macau e dão receitas que atingem os quatro milhões de dólares HK.

O chancelamento das corridas veio beneficiar os casinos, para onde os turistas se dirigiram, enchendo todas as mesas disponíveis.

OS CATÓLICOS DE LENADOON ABANDONAM O BAIRRO CERCADO

BELFAST, 17 (R) — Milhares de católicos encontravam-se hoje acampados num campo local, apos sairem, em marcha, indignados, do seu cercado.

O bairro de Lenadom foi, durante a semana passada, cenário de violentos recontros entre soldados e civis católicos e, na quinta-feira, o exército interveio, em força, para esmagar novas tentativas de homens armados de atacarem um posto militar local. Os soldados ocuparam edifícios desabitados e montaram ninhos de metralhadora no alto dos telhados.

Ontem, mais de 2000 pessoas, muitas delas mães, empurrando carrinhos de bebé, formaram um longo desfile, comandado por um sacerdote católico que se dirigiu para o campo de futebol. Afirmaram que a presença de soldados no bairro provocaria combates a tiro nas ruas e poria em perigo as suas vidas.

Sòmente os velhos e doentes ficaram em Lenadoon ao cair da noite e conservaram-se no interior de suas casas, ficando apenas soldados britânicos e algumas sentinelas nas ruas desertas.

Muitos dos evacuados disseram ontem que estavam determinados a permanecer no campo de futebol até as tropas serem retiradas. Outros, receando voltar ao bairro, onde foram disparados centenas de tiros nos últimos dias, procuraram refúgio na casa de amigos ou de anfitriões voluntários. Entretanto, foram apresentados protestos a Paul Channón, ministro de estado para o Ulster na administração de William Whitelaw. Channon prometeu estudar muito cuidadosamente a situação.

Muitas centenas de católicos de outras partes da capital meteram os seus bens nos camiões e dirigiram-se ontem para a república da Irlanda, fartos com a continuação do tiroteio e de atentados bombistas, que se seguiram à recente interrupção da trégua do «Exército Republicano Irlandês».

O I.R.A. empregou novamente o seu lançador de foguetões, uma «bazooka» de fabrico americano.

Dois estabelecimentos foram alvo de atentados bombistas na cidade Kilrea e no sul da província morreram dois soldados britânicos quando uma mina explodiu debaixo do seu carro de patrulha.

Em Strabane, na fronteira noroeste com a República da Irlanda, soldados foram apedrejados às primeiras horas de hoje e incendiada uma serração.

FALTA DE ÁGUA

O excessivo calor ocorrido nos dias 11, 12 e 13 da passada semana — chegando a atingir os 34 graus à sombra — foi, segundo informações que colhemos na Companhia das Aguas de Lisboa, a razão maior da falta de água nos concelhos de Cascais, Oeiras, Queluz e Sintra. Segundo a referida Companhia o consumo atingiu nesses dias um nível extremamente elevado — 370 mil metros cúbicos — francamente superior ao de anos anteriores (1971-355 m3; 1970-344 m/3; 1969-346 e 1968-349).

Acerca do ocorrido com o chafariz de Pernes (Santarém) a C. A. L. informou que a água não foi totalmente cortada, mas apenas reduzida durante a noite, para obviar, temporàriamente, ao consumo intenso destes dias.

Na fábrica ou em casa saiba onde está o seu extintor

VOLTARAM AS LOTARIAS BARATAS!
4 900 CONTOS POR 350$00
350 CONTOS POR 25$00
Habilite-se aos balcões da
CASA DA SORTE

A EUROPA EM 1975

Europa das nações ou Nação Europeia?

UM RAIO DE ESPERANÇA

Por EMÍLIO COLOMBO

A situação mundial evolui muito ràpidamente. A Grã-Bretanha, a Dinamarca, a Irlanda e a Noruega, em 1 de Janeiro de 1973 serão integradas na Comunidade Económica Europeia. As relações entre a Comunidade alargada e os Estados Unidos exigem, em matéria monetária, bem como nos outros sectores, ser redefinidas com urgência. Pequim entra na O.N.U.. As relações russo-sino-americanas estão em vias de espectaculares transformações. Esboçam-se outras mutações nas relações entre Leste e o Oeste do nosso continente.

Desde já, a Comunidade Europeia é um factor importante da dinâmica das relações internacionais. No entanto, não atinge a sua plenitude senão no domínio das relações comerciais. A integração económica, como os acontecimentos monetários têm demonstrado, não foi tão longe quanto era preciso. Por outro lado, demasiado frequentemente, a Europa não está em posição de desempenhar, na cena política, um papel concertado e activo, e falta coordenação como o provou a diversidade de atitudes adoptadas na O.N.U. pelos dez países da Comunidade alargada relativamente ao problema chinês.

A evolução mundial exige, em todos os sentidos do termo, uma Comunidade Europeia com contornos suficientemente precisos. Ora, acontece que ela tarda a manifestar-se. Trata-se, pois, de uma situação preocupante para todos os Governos, para todas as forças políticas democráticas e até, diria eu, para todo o cidadão responsável. Para começar, tem de se apelar para um esforço e um compromisso: os mesmos, afinal, que souberam manifestar-se por diversas vezes, desde 1958 até aos nossos dias, e que nos permitiram dar grandes passos para a frente.

Uma orientação comum dos dez Governos começa a esboçar-se a favor de um encontro «ao mais alto nível», conforme sugestão feita em Agosto passado pelo presidente Pompidou.

Devemos preparar-nos desde já, muito sèriamente, para esta reunião. É preciso desejar que, nos meses vindouros, as discussões e as trocas de impressões sobre as decisões que os chefes de Estado e do Governo possam ser levados a tomar, sejam abertas e animadas e não se limitem apenas às chancelarias. É preciso que a opinião pública seja chamada a apoiar as iniciativas políticas que se julgarem necessárias e oportunas.

Creio que o tema essencial já citado, o da presença da Europa na cena internacional, e da forma pela qual ela se pode manifestar, será um dos assuntos a debater na reunião. Sem ser um assunto da ordem do dia, deparar-se-à a propósito de cada um dos problemas abordados.

Não penso que seja preciso escolher entre a Europa das nações e a Europa europeia considerada como duas vias numa encruzilhada. As relações comunitárias conduzem a um sector limitado das relações inter-europeias. Quanto ao resto, não existem senão exigências de acordo. Todavia, os nossos países não podem agir muito frequentemente de forma plenamente eficaz se o fizerem de uma maneira autónoma. Com efeito, cingem-se a limites objectivos que não podem transpor desordenadamente e que têm uma ordem de grandeza doravante exigida na cena internacional. A situação actual corresponde, em grande parte, à Europa das nações. Não obstante, todos admitem que não é satisfatória e que é preciso procurar urgentemente uma unidade e uma eficácia superiores.

Por outro lado, a elaboração ideológica do que poderia ser uma Comunidade Europeia consolidada abriu caminho no decurso dos últimos vinte anos. A tese de uma erosão e de uma dissolução das nações - dados, de facto, bem distintos dos vários nacionalismos - não tem actualidade. Uma Europa europeia não pode consistir num conjunto de povos; deve ser, sim, uma comunidade bem arranjada, dotada dos indispensáveis meios de acção comum e capaz de integrar e valorizar os diversos componentes nacionais bem como as diversidades regionais.

INSTRUMENTOS NECESSÁRIOS

Uma Europa europeia precisa de cumprir várias tarefas urgentes. As perspectivas económicas, que não são promissoras para os nossos países, sem qualquer excepção, exigem que se ponha ràpidamente em acção um quadro de certezas, de garantias e de estímulos como o da União Económica e Monetária. É absolutamente necessário, por outro lado, esclarecer o conjunto das relações com os Estados Unidos, e isso sem se limitar ao sector económico. Não devemos resolver apenas a crise actual, é preciso também consolidar a amizade por meio de um entendimento melhor equilibrado, e tendo em conta o funcionamento do sistema monetário internacional, assim como o desenvolvimento das trocas.

O vasto tema das relações com o Leste está, também ele, em plena evolução após os resultados positivos que o chanceler Brandt obteve, em plena solidariedade com os seus aliados. Uma posição europeia comum deveria ser sempre melhor no caso de vir a formar-se e de se exprimir, com vista, principalmente - mas não exclusivamente -, ao desenvolvimento das negociações sobre a segurança europeia e sobre a redução equilibrada das forças, objectivos que os países europeus estão em vias de atingir dentro de um espírito construtivo.

Uma Europa europeia deve ter uma política, e é preciso, ao mesmo tempo, dotá-la com os instrumentos necessários para a pôr em execução. No que diz respeito à evolução económica, as indicações dadas a propósito da União Económica e Monetária conservam a sua validade, com os complementos e aperfeiçoamentos eventualmente necessários. Novas propostas, como a de uma comissão dos governadores dos bancos centrais poderão vir a ser examinadas. No que diz respeito, em particular, ao entendimento com os Estados Unidos, que não deve ser ùnicamente económico e monetário, há quem julgue que a reunião poderia dar lugar a um procedimento extraordinário, de um valor eminentemente político; é, também ela, uma ideia a aprofundar. Há um outro problema que se apresenta, de um ponto de vista geral, que é o do reforço, isto é, do funcionamento satisfatório das instituições. Constatei, com prazer, que a Grã-Bretanha, também ela, embora esteja ainda para entrar verdadeiramente na Comunidade, começou imediatamente a dar-lhe importância e que o seu primeiro-ministro, o sr. Heath, com toda a sua experiência e senso político, lhe consagra a sua atenção.

Quanto ao conselho de ministros e ao insubstituível organismo de equilíbrio das propostas e impulsos que é a Comissão, é preciso ter-se por objectivo um funcionamento melhorado nas novas condições que o alargamento da Comunidade determine. O problema do Parlamento continua a ser o mais delicado, por causa da persistência das divergências doutrinais. No entanto, também neste caso, deveria ser possível um entendimento sobre certos aspectos funcionais. Para o sistema de eleições poderia, talvez, examinar-se uma sugestão que já foi proposta; alguns perguntam-se se não chegou a altura de considerar que cada componente nacional da Comunidade escolhesse, autònomamente, a técnica mais apropriada à sua natureza actual.

Ao fim e ao cabo, a Europa europeia é um grande objectivo democrático que exige audácia nas ideias, um sentido de responsabilidade e previsões a longo prazo. Não existem esquemas que seja suficiente reproduzir. É preciso propor e pôr à prova soluções novas. É por isso mesmo que o concurso permanente das grandes correntes democráticas dos nossos vários países é indispensável.

DL EXCLUSIVO

Exclusivo
"Le Monde" "DL"

Trata-se de extraír de cada povo o melhor — e nada mais do que isso — do que ele é capaz. E isto já não para se elevar a si próprio com a exclusão dos outros mas em proveito de um organismo supeior, não à custa dos outros mas para o bem de todos.»

CONDE H. DE KEYSERLING

(Spektrum Europas)

«Se a Europa morre como organismo espiritual, o que ficará para organizar materialmente não será já a Europa mas um todo amorfo de seres humanos falando diferentes línguas. Acrescentemos que estes seres humanos deixarão de ter razão válida para falar línguas diferentes, porque já nada terão a dizer que não possa ser dito também em qualquer outra língua; numa palavra, nada mais terão para dizer em poesia.»

T. S. ELIOT

(Notes towards the Definition of Culture)

«Este nobre continente é o lar das grandes raças ancestrais do Ocidente, é a fonte da fé e da ética cristãs, é o berço da civilização ocidental. E, todavia, é da Europa que saem todas as terríveis querelas nacionalistas que, já por duas vezes durante o tempo das nossas vidas, vieram quebrar a paz e obscurecer o futuro de toda a Humanidade...

«... Devemos construir uma espécie de Estados Unidos da Europa...»

WINSTON CHURCHILL

(Discurso de Zurich, em 16 de Setembro de 1946)

A EUROPA EM 1975 — POLÍTICA

UMA SÓ VOZ

Quem poderia ter previsto, há apenas um ano, que, em 1972, o presidente Nixon seria recebido por Mao Tsé-Tung, em Pequim, e que a China Continental faria, pouco depois, a sua entrada nas Nações Unidas? Quem poderia ter previsto tamanhas modificações no sistema monetário internacional? Entendamo-nos desde já que não se trata do facto destas eventualidades não terem sido previstas, mas, precisamente, porque já se falava nelas há tanto tempo que já ninguém acreditava nisso. São estes dois exemplos — entre outros — dos progressos que se produziram no decurso de 1971 para pôr em causa a maneira clássica de raciocinar sobre os problemas internacionais que se mantiveram inalteráveis durante vinte anos e mais.

Por SIR ALEC DOUGLAS-HOME

Num terreno por tal forma movediço, todas as previsões que possam ser feitas são igualmente plausíveis. No entanto, a propósito de um dos assuntos a que os leitores destas consideradas publicações costumam dar uma grande importância, há, pelo menos, uma coisa certa: o crescimento contínuo da nova força — e, do mesmo modo, política — que constitui a Comunidade Europeia.

Parece-me bem que o factor mais importante que, hoje, impele os países da Europa Ocidental a unir-se, é o facto de se darem cada vez mais conta de que a Europa — se quiser que a sua influência possa influir no jogo — deve agir de uma forma concertada e, tanto quanto possível, fazendo ouvir-se como uma só voz. Isso não é realizável através das ligas ou das coligações do passado. Esta voz única, embora os países da Europa sejam cada vez mais interdependentes em múltiplos domínios da actividade, não pode partir senão de uma entidade única que abarque as esferas de interesse mútuo ou os pontos de vista de uma comunidade política que se imponha para o bem do continente.

No que diz respeito às relações com o exterior, quer isto dizer que é preciso estabelecer um sistema de acordos por virtude dos quais a Comunidade Económica Europeia convenha em primeiro lugar, sobre toda uma série de assuntos, consultar-se mùtuamente antes de passar aos actos, e, depois, agir em conjunto e elaborar um programa sem ambiguidade para a coordenação progressiva das suas políticas externas. Com efeito, as instituições económicas, só por si, não estão em condições de resolver as grandes questões de política internacional sobre as quais se torna essencial adoptar uma atitude comum — as relações Este-Oeste, o papel da Europa Ocidental no mundo, o seu comportamento para com o Terceiro Mundo — se se quiser chegar a qualquer coisa de positivo. É por isso que uma harmonização das políticas externas se torna indispensável.

Alguns elementos de harmonização começam já a aparecer: o fortalecimento da voz da Europa na aliança do Ocidente, a manutenção, com os Estados Unidos, de boas relações assentes na base de um novo equilíbrio e de um respeito mútuo mais equitativamente doseados, num abrandamento da tensão com a União Soviética a partir de uma posição europeia mais unificada, o encorajamento do livre-cambismo, em que os europeus têm mais interesse do que quaisquer outros povos, e, na mesma ordem de ideias, o encorajamento a uma atitude aberta para com o exterior no que diz respeito ao auxílio, ao comércio e aos investimentos.

COMO ESTAREMOS EM 1975

Os progressos que a Europa vai poder concretizar até 1975 no caminho para uma unidade serão tributários de muitas coisas. Antes do mais, o clima político deverá ser favorável.

Ora, este clima está sujeito aos acontecimentos internacionais — acidentais ou provocados. No entanto, o processo de integração, uma certa medida, realiza-se a si próprio. Quando uma política comum unificada fôr obtida num determinado sector, isso implicará, frequentemente, medidas semelhantes num outro plano. Por exemplo, admite-se, em geral, que uma coordenação mais estreita das políticas económicas e a adopção de uma política monetária comum andam a par.

Os progressos que forem feitos dependerão — isto é claro — do levantamento dos obstáculos políticos e da impulsão política que fôr dada. Nas condições actuais, embora estejamos ainda a fazer encaminhar os documentos de base através dos meandros das assembleias parlamentares nacionais para obter a sua ratificação, seria um tanto prematuro pretender fixar o calendário futuro da integração. Em 1975, o Reino Unido será membro da Comunidade Económica Europeia há apenas dois anos e a primeira parte do período transitório não terá sequer sido ultrapassada.

Penso que, daqui até 1975, já terão sido abertos os alicerces para a edificação de uma política europeia comum. Dever-se-ia já poder constatar **de visu** os progressos realizados no caminho de uma política industrial e tecnológica da Comunidade, graças à abolição gradual de outras barreiras além das aduaneiras, à harmonização das legislações sobre as sociedades e as patentes, à da fiscalização das sociedades e das estruturas do mercado de capitais. Os exemplos de cooperação industrial para além das fronteiras deveriam tornar-se mais numerosos à medida que os obstáculos técnicos forem sendo vencidos e quando começar a ser aplicada a programação dos incentivos às tecnologias mais avançadas.

Daqui até 1975, uma política europeia do desenvolvimento, dos transportes e da energia deveria estar já bem avançada. O aumento da eficácia da agricultura europeia deveria manifestar-se pela redução proporcional da parte destinada às subvenções agrícolas no orçamento da Comunidade e pela diminuição da percentagem da população que trabalha a terra. No sector da defesa e no da política externa, a que já acima fiz referência, os europeus deveriam mostrar-se capazes de trabalhar efectivamente em conjunto na protecção dos seus interesses comuns, existentes no interior da aliança atlântica e fora dela.

Esses progressos arrastarão consigo o reforço e a expansão da Comunidade, em todos os aspectos em que os seus membros estiverem de acordo, assim como uma coordenação muito mais estreita entre os governos em matéria de relações internacionais. Mas é bem preciso dar-se conta de que, por muito desejáveis que pareçam, estes progressos para a unidade não devem, nem podem, ser impostos contra a vontade dos governantes nacionais mantidos pelas assembleias parlamentares nacionais, democràticamente eleitas. Estas devem entusiasmar-se por esta causa e nada se poderá fazer sem o seu concurso.

UM PRECIOSO ESTIMULANTE

O alargamento da Comunidade, que incluirá doravante a Inglaterra e os outros requerentes, vai, em si mesmo, constituir um precioso estimulante. Não há razões para pôr em dúvida que este alargamento destrua, em nada, o espírito de solidariedade que reina na actual Comunidade. O campo dos interesses e das responsabilidades desta última vai apenas ser ampliado. Em nome de todos os laços que unem a Gra-Bretanha ao **Commonwealth**, a adesão britânica vai mesmo ajudar a Europa a manter a reputação que tem de ser a parte do mundo desenvolvida que mais se interessa pelo resto da Humanidade.

De imediato, impõe-se aos europeus o dever de explorar a ocasião que lhes é oferecida para dar infra-estruturas sãs à Europa das décadas de 70 e 80. É uma tarefa que exige um conhecimento perfeito da ciência do governo, e qualidades de imaginação e de engenho de primeira ordem. A nova Europa, cuja silhueta e personalidade começarão a emergir em 1975, será, não o duvido, um testemunho eloquente da criatividade, do liberalismo e do sentido humanitário que animam o génio europeu nas suas melhores horas.

NO CAMPO DAS REALIDADES

Por MICHEL DEBRE

Há um continente europeu. Há nações europeias, e, através das fronteiras como acima das distâncias, numerosas relações entre homens e mulheres destas nações. Há economias e culturas europeias muito próximas umas das outras, marcadas pelas suas influências respectivas e por recíprocas permutas. Há, acima dos sentimentos populares e, iluminando-se frequentemente com a sua claridade, um espírito europeu que anima homens de pensamento ou de ciência, criando uma unidade acima dos particularismos.

Mas não há uma força europeia nem um poder europeu. Esta força virá a manifestar-se um dia? Este poder virá a existir um dia?

Vários argumentos incitam a uma resposta positiva.

Como não seria tentada a imaginação pelo agrupamento destas riquezas materiais e intelectuais, deste grande número de povos, onde domina a qualidade do trabalho e do pensamento? Nenhuma obra humana seria impossível a tais forças conjugadas. A união de tudo e de todos criaria uma força imensa, e de que autoridade não disporia o poder que, leg timamente, a guiasse?

A vida quotidiana atenua o alcance do sonho.

Os objectivos são divergentes. Em certas partes da Europa, deseja-se a estabilidade; noutras esperam-se transformações. Aqui aceita-se um comando externo; algures recusa-se. Alguns aceitam a neutralidade, pensando em primeiro lugar na indústria e no comércio; outros procuram exercer uma influência, prefeririam exaltar a grandeza colectiva.

A ausência de solidariedade é frequente. Está patente nas discussões económicas: quantas vezes é impossível assegurar uma coordenação de acções económicas, mesmo limitadas! Se nos limitarmos à exigência fundamental, aquela sem a qual não há nem força nem poder, a ausência de solidariedade é ainda mais flagrante! Os Estados Unidos podem mobilizar os americanos da costa do Pacífico e os da costa do Atlântico para uma causa comum; russos e chineses podem mobilizar, da mesma maneira, homens e mulheres separados por dezenas de milhares de quilómetros e que nada têm em comum além da afirmação da sua fé nacional. Pode dizer-se que está próximo o dia em que uma autoridade europeia poderá mobilizar os escandinavos para uma fronteira mediterrânica em perigo, e os mediterrânicos para fazer face a uma ameaça no extremo norte da Europa?

Como conseguir fazer aceitar pelo maior número, objectivos comuns e solidariedade?

E tanto mais difícil responder a esta pergunta, quanto é certo não se poder, sem hesitações, dar uma resposta satisfatória a esta simples interrogação: o que é a Europa?

Com a entrada da Grã-Bretanha, de dois países escandinavos e, um dia certamente, da Espanha, para o Mercado Comum, a definição da Europa deixa de ser o que era. As construções políticas que uma audaciosa imaginação podia conceber recuam, para não dizer que se desvanecem. Com o descomprometimento americano, problemas que alguns julgavam resolvidos nascem ou, melhor ainda, renascem, e cada Estado não trará para eles a mesma solução. Quando, ainda por cima, se ousa imaginar, com a evolução dos tempos, o restabelecimento das relações entre as nações europeias do Oeste com as do Leste, constata-se não apenas que a figura da Europa já não é aquela que se desenhava há vinte anos, mas uma que mudará ainda...

Perante tais imprecisões, como constituir uma força, como construir um poder?

E preciso, então, renunciar à Europa? De maneira nenhuma. Ser europeu, num certo sentido, é uma necessidade. A paz é necessária entre povos europeus. A prosperidade de cada um está dependente da prosperidade de todos. A segurança do conjunto garante a de cada um e todos merecem exercer, no mundo, uma parte de influência.

Porém, para conseguir esta política da Europa, é necessário edificar as nossas ambições no duro campo das realidades.

LIBERDADE, TRABALHO, ACORDO

A primeira destas realidades é a seguinte: a Europa é a liberdade. Sem liberdade não há Europa. Ora, a liberdade exige o respeito pela existência e pela independência das nações. E partindo deste postulado, que é a expressão da nossa longa história e da nossa vida social, que se pode vislumbrar um futuro comum.

Para decidir deste futuro, é preciso que os povos europeus mantenham as mesmas orientações políticas essenciais, que se chamam: aptidão para a independência e para a grandeza, capacidade de trabalho e de poupança, vontade de acordo e de união.

Não se cria uma grande potência simplesmente para assegurar melhor a vida de cada dia; não se edifica um poder considerável simplesmente para melhorar os benefícios das empresas, os salários dos trabalhadores. A potência quer a independência

Continua na página seis

Externato
Sebastião da Gama
CURSO DE FÉRIAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(em frente da Cervejaria Portugália)

ÚLCERAS
DO ESTÔMAGO E DO DUODENO
DE-NOL
Sem dieta — Sem alcalinos — Sem repouso obrigatório
Sem abandono da vida profissional
PEDIDO DE LITERATURA:
PESTANA & FERNANDES, LDA.
R. da Prata, 153-2.º, Lisboa—R. do Almada, 82-2.º F., Porto

um carro é um carro! SIDIAL é uma garantia!

CHRYSLER
SIMCA
SUNBEAM
INSIGNIA - SI-04
há horas de sorte...
Calcule!
decidimos oferecer aos nossos clientes, a partir de 1 de Fevereiro de 1972, a possibilidade tentadora de por sorteio, no fim do ano, virem a receber em barras de ouro, o valor total do carro comprado.
Tente-se! a nossa oferta pode ser sua.
Há horas de sorte...
CONCESSIONÁRIO CHRYSLER DE PORTUGAL

ECONOMIA

A EUROPA EM 1975

UMA NOVA RAÇA DE GIGANTES?

Por HUGH STEPHENSON

«O Desafio Americano», de Jean-Jacques Servan-Scheiber, influenciou tudo o que se pensou na Europa a partir de 1967 — ano da sua publicação — relativamente à indústria e à política industrial, muito embora as análises ali contidas se tivesse revelado posteriormente, e em parte, falsas. O que o autor observou com perfeita exactidão, foi a existência do Mercado Comum que não suscitou senão investimentos mínimos de país a país no seio da Comunidade Económica Europeia, enquanto que, pelo contrário, o capital americano se interessou maciçamente na Europa, tratada como um todo sob a perspectiva da produção e da planificação.

A LÓGICA DAS IMPLANTAÇÕES AMERICANAS

Dito isto, pode ser instrutivo se se quiser imaginar o que serão as estruturas industriais na Europa futura, procurar a lógica a que obedeceram os acontecimentos da década de 60.

No decurso dessa década, duas razões impleiram os americanos a implantar-se na Europa. Por um lado, a Europa estava então sòzinha (para além do Japão) e oferecia um mercado evoluído e de crescimento rápido. A melhor maneira de estar presente neste mercado era investir nele, quer procedendo a resgates, quer criando novos estabelecimentos. Por outro lado, em vários sectores, a indústria americana dispunha de um avanço tecnológico muito sensível sobre o resto do mundo.

Esta supremacia dos Estados Unidos nada deve — ou deve muito pouco — ao dinamismo atribuído, ás vezes, ao livre empreendimento do capitalismo americano. Provém directamente do fluxo de biliões de dólares fornecidos pelos contribuintes e investidos pelo Governo na pesquisa científica e nas suas aplicações.

As previsões relativas ao próximo futuro das indústrias, na Europa, devem ser feitas a partir daí. Primeiramente, é bem evidente que estas tecnologias avançadas estão condenadas pela enormidade do custo — sempre crescente — da pesquisa e das despesas de exploração, salvo quando estão asseguradas por subvenções maciças. Ora, para isto, será preciso, na atitude dos governos, uma modificação radical que, actualmente, nada deixa antever. Até agora, com efeito, os governos europeus não têm parecido dispostos a subtrair fundos para um projecto multinacional, a menos que um valor equivalente lhes fosse fornecido sob a forma de trabalho concedido à sua indústria nacional. Daí a funesta fraqueza de instituições como a ELDO e a ESRO, encarregadas de agitar no espaço o estandarte da Europa.

Deitar dinheiro fora?

Com efeito, o êxito só pode ser entendido através de uma organização adequada da indústria e de linhas directoriais sãs. Os fundos necessários ultrapassarão, evidentemente, aqueles que cada um dos Estados da Europa, tomados individualmente, pode despender, e é aí que se levanta o principal obstáculo: as despesas escaparão ao controlo pormenorizado de cada um dos governos. Vê-se que há um grande passo a dar para transpor o obstáculo, mas se não fos possível trnaspô-lo, o dinheiro gasto por cada um para manter o esforço nacional em matéria de tecnologias avançadas continuará a ser deitado fora. Melhor seria, então, negociar imediatamente acordos com as companhias americanas.

Esta conclusão impõe-se, com toda a evidência, no alto da escala das tecnologias, mas o mesmo raciocínio é válido a todos os níveis. Aplica-se no que diz respeito ao porte das empresas, factor ao qual é frequentemente imputado também o êxito americano.

Nada prova, no entanto, que as grandes unidades de produção europeias não tenham dimensões comparáveis às das grandes empresas de além-Atlântico. Nada prova, tão-pouco, que a indústria europeia tenha mais vantagens a tirar de «economias de escala» mais fortes, como dizem os especialistas. As instalações «Renault», em Flins, são tão importantes e tão modernas como as de qualquer outra, não importa qual seja, firma de construção de automóveis, aonde quer que esteja; as fábricas de produtos químicos da Shell, da ICI ou da Bayer, classificam-se entre as primeiras do mundo quanto à sua grandeza.

Do mesmo modo, se a questão das dimensões é importante, o que conta, não é o tamanho das fábricas mas a envergadura da empresa no plano comercial e financeiro. A este propósito, é exacto que (salvo no que diz respeito a alguns consórcios gigantes, tendo a sua sede na Holanda, e um número de sucieda-des instaladas na Grã-Bretanha) as firmas europeias são mais modestas. Assim, a Volkswagen — o maior montante de negócios na Europa para indústria de automóveis — não tem a mesma importância que a General Motores, a Ford ou a Chrysler; a Pirelli é vencida pela superioridade da Goodyear, da Firestone ou da General Tyre; a Phillips fica muito aquém da General Electric, da Western Electric ou da Westinghouse.

Por certo, é preciso desmistificar a noção de montante de negócios: um grande montante de negócios nada tem de prestigioso em si mesmo. Mas é ele que permite ter uma posição predominante no mercado e manter os investimentos consideráveis de capitais que são necessários à indústria moderna, mesmo que ela não utilize as técnicas de ponta.

A este propósito, sobreveio uma modificação fundamental na natureza da concorrência entre as empresas que trabalham nos sectores antigos, como os da construção de automóveis, de produtos químicos, das indústrias de petróleos: o custo de novos investimentos (instalações fabris e material) é tal, doravante, que estas empresas têm de se assegurar da estabilidade das suas vendas futuras, o que não é possível se elas se entregarem à guerra de preços entre si. Parece também que se caminha para uma nova raça de gigantes, para um novo estado de concentração para a indústria europeia, e que esteja votada a formar grupos menos numerosos e mais vastos.

Isto leva a perguntar-se sobre o que será a política da Europa no que diz respeito aos oligopólios e ao seu poder de repressão. Pergunta fundamental mas de uma outra ordem.

PONTO DE VISTA

EFICÁCIA

As indústrias europeias de automóveis entraram, no decurso destes últimos anos, uma vasto processo de fusão, de concentração. Iniciado a nível nacional, tem-se desenvolvido, pouco a pouco, além fronteiras, tendendo a adquirir uma dimensão internacional. As barreiras alfandegárias que ainda recentemente representavam uma protecção, são hoje um obstáculo ao nosso desenvolvimento.

Por UMBERTO AGNELLI

As implicações internacionais das nossas indústrias são tão importantes que nos obrigam, pela própria força das coisas, a ver longe e a estabelecer programas amplos e desdobrados sobre vastos espaços.

O nosso produto, ele próprio, perderia a maior parte do seu significado, da sua eficácia e do seu valor, se não fosse fabricado para vastos mercados isentos de obstáculos aduaneiros. No fim de contas, estamos muito próximo da unidade europeia e todos nós temos, mais ou menos, interesse em a atingir o mais ràpidamente possível. A participação feita pela Fiat na Citroen pode ser um «aperitivo» para as soluções industriais desejáveis no seio do Mercado Comum. Há muito tempo que os programas das nossas indústrias foram realizados à escala europeia, com produçaões diversificadas e equilibradas, uma especialização das tarefas de tipo internacional, marcada pela complementaridade e a cooperação.

Muito particularmente no que diz respeito ao sector dos motores, as possibilidades de nos encaminharmos para as soluções multinacionais e para os mercados alargados são reais e praticáveis; é a linha de força segundo a qual de desloca toda a indústria automóvel europeia. Por exemplo, a política de desenvolvimento da Fiat propõe-se ultrapassar, a todos os respeitos, os limites geográficos internos. Não concebemos a exportação a dentro da Comunidade Económica Europeia como um dado acessório que nos permita tirar eventuais fases de baixa conjuntura ou colocar — se for necessário — excedentes de

Continua na pág. sete

CPP-7

UMA FORMA POSITIVA DE EQUILIBRAR

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

3 %
DEPÓSITOS A ORDEM ATÉ 50 CONTOS

5,25 %
DEPÓSITOS A 181 DIAS

5,75 %
DEPÓSITOS A MAIS DE UM ANO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

AGRICULTURA OS DOIS GRA

TIRAR OS CAMPONESES DO SEU ENCLAVE

Por MANLIO ROSSI DORIA

No seio da Europa dos Dez, é a agricultura a grande enferma, que não pode respirar sem auxílio do ar demasiado vivo de um mercado comum. A razão é simples: apesar das assistências artificiais e dos progressos incontestáveis das últimas décadas, aumentou a distância entre os rendimentos e níveis de vida dos agricultores e das outras categorias profissionais. O afastamento é devido a razões específicas: persistência na agricultura europeia da exploração familiar e de dimensões de técnicas e de produtividades ultrapassadas, diversidade extrema dos empreendimentos, reforçada pela variedade das condições naturais, das produções e dos mercados; finalmente, fraqueza da posição dos agricultores nestes mercados relativamente ao crescente poder dos outros agentes económicos.

Isto pode parecer absurdo, mas a política agrícola seguida no decurso das últimas décadas contribuíu para manter e para acentuar esta fraqueza. É válido tanto para as políticas nacionais como para a da Comunidade. Para defender os agricultores, contou-se com o mecanismo perigoso do apoio artificial dos preços correntes e dos métodos de assistência. Hoje, vê-se claramente quais as consequências: reenvio para as calendas gregas da reforma das estruturas, enriquecimento inútil dos raros camponeses instalados nas terras mais ricas, prolongamento da agonia das explorações mais fracas e das regiões mais pobres, refreamento da cooperação, hegemonia de alguns grupos no sector dos produtos alimentares e, finalmente, aparecimento de excedentes invendáveis que a Comunidade deve liquidar com dificuldade e com perda.

O que se produziu é perfeitamente explicável mas o momento de repensar, de alto a baixo, as políticas agrícolas está certamente chegado. O memorando de Mansholt traçou as grandes linhas desta regularização; o alargamento da Europa demonstrou ser oportuna. Os remoinhos monetários poderiam oferecer a ocasião para se proceder em conformidade.

Pode perfeitamente dizer-se: **sociedade, o seu espaço agrário. Esta sociedade do futuro, dispondo graças aos meios técnicos e económicos, de mais ócios e de necessidades do que antigamente, procura consignar à sua própria existência finalidades que lhe confiram um sentido.»**

a sorte dos camponeses europeus dependerá da inteligência levada a dar forma e eficácia a uma política comunitária nova, tanto para as estruturas como para os mercados.

UM ELEMENTO DE UMA POLÍTICA GERAL

A política estrutural cessa de ser concebida como uma política agrícola distinta e particular. Torna-se um elemento constitutivo de uma política geral, felizmente equilibrada, de desenvolvimento económico e de arrumação do território. Sem ilusões e sem espírito de sistema, é preciso defender em cada uma das regiões da Comunidade, uma política económica integrada simultâneamente agrícola e industrial, capaz de levar um remédio tanto aos defeitos de estruturas agrícolas como á inadmissível oposição actual entre metrópoles hiperindustrializadas e zonas periféricas exclusivamente agrícolas. Com muita profundidade, um economista alemão, Hermann Priebe, escreveu recentemente: **«Uma das tarefas principais da década será a realização efectiva de uma integração recíproca entre a política estrutural agrícola e o desenvolvimento regional, assim como a descoberta de novos objectivos para valorizar, em intenção de uma**

Para a política dos mercados, muitos observadores perguntam-se se não é já altura de abandonar os pesados disposi-

tivos da regulamentação comunitária. Os objectivos desta política: estabilização dos preços, defesa do poder contratual dos agricultores, protecção aos rendimentos das categorias mais desfavorecidas, podem ser atingidos em melhores condições, concedendo uma liberdade relativa ao mecanismo do mercado, e conduzindo a sólidas associações de produtores, a «**marketing agreements**» e a intervenções de urgência, assim como a uma oposição resoluta ás concentrações industriais e comerciais, fundada numa legislação séria contra os monopólios.

Esta política permitiria reduzir progressivamente o apoio artificial aos preços agrícolas, equilibrar melhor a produção, jogando com os preços relativos dos produtos, principalmente na relação carne-cereais, e assegurar ao rendimento dos agricultores mais desfavorecidos um apoio provisório, a fim de facilitar as redisposições no período transitório.

Ainda não é possível responder ás perguntas que se fazem por todo o lado sobre a sorte dos camponeses europeus nos anos futuros. As perspectivas seriam, em todo o caso, muito sombrias se o desenvolvimento económico prosseguisse da mesma maneira que ocorreu durante as duas últimas décadas e se as políticas concebidas para lhe corrigir as imperfeições conservassem a sua fraqueza e o seu carácter de assistência revogável e veleidosa. Nas terras ricas, onde se exerce uma tecnologia avançada, as grandes concentrações industriais poderiam reforçar a sua posição dominante, obrigando os camponeses a renunciar á sua autonomia para se transformarem em empregados de gigantescos complexos integrados; nas terras medíocres e pobres, aonde as mais nobres tradições nacionais tiveram antigamente o seu assento, o êxodo rural poderia certamente criar tão graves lacunas que o despovoamento não deixaria de preceder o regresso a uma utilização mais extensiva do terreno.

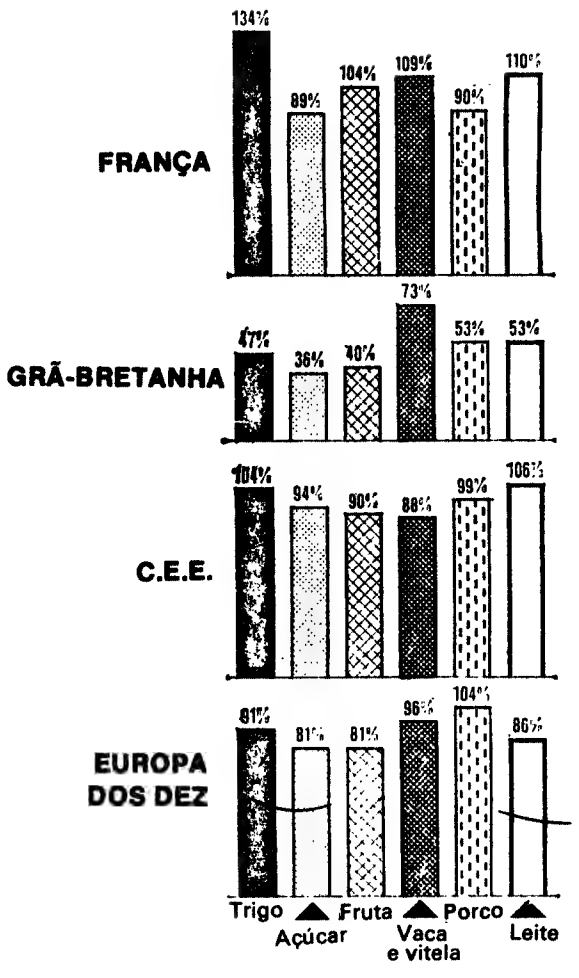
SEM ROTURA

Para lutar contra este destino cujos riscos precursores são manifestos, a oposição torna-se cada vez mais resoluta. Recentemente, acreditou na ilusão de uma política de assistência e de apoio artificial dos preços correntes. Hoje, tomou á sua conta os aspectos mais avançados em matéria de desenvolvimento económico programado e de utilização racional simultâneamente agrário e industrial do conjunto do território da Comunidade.

Devemos mostrar-nos capazes de basear sobre estes princípios a nossa acção futura e de lhe fornecer toda a energia que requer. Então, a sorte dos camponeses europeus pode ser muito diferente daquela que eles recaiam. A redução inevitável e oportuna do seu número já não será obtida, como no passado, por meio de um cruel desenraizamento, mas graças á passagem para outras actividades e para novas ocupações, sem quebra do quadro familiar ou do curso das existências. Por seu turno, a organização das explorações poderá revestir formas diversas e permitir que se constituam empresas de tipo e tamanho diferente, deixando subsistir um número importante de explorações familiares. O progresso da cooperação a especialização aumentada em matéria de produções, o peso crescente dos produtos de qualidade, a divisão do trabalho, poderão fazer surgir uma estrutura económica complexa que autorize a manutenção e a exaltação dos mais altos valores da nossa civilização.

Todavia, esta evolução exige um alerta no sentido do interesse geral, uma acção pública animada por uma vontade política poderosa e democrática, um esforço considerável de educação e de organização. Estará a Europa dos Dez em posição de prosseguir, com coerência e perseverança, uma acção deste tipo e de quebrar as mil resistências que a isso se opõem?

GRAU DE AUTO-APROVISIONAMENTO EM 1968 PARA OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS



PONTO DE VISTA

O CAMINHO PARA O EQUILÍBRIO

Por SICCO MANSHOLT

O voto que a agricultura formula é que a política da união económica e monetária permita o mais depressa possível a política agrícola comum no seu papel motor da integração.

Porém, a política agrícola não poderá encontrar um lugar mais proporcionado na vida comunitária se não evitar, por uma política conjugada dos preços, dos rendimentos e de reforma das estruturas as condições de uma nova crise social na agricultura.

No passado, a Comunidade conseguiu pôr de pé e fazer funcionar, por meio de medidas uniformes, e tendo um carácter centralizado, um mercado único dos produtos agrícolas, assegurando a preferência comunitária, assim como uma solidariedade financeira importante. Respondeu assim, de uma maneira global, à necessidade de segurança elementar dos agricultores.

De futuro, deverá estar atenta às novas exigências dos agricultores. Estes, como, aliás, os outros cidadãos, exprimem-nas hoje em termos não apenas globais e quantitativos mas, também, qualitativos: recuperação do atraso sofrido por certas regiões agrícolas em relação a outras, rendimento agrícola comparável àquele que usufruem as outras categorias sociais, formação profissional completada por uma formação geral adequada, modernização rápida das explorações por forma a permitir aos jovens permanecer em maior número na agricultura, condições financeiras convenientes, acompanhando a cessação da actividade profissional dos agricultores idosos e, de uma maneira geral, melhoria das condições de vida e de trabalho (férias, fins-de-semana, etc.)

A estas exigências do mundo agrícola juntam-se, cada vez mais, novas necessidades qualitativas sentidas pelo conjunto dos cidadãos: melhoria da qualidade dos produtos alimentares, procura do produto dito «natural», salvaguarda do património natural, necessidade de proteger a paisagem rural nas regiões de turismo, principalmente na montanha, aonde se assiste, paradoxalmente, a um despovoamento agrícola maciço, etc. O alargamento da Comunidade a novos países com níveis de vida elevados acentuará estas novas necessidades.

A organização actual dos mercados dos diferentes produtos agrícolas, que tende hoje a assegurar sòmente uma certa estabilidade dos preços virá a transformar-se progressivamente numa programação das produções em função das necessidades, tendo em conta as necessidades de desenvolvimento das regiões, principalmente pelo estabelecido de uma melhor hierarquia dos preços.

Em 1975, a Comunidade alargada terá já preparado, durante três anos, as acções comuns no domínio socio-cultutal. As medidas de saneamento e de modernização da sua agricultura atingirão, então, progressivamente, o seu regime de cruzeiro, após o que terão sido adaptadas, da melhor maneira, às realidades tão diversas das regiões.

Cerca de quinhentas mil explorações agrícolas da Comunidade deveriam, nesse ano, encontrar-se na fase de modernização, tendo por fim assegurar à família agrícola que as explora um rendimento comparável ao que usufruem as outras categorias socio-profissionais.

Um número sensìvelmente igual de explorações na posse de agricultores idosos, dos 50 aos 60 anos, e que não têm sucessores em condições de retomar a sua exploração, deveriam, em 1975, beneficiar de uma indemnização anual de cessação de actividade. A superfície agrícola assim tornada livre aproveitará aos que se tiverem modernizado. Por outro lado, a maior proporção de agricultores idosos, sem sucessores, encontra-se precisamente nas regiões mais desprovidas. Por consequência, as medidas previstas traduzir-se-ão por uma transferência de rendimento em proveito destas regiões.

Além disso, os incitamentos financeiros à criação de empregos extra-agrícolas nas regiões rurais desfavorecidas deveria contribuir, conjuntamente com as medidas de reconversão profissionais, para desdramatizar e para humanizar as mutações dos jovens agricultores que não quisessem tirar partido do caminho da modernização das explorações.

As medidas socio-culturais já previstas deveriam ser completadas por disposições particulares relativas à agricultura das regiões ameaçadas de despovoamento e nas quais a fraca produtividade, devida às condições naturais, não permite a obtenção de um rendimento agrícola conveniente. As novas necessidades colectivas, em matéria de salvaguarda, dos locais pitorescos naturais justificam amplamente uma acção particular a favor dos agricultores e das produções destas regiões.

Ao alargar a gama dos meios com os quais deveremos dotar a política agrícola, descentralizando-a nos anos futuros, permitimo-nos uma acção melhor adaptada às necessidades dos homens e das suas regiões. A evolução muito ràpida e profundamente diferente das regiões da Comunidade, a procura de eficácia da nossa política, a isso nos obrigarão, sem dúvida. Será preciso, por exemplo, poder encorajar simultâneamente os agricultores a permanecer em zonas de montanhas difíceis (mas de interesse evidente no plano turístico) e de não o fazer em regiões agrícolas superpovoadas, ou, ainda, desencorajar globalmente esta ou aquela produção e encorajá-la, ao mesmo tempo, na zona onde uma tal produção é a única possível.

Aplicada na realização e na condução da transformação progressiva da sua agricultura, a definir uma visão realista para a sua política de preços e dos mercados, a Comunidade Europeia estará em posição de fixar, de uma maneira mais precisa, a relação que entende ter, no domínio agrícola e alimentar, com o resto do mundo. Para certos produtos, deveria retomar iniciativas, visando à conclusão de acordos mundiais. Estas iniciativas, conformes com a sua vocação, e facilitadas pelo saneamento das estruturas agrícolas, deveriam permitir, finalmente, tornar coerente o funcionamento do mercado mundial dos produtos agrícolas. A Comunidade faria, assim, não sòmente progredir o comércio mundial, mas permitiria aos países mais desherdados, exportadores dos produtos agrícolas de base, encontrar garantias mais precisas no que diz respeito ao escoamento dos produtos dos quais, muito frequentemente, depende toda a sua economia.

IDES DEBATES — MOEDA

A CAMINHO DA "PERSONALIDADE MONETARIA"

Por Leonhard Gleske

Os Estados membros da E E. previam dez anos para edificação de uma união ecoómica e monetária. Em 1975 er-se-á percorrido meio camiho. A Comunidade encon-rar-se-á então na fase ròpriamente decisiva. A priieira tirada, que, se tudo se assar normalmente, vai até 73, limita-se ainda, para o ssencial, a medidas de prepaação destas decisões capitais ue marcarão o verdadeiro coeço da realização deste emreendimento político-ecoómico de um imenso alcance. raças a estas decisões, os stados membros deveriam, ela primeira vez, limitar as uas competências nos omínios económico e monerio, e isto em proveito dos rgãos comunitários. Teriam e transferir progressivamente ma parte para estes órgãos, artilhar algumas delas com les, ou, quiçá, submetê-las ao eu controlo. Sem um mínimo e competências comunitárias a entrada em acção do proesso de decisão de política conómica e monetária, o róprio conteúdo de uma união conómica e monetária seria onstantemente posto em perio.

Estas decisões, necessárias ara a construção da união conómica e monetária, conferiam à Comunidade uma quadade fundamental nova. Até sse dia, e mesmo ao longo a primeira fase, limitar-se-á a ordenar as medidas de olítica económica e monetária o quadro de uma cooperação o estreita quanto possível en-e os governos e os bancos trais, agindo de maneira tónamo. Ora, esta coordeação será afectada, no quaro nacional, por procedimenos de decisão igualmente naionais. Para o assegurar, os overnos e os bancos centrais everiam proceder a consultas o seio das instâncias comunirias criadas para este efeito tomar medidas acertadas en-e si. Na medida do possível, eria preciso tentar chegar às uas decisões em completo cordo. Já se tentou fazer tudo isto no passado, mas não foi, é preciso reconhecê-lo, com resultados muito convincentes. A primeira tirada consiste essencialmente na melhoria dos procedimentos de consulta, tornados mais aprofundados, mais vastos e mais intensos, a fim de fazer convergir melhor os objectivos de política económica e as evoluções efectivas. Esta convergência condiciona, de forma importante, a passagem ulterior a uma política económica e monetária comum.

A redução das margens de flutuação das cotações para esta primeira fase seria, até certo ponto pelo menos, de natureza a favorecer esta convergência para os Estados membros. Os governadores dos bancos centrais haviam decidido pôr em aplicação a título de experiência, a partir de 15 de Junho de 1971, uma redução que teria permitido aos Estados membros manifestar a sua solidariedade muito especial no sector monetário. A este propósito, importa estabelecer claramente que o êxito do empreendimento assenta menos numa tal medida do que na unificação das políticas económicas e monetárias e na sua ancoragem institucional no seio de orgãos comunitários.

O que se passou em 1971 no sector monetário — primeiramente, a decisão alemã de deixar flutuar o marco, depois a suspensão da convertabilidade ouro do dólar — adiou, a título de experiência, a adopção de margens reduzidas. Mesmo sem isso, a política económica e monetária dos Estados membros, com as suas divergências sensíveis de objectivos e de métodos não pode, de modo especial, depor como testemunha do facto da C E E. ter transposto, a partir deste momento, um terço do caminho concedido à primeira tirada.

Tem-se todas as razões para se perguntar — se assim for, em que medida? — se as crises que marcam a história recente do sistema monetário internacional dos valores fixos perturbaram igualmente o prazo para a entrada em vigor da união económica e monetária. Em todo o caso, os primeiros passos foram sensívelmente retardados.

Apesar de todos os problemas postos pelas relações entre os países membros, existem possibilidades para uma efectivação mais ràpida da união económica e monetária. No quadro da ordem monetária internacional futura, a Comunidade e os Estados membros ver-se-ão obrigados, mais claramente do que alguma vez aconteceu, a definir uma «personalidade monetária» própria.

REDUZIR AS MARGENS DE FLUTUAÇÃO

O alargamento das margens de flutuação das cotações no sistema monetário internacional contribuirá, em primeiríssimo lugar, para a afirmação desta personalidade, pois estas margens alargadas não seriam aplicáveis nas relações monetárias internas da Comunidade. Não apenas o Mercado Comum agrícola se tornaria completamente inoperante devido às oscilações demasiado importantes das taxas de câmbio, com a utilização das margens alargadas, no interior da Comunidade, daria um passo à rectaguarda, em contradição com o objectivo de uma união económica e monetária. Na resolução acima mencionada, os Estados membros confirmaram o seu intento de que a Comunidade não deverá tirar partido, nas relações de câmbio entre países membros, das disposições eventuais que permitam um abrandamento do sistema internacional de câmbios.

Se se aplicarem margens de flutuação reduzidas nas relações entre os Estados membros e se se alargarem no que diz respeito às relações entre os ditos Estados e o resto do mundo, os bancos centrais ver-se-ão obrigados a harmonizar muito rigorosamente as suas intervenções nos respectivos mercados de divisas. A sua colaboração tomará as características de uma política comum na própria medida em que a margem entre as suas divisas se tornará menor relativamente à margem de flutuação que será reconhecida relativamente ao exterior.

Trata-se, pois, de muito mais do que problemas limitados à técnica das intervenções. Este estreitamento das margens restringe, com efeito, a liberdade dos bancos centrais no sector da política das taxas de juros e dos liquidados. Deixa-se arrastar, portanto, normalmente, para uma política comum nestes domínios. Todavia, para uma tal política, é preciso ter instituições comunitárias. Concretamente, poderia tratar-se da comissão dos governadores dos bancos centrais, que — encarregada há já vários anos da tarefa de coordenação — seria transformada em órgão dispondo de competências próprias para a política monetária do Mercado Comum.

A resolução do Conselho e dos representantes dos Estados membros indica, na parte que descreve o estado final da união económica e monetária, que um sistema federal de reserva funcionará no seio desta nova zona monetária, terá as suas responsabilidades próprias e contribuirá para o objectivo da estabilidade e do crescimento económico. Por determinadas razões fáceis de conceber, será útil transformar a comissão, na qual se encontram os governadores dos bancos centrais — pròximamente alargada com a entrada dos seus colegas da Grã-Bretanha e dos outros países candidatos —, num órgão encarregado de tomar decisões para o sistema federal de reserva da Comunidade.

NADA DE MOEDA DE RESERVA

Uma tal organização corresponderia, da melhor forma, à estrutura da Comunidade que implica a formação de uma vontade comum por parte dos seus membros. A transferência de poderes para um tal organismo não pode efectuar-se senão progressivamente; poderia, em todo o caso, ser indispensável, pela coesão da união que se forma, conferir competência a esta instância o mais cedo possível. Pompidou, como se sabe, pende para este procedimento.

Quanto a mim, é desejável que a comissão dos governadores dos bancos centrais seja um facto antes dos meados da década, e, portanto, a meio caminho da união económica e monetária, e esteja em condições de emitir recomendações sobre a política do dinheiro e do crédito dos diferentes bancos centrais nacionais e, em certos domínios — por exemplo, na política das divisas —, de ir até à tomada de resoluções por maioria.

Num sistema monetário reformado, a coesão da C E E. revestirá uma importância considerável. No entanto, não me parece desejável que a Comunidade reivindique para a divisa de um dos seus membros, por exemplo, para a libra esterlina, ou para uma divisa única futura, a função de moeda de reserva.

No que diz respeito à libra esterlina, o governador do Banco de Inglaterra deu recentemente, com argumentos convincentes, as razões da sua recusa a uma tal evolução. De uma forma mais geral, é suficiente objectar a esta tese, frequentemente apresentada, com o facto de que uma simples declaração não poderia transformar uma moeda em moeda de reserva. Isto exige muito mais do que as condições que foram recentemente preenchidas em Inglaterra e, mais tarde, nos Estados Unidos, devido ao seu poder económico e à existência de um mercado financeiro altamente evoluído. Certamente que, no Mercado Comum, estas condições têm possibilidade de aparecer — principalmente quando, após a adesão britânica, a praça financeira de Londres se encontrar neste grande espaço económico e monetário, e quando a edificação de um mercado europeu de dinheiro e de capitais, indispensável a uma união económica e monetária, tiver feito progressos sensíveis.

CRITÉRIOS NACIONAIS

No conjunto, todavia, afastamo-nos de um sistema no qual as moedas nacionais exercem funções de reserva. Com efeito, elas perderão o seu poder nas regularizações internacionais relativamente aos direitos de tiragem especiais. O sistema monetário ordenar-se-á, de futuro, segundo critérios racionais: uma C E E. alargada, com a sua influência e o seu peso específico, poderia trazer-lhe um contributo mais precioso do que aquele que os seus membros lhe poderiam dar separadamente. A sua acção comum será mais do que uma simples adição das suas forças. A C E E. terá possibilidades, por exemplo, de exercer uma importante influência na criação de uma liquidez internacional pela repartição dos direitos de tiragem especiais. Uma decisão de repartição exige uma maioria de 85 por cento dos votos adentro do Fundo Monetário Internacional. Os países da C E E. que, de momento, reunissem um pouco mais de 15 por cento, teriam uma influência decisiva sobre essas decisões. Poderiam exercer, em proveito de uma estabilidade aumentada do sistema. Significa isto a importância que reveste para eles o acesso a uma política monetária comum.

Estaria conforme com os objectivos de criação de uma acção económica e monetária antes do fim da década e com os interesses dos Estados membros de transformar, antes de 1975, esta capacidade de acção comum numa realidade. Este resultado tornaria secundário — embora politicamente isto tenha, sem dúvida, a sua importância — a questão de saber se a C E E. deveria, então, ter uma só voz nas organizações monetárias internacionais e estar aí representada na sua qualidade de Comunidade e não por delegações dos diferentes países membros.

PONTO DE VISTA

FACTORES DE ACELERAÇÃO

Por PIERRE WERNER

Segundo as decisões políticas tomadas pelos seus Goveros da Comunidade Económia Europeia, a década de 971-1980 será a da realiação, por tiradas, da união conómica e monetária. Em 975 teremos, portanto percordo metade do caminho.

Porvàvelmente, esta primeiparte do percurso terá sido mais difícil. O caminho terá do semeado de obstáculos e e desfalecimentos. Ora nuns, ra noutros, a vontade política ue, segundo os autores do lano por tiradas, deve acomanhar as fases sucessivas da alização, terá sido posta à rova. Porque o movimento de tegração económica está na nha da História, confio em ue esta vontade política acará sempre por se manifestar.

Normalmente, as incertezas ue pairam ainda actualmente bre o empreendimento terão do dissipadas e tomadas ções fundamentais.

A crise monetária de 1971 rá alimentado excitantes ginas de história e de ência económica. A reforma do sistema monetário interacional no sentido da utilição de uma moeda de reserva colectiva, criada e difundida la comunidade internacio, deveria começar a colher os seus primeiros frutos e os seus primeiros ensinamentos. No novo sistema, dois polos monetários principais: a Comunidade Económica Europeia e os Estados Unidos da América equilibrarão a organização monetária internacional, sem prejuízo da formação de outros polos, por exemplo, na Asia (Japão) e na Europa Oriental (por exemplo, considerem-se os projectos do COMECON para criar um rublo convertível).

Lembro que a primeira tirada de três anos do plano previsto expirará em 31 de Dezembro de 1973. Esta primeira fase terá permitido ganhar experiência tanto para a realização da convergência das políticas económicas como a propósito da entrada em vigor dos primeiros dispositivos monetários, principalmente pela redução das margens de flutuação dos câmbios.

Segundo as decisões de Fevereiro-Março de 1971, os Governos terão tomado conhecimento do balanço dos progressos conseguidos, preparado pela Comissão da Comunidade antes de 1 de Maio de 1973. Ter-se-ão pronunciado sobre a repartição das competências e das responsabilidades entre as instituições da Comunidade e os Estados membros nos domínios da política conjuntural, da política da moeda e do critério e da política orçamental.

Na condição de aderirem ao que é necessário para o bom funcionamento de uma união económica e monetária, os parceiros terão podido regularizar as transferências das responsabilidades para a Comunidade, de tal forma que, no limite das suas atribuições expressas, poderá tomar decisões eficazes, adequadas e rápidas. Os progressos, sem dúvida ainda prudentes mas firmes e decisivos, que as ideias sobre a estrutura política da Comunidade terão registado seguidamente a uma ou duas conferências «ao mais alto nível», facilitarão esta regularização. Continuo a acreditar que, uma vez claramente definido o fim em vista, os meios políticos para o atingir podem ser encontrados. O princípio da subsidiaridade e de uma centralização limitada ao necessário serão de grande auxílio para esta colocação estritamente política. Quanto a mim, esta estrutura terá a sua originalidade própria, nem inteiramente confederada nem inteiramente federal.

A cooperação dos bancos centrais ter-se-á organizado cada vez mais estreitamente, apoiando-se nas primeiras tarefas assumidas pelo Fundo Europeu de Cooperação Monetária, previsto pelo plano. Desde logo, este Fundo deveria ver-se investido da confiança para uma gestão parcial das reservas ao nível comunitário.

Um mercado comum dos capitais será libertado pela interpretação progressiva dos mercados nacionais. Os programas de política a prazo médio serão orientados cada vez mais para os objectivos comunitários. A Comunidade praticará uma política de equilíbrio estrutural e regional em estreita colaboração com os Estados membros.

Nesta fase de evolução, arranjos de paridades monetárias serão ainda possíveis para corrigir desequilíbrios fundamentais. Porém, os acordos para a entrada em vigor da segunda tirada, terão tornado os procedimentos mais comunitários e mais contraditórios.

Estas perspectivas, traçadas pelo plano por tiradas, ter-se-ão efectivamente concretizado em 1975? Sobre este ponto conto com dois factores de aceleração:

1) A lógica interna do Tratado de Roma. A política agrícola, a interpenetração industrial e financeira já realizada, as solidariedades conjunturais cada vez mais sincronizadas, a política comercial comum, tudo isto determinará um processo de harmonização em diferentes domínios, que só a política da moeda e do crédito pode garantir.

2) A confusão causada pelo redemoinho do ano de 1971 deveria ter convencido, até os cépticos, que a Comunidade é chamada a formar um conjunto monetário individualizado no seio do sistema internacional. Um grande número de terceiros países recorre à Comunidade para que ela desempenhe o seu papel no momento em que se fala de uma moeda de reserva criada colectivamente. Que iniciativa e que solidariedade maiores podem esperar-se de um empreendimento de mercado comum e livre? Num mundo dominado pela troca e pelo consumo, relativamente à interprenetação irremediável das correntes económicas num mercado liberalizado, o veículo central de troca, a moeda, não servirá o crescimento na estabilidade a não ser que seja gerido comunitàriamente.

A realidade deste meio-dia monetário de 1975, preparatório do horizonte de 1980, estará conforme à descrição que precede sòmente se os dezoito meses começados em 1 de Janeiro de 1972, forem marcados por esforços excepcionais de concepção e de negociação. O empreendimento é de envergadura, ao mesmo tempo que coincide ainda com o alargamento da Comunidade.

Pode ser levado a bom termo nas melhores condições se, no decurso dos primeiros meses de 1972, os Governos da Comunidade alargada precisarem e confirmarem os objectivos comunitários e definirem as suas aspirações políticas.

Estas, e o esforço de integração, não afectarão a própria personalidade das nações europeias que, em 1975, estarão, assim o espero, bem vivas!

A EUROPA EM 1975

CONSUMO

VESTIDA DE ARLEQUIM

Em 31 de Dezembro de 1972, á meia noite, o consumo de vinho por habitante na Comunidade Económica Europeia cairá de maneria impressionante: passará de 69 litros para 53 litros por ano. No mesmo instante, a quantidade de leite bebido por cidadão da C.E.E. passará de 84 litros para cerca de 100 litros por ano. Trunfo do Exército da Salvação? Mais pròpriamente, vitória de estatística que, a partir de 1 de Janeiro de 1973, deverá tomar em linha de conta os britânicos e os continentais membros da Comunidade alargada, e, de repente, suverter os dados estabelecidos para o «europru médio».

por VITTORINO ZUCCONI

Para pôr em ordem uma comparação estatística entre a Comunidade dos Seis e a Inglaterra, podemos seguir, desde o nascimento até à morte, um cidadão «**europeu**» eo seu semelhante britânico. Tratar-se-á de uma vida «**média**», isto é, puramente estatística. O recém-nascido de Sua Majestade Britânica terá, à primeira vista, mais esperanças do que o seu irmão continental de sobreviver aos primeiros momentos críticos. A mortalidade infantil nao, com efeito, mais de 18,4 por mil na Grã-Bretanha, enquanto se fixa nos 30,3 por mil em Itália, 23,1 por mil na Alemanha e 19,7 por mil em França.

O pequeno inglês terá, provàvelmente, um irmão, pois 25 por cento das famílias insulares têm dois filhos. Se quiser viver numa família numerosa, valerá mais escolher o continente, aonde as famílias com 5 e mais filhos passam dos 15 por cento contra 10 por cento na Grã-Bretanha.

DISPARIDADES

Mais tarde, a criança britânica desfrutará de uma assistência médica menos acessível mas de tão boa qualidade como a do seu vizinho continental. A Inglaterra conta 118 médicos por 100.000 habitantes contra 149 no conjunto da C.E.E., com um máximo registado em Itália (179) e um mínimo no Luxemburgo (101). Do mesmo modo, a Inglaterra possui 987 camas hospitalares por 10.000 habitantes contra 1.052 na Pequena Europa (1.169 em França, 1.101 na Alemanha e 1.006 em Itália).

Qualquer que seja a sua origem sicial, o jovem britânico terá possibilidades de chegar ao termo dos seus estudos superiores: há uma vez e meia mais filhos de famílias trabalhadoras na universidade em Inglaterra do que em França ou na Alemanha.

A hora do «Marcha Nupcial» chegará depressa para os jovens ingleses: vinte e três anos em média contra vinte e seis na C.E.E. Ela ouvir-se-á mesmo mais frequentemente, pois, celebram-se na Grã-Bretanha 8,1 casamentos por por 1.000 habitantes contra 7,3 na Alemanha, 7,6 em França e 7,1 em Itália. Em sua casa, o britânico disporá de todo um conjunto de aparelhagem electrodoméstica (279 televisores por 1.000 habitantes, contra 246 na República Federal, 184 em França e 150 e Itália). Terá certamente telefone (232 por 1.000 habitantes contra 167 na C.E.E.), mas terá de ceder o passo aos alemães e aos franceses no que diz às vitórias nas corridas de automóveis, pois a Inglaterra conta com 207 viaturas por 1.000 habitantes contra 231 em França, 215 na Alemanha e 166 em Itália.

Dito isto, apesar de um aparelho de produção tão moderno, o número dos desempregados e das pessoas meio desempregadas atingiu na Grã-Bretanha 925.000 em 1971 contra 700.000 em 1970 e 518.000 em 1969. Um jovem europeu terá o máximo de pouca sorte se nascer em Itália, país em que o número dos desempregados, declarados ou não, atinge o milhão, ao passo que é pràticamente inexistente na Alemanha (cerca de 100.000) e se fixa nas proximidades dos 500.000 em França.

Se conseguirem encontrar trabalho, os jovens ingleses e europeus deverão fazer as suas contas, sem entusiasmo, examinando os preços dos artigos. Estes aumentam por todo o lado e, na Grã-Bretanha, mais do que em qualquer outro lado (10 por cento em 1971)

Para escolher o seu emprego, o jovem inglês não dispõe pràticamente senão de indústria ou dos serviços. No seu país, a percentagem da população activa empregada na agricultura é, com efeito, irrisória, enquanto que — situação única na Europa — os trabalhadores dos serviços (12 milhões) ultrapassam sensívelmente em número os da indústria (11 milhões), e a diferença tende a acentuar-se.

A França é o único país em que estes dois números se equilibram (8 milhões) ao passo que na Alemanha os trabalhadores da indústria são 13 milhões contra 10 milhões nos serviços e em tItália a relação é de 8 para 6.

Quando se reformam, os heróis desta aventura estatística vivem um destino ainda bem diferente. o alemão sabe que o seu país, das contribuições individuais, das dos empregados do Estado, dispende 1.980 francos **per capita** e por ano para a assistência social, enquanto que o francês pode contar com 1.672 francos, o inglês com 1.196 francos e o italiano com 1.038 francos.

URBANISMO

OS PERIGOS DO "TRIÂNGULO DE OURO"

por TONY ALDOUS

A corrente — na verdade, às vezes, a maré — que empurra as grandes cidades a população dos campos, é um fenómeno universal.

O principal pólo de atracção no plano económico, na C E E, tal como se apresenta no momento actual, é constituído por um «triângulo de ouro» cujos vértices se situam, respectivamente, em Paris, no Ruhr e em Turim ou Milão — Ruhr — Londres. Duas perguntas capitais vão, então, pôr-se aos planificadores em matéria de arranjo regional e urbano. Nesta Comunidade em que os trabalhadores dos países que dela fazem parte, têm toda a liberdade de se deslocar e em que são considerados, todos eles e em todo o lado, poderem usufruir, qualquer que seja a sua nacionalidade, os mesmos direitos no mercado do trabalho, como fazer para que esta bomba aspiradora gigantesca não esvazie as zonas periféricas da sua mão-de-obra qualificada e não monopolize o crescimento económico? Como proceder para que, nesta zona privilegiada, as tensões provocadas pelo crescimento económico, não venham, por isso, deteriorar a qualidade da vida? Um sobreaquecimento assim localizado corre o risco de ter consequências desastrosas do ponto de vista social, sobretudo no que diz respeito à mão-de-obra imigrada, econòmicamente desfavorecida — questão do alojamento, escolas em número suficiente, equipamento social inadaptado, etc. — e desastrosas também para as vizinhanças.

UMA EVOLUÇÃO IRREVERSÍVEL

A resposta à primeira pergunta dependerá do clima económico geral e da política que a C E E vier a adoptar em matéria de auxílio ao desenvolvimento das regiões periféricas. Mas a segunda pergunta é mais complexa, pois os seus dados são incertos, as políticas nacionais seguidas em matéria de arranjo urbano são muito variadas e visam objectivos muito diferentes. Importará, portanto, em primeiro lugar, distinguir os diferentes significados na palavra «urbanização».

Assim, na Grã-Bretanha, o crescimento urbano diz respeito não apenas às cidades existentes, mas, mais ainda, às «zonas urbanas». Os efectivos da população londrina, por exemplo, encontram-se em constante baixa desde há dez anos a esta parte, embora os limites da cidade tenham cedido e esta ocupe uma maior superfície.

Este tipo de evolução encontra-se nos Estados Unidos. Em contrapartida — ainda que seja aplicada, no arrabalde oeste de Paris, uma forma de expansão «em corredor», visando canalizar o crescimento demográfico para remediar ao alargamento da capital — não parece que a Europa dos Seis caminhe para uma expansão das zonas-dormitórios comparável àquela que se conhece além-Mancha e além-Atlântico. Os europeus estão preservados disso pelo seu hábito de viver amontoados nas cidades.

Não obstante, há um grave perigo que, como é perfeitamente evidente, paira sobre as aglomerações situadas no interior do «triângulo de ouro»: abertas doravante a um número bem maior de imigrantes, devido ao alargamento da Comunidade, estão ameaçadas por um afluxo de recém-chegados que leva à congestão dos bairros do centro e, depois, à degradação da própria cidade, segundo um processo que a América e a Grã-Bretanha conhecem muito bem. Os trabalhadores estrangeiros afluem evidentemente às capitais e às grandes cidades (assim, em França, eles atingem três milhões, incluindo as famílias, e um terço do total está concentrado na região parisiense). E eles dirigem-se para onde a actividade é maior. Mas é justamente aí que se torna mais difícil o alojamento e que os serviços públicos - transportes, escolas, hospitais - estão mais superlotados. Em França, como em muitos outros países, os serventes e os trabalhadores sem qualificação procuram imediatamente assalariar-se na construção civil. A forte proporção de estrangeiros nos estaleiros parisienses - espanhóis, portugueses e norte-africanos - foi já objecto de numerosos comentários. Porém, se o centro das grandes cidades da Europa começar a ficar deserto, como aconteceu nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, de famílias das classes médias em busca de exigénio ou de espaço (e - quem sabe? - de jardins do tipo anglo-saxónico), estes bairros correm o risco não apenas de ser invadidos, mas também de ficar à míngua de recursos fiscais que lhes permitiriam fazer face aos seus problemas.

As grandes aglomerações europeias estão a ser espiadas pelo mal que fere as cidades quando elas são enfraquecidas por uma «suburbanização» maciça e quando os seus residentes não pertencem senão a duas categorias: a dos «ricaços» e a dos desfavorecidos (imigrados, econòmicamente fracos e desprotegidos de toda a espécie). Elas tem de se consciencializar deste perigo e proteger-se para escapar a ele.

NO CAMPO DAS REALIDADES

Continuação da página dois

e a influência. O poder quer a grandeza. Isto não exige nenhuma vontade de hegemonia, mas uma aspiração a ultrapassar-se a si própria que é a chave de ouro de toda a política. No dia em que a Europa lançar um satélite europeu, no dia em que os europeus, sòzinhos, pisarem o solo lunar, então poderá dizer-se que há possibilidades para a Europa.

Isto equivale a dizer que, ao serviço de uma política europeia, é necessária uma segunda orientação: a capacidade de trabalho e de poupança. No mundo de hoje, se há lugar para a Europa, há que usar uma outra linguagem que não a americana, russa ou chinesa, há que mostrar que é possível fazer algo para evitar que sobrevenham novos conflitos, ás portas da Europa, fazendo-nos reencontrar os dramas da guerra ou da revolução. Porém, ajudar os países em vias de desenvolvimento, conceber uma comunidade internacional fundada em condições que não sejam, de forma alguma, as da hegemonia, impõe um esforço de produção contínuo e uma vontade de destinar somas importantes à segurança, à cooperação, à influência.

O terceiro elemento, que é, ao mesmo tempo, a prova de uma vontade europeia, tem o nome de capacidade de acordo político. Os povos têm dirigentes, e nenhuma política é válida se não for animada e dirigida por estes responsáveis. Se estes deram prioridade ao entendimento, acordos que encoragem os acordos industriais, tanto quanto a interdependência das ideias e dos homens, podem conduzir a uma penetração recíproca, a uma concepção comum da força, donde um dia poderá surgir o poder europeu. Convém ainda que seja dada prioridade a este acordo sobre outras acções políticas.

Conseguí-lo-ão os nossos filhos? A resposta será dada por alguns países, em pequeno número, que conhecemos e entre os quais nos encontramos. As suas disputas modelaram a Europa dos últimos dez séculos. O seu acordo poderá modelar a Europa dos próximos séculos.

Estas perspectivas esclarecem a acção da França. Não temos, de modo algum, que dissolver-nos num conjunto que não existe e cujas perspectivas são incertas. E afirmando-nos a nós próprios, e fazendo estas exigências para uma verdadeira Europa, o elemento permanente da nossa acção política, que poderemos deixar aos nossos filhos uma possibilidade de se furtarem ao domínio dos sonhos para entrar no das realidades.

O caminho será longo, os obstáculos e os malogros múltiplos, o resultado incerto. Mas, na liberdade, nenhum outro caminho existe.

PROFESSOR/A

Físico-Químicas com prática ensino para 2.º e 3.º ciclos, precisa Colégio da Província, com grande frequência. Resposta a este jornal ao n.º 602.

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D

• (AO AREEIRO)TELEFS. 727654-727665-713057

SERVIÇO

estação de serviço peças legítimas e oficinas carros novos e usados com garantia facilidades de pagamento,

COMO VIVEREMOS?

TRABALHO

UM DESAFIO PARA OS SINDICATOS

«O mais poderoso movimento sindical do mundo!» Não há sindicalista da Europa Ocidental que não acaricie esta imagem, sonhando com o reagrupamento dos trabalhadores que, num único continente, sem descontinuidade territorial, se continuará no dia em que a Grã-Bretanha e os escandinavos se tenham juntado aos Seis da Comunidade Económica Europeia.

por JOANINE ROY

Com efeito, nestes dez países, a C.I.S.L. (Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, de inspiração socializante) conta actualmente mais de vinte e cinco milhões de trabalhadores colocados sob o seu estandarte. E atingir-se-iam os trinta e dois milhões de sindicalizados, adicionando, descaradamente, os membros das organizações filiadas na F. S. M. (Confederação Mundial do Trabalho, ex-Confederação Internacional dos Sindicatos Cristãos) ou sejam cerca de dois milhões e cinquenta mil pessoas.

Mas a unificação — o processo empregado acaba de ser entravado em Itália — ou, mais modestamente, a coordenação dos diferentes elementos do movimento operário é uma obra de longa duração.

A cooperação sindical nova tomou uma forma concreta com a criação da C. E. S. L. (Confederação Europeia dos Sindicatos Livres), que reagrupa doze milhões de sindicalizados, e da O.E.-C.M.T. (Organização Europeia da C.M.T.) com dois milhões e quinhentos mil sindicalizados.

A coordenação entre estes dois organismos é muito estreita e não visa apenas as questões doutrinais. O desenvolvimento das firmas multinacionais, com efeito, acelerou as iniciativas sindicais. As redes tecidas pela Philips, General Motors, Pirelli, Fiat-Citroën ou Saint-Gobain, suscitaram os mesmos reflexos de defesa, qualquer que seja a nacionalidade dos militantes. O melhor da sua acção situa-se, frequentemente, nos contactos bilaterais e na intervenção dos secretariados profissionais internacionais: metalurgia, química, alimentação, transportes, etc. A solidariedade pode mesmo manifestar-se de uma fábrica a outra.

A entrada dos britânicos e dos escandinavos não conduzirá sòmente a uma larga extensão geográfica do internacionalismo trabalhador. Praticamente sem rivais nos seus respectivos países de origem, os recém-chegados trazem consigo o prestígio da sua taxa de sindicalização elevada, das suas estruturas sólidas e dos seus abundantes recursos financeiros. Isto é particularmente válido para o T. U. C., colosso de dois milhões de membros. Até aqui, o continente só conhecia um único gigante: o D.G.B., com os seus seis milhões e duzentos mil aderentes.

E, tal como a água corre para o rio, os militantes trabalhadores estão convencidos de que os sindicatos poderosos atraem os trabalhadores que, até então, hesitavam em «tomar posse do seu cartão».

Com que vão conjugar-se estas forças? A C. I. S. L. será maciçamente maioritária com tradições reformistas, pragmáticas e, frequentemente, anticomunistas. Sobre o tabuleiro de xadrez da Europa Ocidental, os sindicatos que reclamam a luta de classes serão fortemente minoritários: sem julgar préviamente o que se passará em Itália, o bastião dos «revolucionários» será o da C. G. T. e da C. F. D. T. francesas.

CONTRA O EMBURGUESAMENTO

Mas, sobretudo depois de 1968, parece que os contestatários não se encontram únicamente nas fileiras dos sindicatos de rótulo marxista. A Bélgica, a Holanda, têm os seus esquerdistas, no interios ou fora das organizações. Greves selvagens, nos nossos dias, estalam na Alemanha Federal como na Grã-Bretanha. O T.U.C. deve tirar lições da experiência vivida com o governo trabalhista, tanto com o D. G. B. deve sacudir o seu emburguesamento, o que o impele a reclamar a cogestão, defendendo-se de uma colaboração demasiado comprometedora.

É certo que, ainda durante longo tempo, a defesa do poder de compra, a melhoria do nível de vida dos activos e dos reformados, a segurança do emprego, a redução da duração das horas de trabalho sob diversas formas, serão os seus objectivos primordiais.

Mas, para além disto, não é menos verdade que reivindicações recentemente desconhecidas se apresentam cada vez mais à boca de cena. A organização do trabalho vai requerer um esforço crescente de reflexão colectiva e individual, sobre a formação e o aperfeiçoamento profissionais, bem como sobre a automatização, a segurança social, os transportes urbanos, o alojamento, as liberdades sindicais e a poluição.

Finalmente, nos programas de acção, é o acesso ás responsabilidades que se perfilará cada vez mais nitidamente, quer se lhe chame participação, cogestão ou autogestão. Nesta democratização da economia e das relações industriais, o movimento trabalhador será levado a uma tomada de consciência política cada vez mais profunda ou a uma aceitação da integração.

VALORES

O ESPÍRITO SOPRA ONDE QUER

As modificações da educação, da cultura e dos ócios serão provocadas, sobretudo, nos futuros, pelos meios de comunicação de massa; a proporção de televisores a cores atingirá, pelo menos, um terço dos aparelhos em serviço e as «video-cassetes» encontrarão uma aplicação particular no sector cultural sem no entanto, diminuir a importância do livro. O jornal sem suporte material e as transmissões televizadas em directa através dos satélitas não estarão espalhadas por todo o lado, mas encontrar-se-ão no estado de experimentação.

por KARL STEINBRUCH

Igualmente, a aumento dos ócios, a evolução interna das actividades profissionais, reforçam a tendência para a educação contínua. Esta tendência, aliada à falta de professores, obriga a elaborar novos meios técnicos de educação: suportes electrónicos, dispositivos automáticos e informáticos, serão utilizados cada vez mais. De resto, a educação procura menos a aquisição de conhecimentos do que da aptidões. As universidades põem em acção um número crescente de estudos interdisciplinares para a protecção na Natureza, o desenvolvimento regional planificado, a exaltação à informação, etc. Sobretudo para as necessidades de administração, serão criados bancos regionais de informações. Todavia, nestes sectores, a perfuração capital — a da informação considerada como um «direito civil» — não se operará senão por volta de 1980. O tratamento e a utilização da informação chegam cada dia em maior número ao estatuto de terreno de pesquisas e de ensino.

A educação propõe-se criar, cada dia em maior número, comportamentos de tipo social, tomando en consideração as cercanias no seio de uma sociedade, mantendo em bom estado o seu quadro de existência, e assegurando os reempregos. Em casa e na escola, a educação levará a ócios cada vez maiores e aplicar-se-á no sentido de reduzir as consequências deploráveis (criminalidade juvenil, trabalho sujo, nevroses). Aplicar-se-á, em maior grau, a reintegrar os desadaptados na sociedade.

Mesmo na previsão a curto praso, os comportamentos humanos reservam uma importante margem de incerteza. As tensões internas que traduzem, sobretudo, as actividades de grupos de fracos efectivos, mas politicamente fanáticos, poderiam ter graves consequências se as estruturas políticas atravessassem crises, internas ou externas, por exemplo, devido a recessões económicas ou a situações militarmente perigosas. Sem estas crises, as tensões poderão ser controladas.

As alterações e modificações do sistema de valores existente — já observáveis nos Estados Unidos — serão sensíveis igualmente na Europa com algumas alterações que implicam normalmente situações diferentes. Neste domínio, parece que se passa das aptidões individuais e das virtudes nacionais para qualidades sociais voltadas para a acção humanitária. Não é certo que o desmantelamento, desde já constatado, do princípio de rendimento prosseguirá; com efeito, os problemas postos às sociedades do futuro (auxílio ao desenvolvimento, urbanismo «decente», saúde, sistema de educação) requerem tarefas de elevado rendimento, e, por outro lado, a aspiração humana a distinguir-se por «performances» pessoais manter-se-á imutável.

OS «INOVADORES»

A reivindicação virulenta de «democratização total» — presente actualmente, sobretudo, na República Federal — deveria atenuar-se, daqui até 1975, pelo próprio facto das evidentes lacunas que apresenta na elaboração de estruturas muito complexas.

Esta complexidade crescente faz com que a evolução previsível não conduza a uma diminuição da burocracia ou daquilo a que Toffler chama a «**adocracia**». Bem ao contrário a burocracia vai ganhar em importância e em competência. É bem possível que uma especialização profissional de «**inovadores**» venha à luz para os homens que impõem, apesar das resistências, modificações sociais, económicas e técnicas.

Mesmo que isto não seja ainda, actualmente, discernível, é permitido supor que a vaga de pronografia terá expirado em 1975 e, talvez, também a moda da droga. O regresso aos valores de vida interior e ao romantismo deveria acentuar-se e ser, pelo menos parcialmente, reabilitado pela «são sentimento popular». Um regresso à intolerância política e ideológica, e, talvez mesmo, ao antimaquinismo militante não é de excluir.

O tema maior dos anos vindouros não poderia ser, devido aos nomerosos problemas globais não resolvidos, o de uma emancipação ilimitada. Será mais o de uma interdependência reflectida, da aceitação de regras de comportamento que tornem possível a salvaguarda da cultura.

EFICÁCIA

Continuação da página três

produção. A Fiat considera o próprio facto da sua presença no seio da Europa do Mercado Comum, como um elemento permanente e essencial do seu próprio desenvolvimento. É, em suma, a partir deste alargamento da produção que se tem podido desenvolver a nossa abertura a Leste, permitindo o acesso da indústria italiana a um mercado de trezentos milhões de clientes potenciais.

Nas instituições como nos factos, vêem-se frequentemente acordos económicos a preceder històricamente a formação dos laços políticos mais estreitos. Nós franqueamos as fronteiras com os nossos produtos, com esses produtos, com esses produtos — e até antes — exportamos ideias, experiências, iniciativas. Na mesma medida, recebemos o contributo do «**saber**» dos nossos parceiros; é assim que aparece uma osmose científica e humana cada vez mais vasta, primeiro passo concreto em direcção a uma identidade europeia.

Os quatro jornais que, hoje, criam em conjunto um suplemento comum, não farão mais do que preceder, estou disso convencido, esta realidade europeia muito próximo, na medida em que saberão fornecer as possibilidadesde informação indespensáveis ao trabalho e à vida social, económica e de informação indespensáveis ao trabalho e à vida social, económica e política do nosso continente.

AO IR PARA FÉRIAS
LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR KONI
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGÁVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 56015/7/8 — LISBOA

BILHETE DE IDENTIDADE

Se precisa de obter ou renovar o seu bilhete de identidade antes de Outubro, faça-o desde já. Nos meses de Verão, a afluência de público costuma ser tão grande que é impossível evitar bichas com as consequentes incomodidades para as pessoas.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5
Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
QUEIRAM ENVIAR-ME SEM COMPROMISSO
INFORMAÇÕES DETALHADAS
Nome .....
Morada .....
Telef. .....
D L

SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA
Televisão ..... 2.990$00
Frigoríficos ..... 1.900$00
Trituradores ..... 260$00
Secadores de cabelo ... 140$00
Cassetes ..... 35$00
Relógios de cozinha ... 300$00
VENDAS A PRAZO
LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.
Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.
Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.
Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.
Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

VINHO VERDE
ADEGA COOP. DE BAIÃO
BAIÃO
branco
tinto
e
palhete
a. perdigão
UM VINHO SUAVE, DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS DE UMA REGIÃO ÚNICA NO MUNDO!!!
UM VINHO PARA OS APRECIADORES

EUROPA EM 1975

CULTURA

PARA QUE TAREFA?

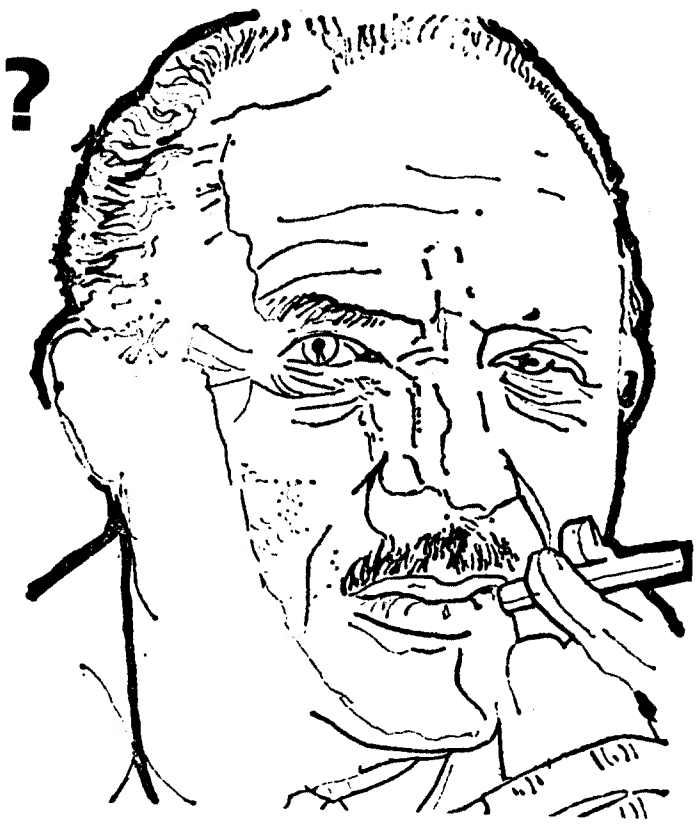
De momento, pelo menos, não existe verdadeiro patriotismo comunitário na Europa. Quero eu dizer, na Europa Ocidental. A unificação europeia, se vier a realizar-se um dia, será um casamento de conveniência. O medo, a urgência, a defesa da independência, poderiam fazer surgir um sentimento europeu mais poderoso e mais largamente espalhado do que aquele com que temos ainda que nos contentar. Ainda não é absolutamente certo. É preciso ter em conta o facto de que uma parte dos europeus não deseja a independência e obedece a impulsos e a alianças de uma ordem completamente diferente.

Não exigimos, no entanto, a ninguém um acto de fé entusiasta. Ninguém é europeu da mesma maneira que se é, ou pode ser, católico ou comunista. Muitos dos sortilégios europeus deixam-nos indiferentes ou chegam mesmo a aborrecer-nos. Isto que nós proclamamos querer defender como um legado do passado, ao qual não deveríamos renunciar, está, numa boa parte, morto ou enterrado. Acreditamos que ainda tenha vida, pois o espírito humano vê com mais frequência as ideias convencionais que cobrem as coisas do que a sua própria natureza. É precisamente a nossa cidadela da inteligência, tão exaltada, que revela, pelo seu comportamento suicida, certos limites insuportáveis da inteligência humana. Demasiado **«europeísmo»** pode tornar-se funesto - a experiência já o provou um pouco de **«antieuropeísmo** pode revigorar Fórmulas como: **a defesa dos valores europeus»** ou ainda **«a Europa e a civilização cristã»** estão desacreditadas a tal ponto que a não ser para as denegrir, já não se ousa sequer mencioná-las.

Quais as razões que a Europa tem para se fazer? Que conteúdo, que fim, que direito? O que é que ela representa? É uma personagem distinta para qualquer dos lados dos outros actores na cena do mundo? Este lado, é o lado bom? A Europa ainda é capaz de uma cultura e de uma busca originais? Ainda pode esclarecer o mundo? Tem um poder de invenção que não seria possível encontrar algures? A sua decadência defenitiva é inconcebível e intolerável?Tantas perguntas a propósito das quais se pode, à vontade, fazer floreados..Evidentemente que, por cultura, eu entendo a cultura fundamental e pública, a inventividade política, a coragem e a inteligência que propõem modelos vivos de sociedades novas e de vida moral renovada. De que serve exaltar uma cultura cuja força se limitaria a enviar um linguista, um biologista ou um arqueólogo a ensinar nas cátedras da universidade, hoje americanas e amanhã chinesas? O problema europeu, antes de ser o da unidade, é o da identidade.

Conquistador frequentemente obtuso, intolerante e brutal, o europeu não tem sido menos o primeiro a perceber a equivalência das culturas e a ver interiormente aquelas que eram as mais estranhas à sua própria. É sòmente na Europa que todo o intelectual tem um museu imaginário no qual a Europa não ocupa senão uma parte. Para o bem e para o mal, a Europa é de natureza universalista, compreende culturas fechadas que não entendem nada a não ser a sua própria cultura. Se a vontade de compreender todas as outras, isto é, de ser outra, tivesse um objectivo ilusório — simples reverso da agressividade —, era preciso concluir daí que a civilização europeia teria, toda ela, sido um desastre.

Talvez que o europeu seja esse Homem que — manifestando-se por tipos humanos contrastados e desprovidos de afinidades — conserva, não obstante, um carácter comum,



uma espécie de disponibilidade à qual não pode renunciar.

Uma Europa politicamente forte só é desejável se transformar a vida e o vigor em valores que os outros são incapazes de defender. Não que se trate-se de uma Europa sectária, levada a reboque pelo exterior e intelectualmente indigente. Hoje, as nossas dimensões são mundiais, e a ideia de que o futuro possa ser principalmente asiático e africano não tem nada de revoltante. Podemos mesmo resignar-nos a ser actores de segundo plano. Todavia, um verdadeiro patriotismo europeu não pode nascer senão com uma condição: é preciso que a Europa nos chame a uma tarefa nova, melhor, e que implique a nossa convicção.

«O povo francês, esculpido num granito indestrutível e colocado mesmo no centro do velho continente monárquico, é a primeira pedra deste imenso edifício do futuro, que se chamará um dia, os Estados Unidos da Europa!»

VITOR HUGO

(Discurso de 17 de Julho de 1851, na Assembleia Legislativa.)

«O primeiro valor europeu é a vontade de consciência. O segundo é a vontade de descoberta...»

ANDRÉ MALRAUX

(Conferência pronunciada na Sorbonne, em 4 de Novembro de 1946.)

A NECESSIDADE DE NOVIDADE

A Europa: 257 milhões de consumidores! Muitíssimo bem mas não é este, de maneira nenhuma, o aspecto sob o qual a víamos há meio século.

Tínhamos o espírito e o coração revoltados pela estúpida representação de povos inteiros sob a forma de uma personagem sumária, caricatural, obra má começada entes de 1914 pelos cançonetistas e desenhadores, e à qual, durante a guerra, os intelectuais deram um lamentável concurso, obedecendo à «conscrição dos cérebros», segundo a forte expressão de Eli Halévy Queríamos destruir estes fantoches de pasta de cartão, figuras de barraca de feira, mas por que medonho jogo de massacre! Queríamos que os nacionais de cada país abrissem os olhos sobre a rica variedade das paisagens, das obras, dos costumes e dos indivíduos pertencentes «aos da frente».

Por ARNOLD GEHLEN

Para nós, tomar consciência da Europa era tomar consciência de um mosaico infinitamente complexo e precioso, antigo pelos legados, vivo pelas presenças. Deste mosaico não conhecíamos nem sabíamos prezar senão uma parte: mas, em frente, havia equivalentes diferentes da catedral de Reims, das árvores do passeio público, de Charles Péguy e do Soldado Desconhecido. É esta riqueza diversa dava valor ao nosso continente.

Porque a excelência da espécie humana reside na nossa capacidade de individualização, na nossa faculdade de nos desenvolvermos como seres diferentes, e de criar o diferente.

A Europa aparecia-nos como um parque maravilhoso no qual podiam desenvolver-se todas as possibilidades diferentes da **pianta uomo** para nosso encantamento mútuo e numa indispensável reciprocidade das atenções.

É preciso amar o próximo, e é uma perigosa aberração reduzi-lo ao semelhante. Esta redução ao semelhante é a tendência natural de todo o poder (e de toda a organização), pois os semelhantes são mais fàcilmente governados, manejados, servidos até. É porque esta semelhança convém a todo o poder, qualquer que ele seja, ele exerce, embora inconscientemente, uma violência neste sentido. Visto o obstáculo assim posto à eclosão particular, bem-vindo é o outro poder que se eleva e permite escapar às sujeições estabelecidas; porém, bem depressa este novo poder é, por seu turno, reducionista.

«Uma fé, uma lei, um rei», dizia Luis XIV muito antes de Hitler dizer: **«Ein Volk, ein Rech, ein Führer».**

O Estado apareceu, primeiro, como libertador mas, por sua vez, tornou-se reducionista. Qual o exemplo mais espantoso do que o da Alemanha? Que contraste o da rica diversidade alemã do tempo de Bach e do carácter impresso depois de Bismack!

Este reducionismo dos Estados havia tomado um carácter crítico pelo seu antagonismo. As invasões recíprocas haviam levado às simples rivalidades de soberanos o concurso poderoso de um natural ressentimento popular contra o estrangeiro conhecido sob os traços do invasor.

É para vencer este reducionismo que sonhámos a Europa como devendo proporcionar aos indivíduos, às localidades às regiões, a faculdade de realizar as suas diferenciações, de se realizar sob características diferentes.

ESCOL INQUIETANTE

Mas o que é que nos prepara esta nova **élite** que voa de um Hilton a outro, armada de pastas de mão, contendo planos de integração que porão em movimento os **«bulldozers»?**

Chegaremos a ver uma sociedade europeia em que o princípio da semelhança tenha triunfado completamente sobre o princípio da diferenciação, em que as nossas cidades já não serão diferentes a não ser quanto ao numero de habitantes, em que os indivíduos já não serão diferentes, senão em termos de mais e de menos, de diplomás, de qualificações, de lugares, de rendimentos, de êxitos?

Qual será, então, o valor da Europa para a marcha do género humano? Bem menor seguramente do que foi o valor das cidades italianas.

O princípio de semelhança é destruidor; vemos o seu horrível cúmulo no momento em que o «desvio» é condenado como tal, identificado à doida. No nosso caso, não acontece assim, e como não sentir o preço do contraste.

Porém, permitir não é suficiente. Este deve ser o projecto de inflectir a marcha da nossa sociedade no sentido da diversidade. De resto, só assim podemos servir o terceiro mundo, pois, qual é a esperança para os seus povos senão trabalhar cinquenta anos ou mais para chegar ao nosso estado actual? É a isso que os condena a escala graduada sobre a qual o princípio da semelhança os situa.

Não há possibilidades de se realizarem outras além das sugeridas pela imitação? É essa, então, toda a nossa imaginação? Não, e há-de ver-se.

Canon F-1
só temos uma vida
e só há uma Canon

CANON F1, altamente controlada no seu rendimento, precisão e resistência, é, sem dúvida, uma máquina de qualidade superior. As suas excepcionais características possibilitam a sua aplicação nos mais vastos campos – desde a fotografia normal, fotografia de osciloscópio e fotocópia, até à macrofotografia, microfotografia e astrofotografia.
CANON F1 é a única máquina no mundo que oferece a possibilidade de trabalhar automàticamente, sem a intervenção humana; podendo ser accionada à distância ou controlada electrònicamente. A CANON F1 tem ainda pose automática e diafragmas comandados por célula foto-eléctrica.
A CANON F1 é constituida por cerca de 10.000 componentes; ela é um maravilhoso produto da ciência e da técnica do nosso tempo.
CANON F1 - UMA GARANTIA DE SUPER QUALIDADE E DURAÇÃO.
CANON - UMA GAMA COMPLETA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS E DE CINEMA

sonipol
LISBOA - PORTO
Departamento FOTO-CINE
R. ANTÓNIO ENES, 9-C

EM EXPOSIÇÃO
FINO FOTOGRAFIA E CINEMA
Rua Nova do Almada, 51 — tel. 322605 — Lisboa

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz ARAZEDE